



Paixão Voraz
(At the Sicilian Count's Command)
Carole Mortimer



Os Sicilianos 02

O conde Wolf Gambrelli a incomodava, irritava... e a deixava louca de paixão. Angelica bem que tentou odiá-lo, mas não conseguiu tirá-lo da cabeça. Ele havia sido escolhido para protegê-la, e ela só esperava que seu corpo não a traísse sob seu intenso olhar. Afinal, o desejo de Wolf por Angelica era evidente, e nada o deteria até que a tivesse possuído...

Digitalização: Simone R.
Revisão: Crysty

Projeto Revisoras





Querida leitora,

Angélica Harper havia acabado de encontrar Stephen Foxwood, e não esperava que ele convidasse o conde Wolf Gambrelli a visitá-lo, fazendo-o sair da Itália para conhecê-la. Wolf, no entanto, presumiu o pior, e imaginou que ela estivesse interessada apenas no dinheiro de seu amigo. A verdade, contudo, era bem mais complexa, e descobri-la não o ajudaria a se livrar da irresistível atração por Angelica. Ela, por sua vez, o considerava arrogante e intratável, mas não conseguia evitar sucumbir à paixão...

Equipe Editorial Harlequin Books

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V. / S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: AT THE SICILIAN COUNT'S COMMAND

Copyright 2008 by Carole Mortimer

Originalmente publicado em 2008 por Mills & Boon Modern Romance Arte-final de capa: núcleo i designers associados

Editoração Eletrônica:

ABREU'S SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654 / 2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186 / 2195-3185 / 2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

CAPÍTULO UM

— Tive um motivo muito importante para convidá-lo a vir até aqui este fim de semana, Wolf... Ah, acho que Angel chegou — Stephen Foxwood, seu amigo e anfitrião, murmurou feliz ao ouvir o som de uma porta se fechar. Os dois homens sentados no terraço, naquela noite morna de verão, desfrutavam uma taça de vinho antes do jantar. — Conversaremos mais tarde — prometeu Stephen, erguendo-se da cadeira. — Venha conhecer minha... Conhecer Angélica Harper — corrigiu-se, entrando na sala de estar através das portas francesas.

Wolf o seguiu intrigado. Os dois homens eram amigos há muitos anos e ele imaginara que o convite para passar a noite de sábado na casa de campo de Stephen fosse para discutirem a conclusão próspera de um negócio em comum, que ambos haviam celebrado naquela semana. Stephen não dera nenhuma indicação de que gostaria de falar sobre outro assunto. Ou que sua namorada atual — Angel? — estaria presente.

Stephen, pelo que Wolf sabia, fora casado com Grace por trinta anos, até a esposa morrer um ano atrás. Não que, particularmente, fosse um casamento feliz, mas também não era dos piores. Mas o fato de ser casado, por certo, não o impedia de ter outros relacionamentos, apenas os mantinha em segredo, porque era um homem discreto.

Agora que Grace estava morta, não se sentia mais na obrigação de esconder suas amantes.

Entretanto, Wolf não se sentia totalmente preparado para conhecer a mais recente amante do amigo. Abaixando os cílios sobre os olhos escuros, ele observou Stephen atravessar a sala e dar um beijo acalorado na face da mulher que acabara de entrar. Os anos de prática de proteger seus pensamentos, na sala de diretoria, bem como em seu quarto de dormir, permitira-lhe manter uma expressão indecifrável, mesmo sentindo como se uma corrente elétrica o tivesse atingido, no momento em que olhou para a mulher por quem, o normalmente cínico Stephen estava, obviamente, apaixonadíssimo.

Aparentando estar na casa dos vinte, Angélica Harper devia ser pelo menos trinta anos mais jovem que Stephen e também a mulher mais bela que ele já vira.

Como um dos solteiros mais cobiçados da Europa, desde a metade dos seus 36 anos de vida, Wolf conhecera intimamente muitas das mulheres mais belas do mundo.

Mas Angélica Harper, alta, cabelos negros, chegando-lhe à cintura, olhos cinzentos ornados por longos cílios, uma face delicada e bonita e um corpo esguio, revelado pelo vestido justo tomara que caia, exibia uma sensualidade que lhe chamou atenção.

— Venha cumprimentar Angel, Wolf — encorajou-o Stephen, com um braço descansando de modo possessivo sobre os ombros esbeltos da jovem, enquanto a conduzia para o interior da sala.

— Angélica — corrigiu ela num tom seco, estendendo a mão num gesto gracioso. — Somente Stephen me chama de Angel — acrescentou.

Wolf a cumprimentou de modo automático, sentindo um formigamento nos dedos só de tocá-la.

— Angélica — repetiu cauteloso, mais do que perturbado pela reação imediata de seu corpo àquela mulher atordoante.

A casa de campo de Stephen ficava a mais de cinquenta quilômetros de Londres, situada na gloriosa zona rural inglesa, e Wolf viera até ali com a intenção de relaxar, após o período atribulado que envolveu a conclusão de um negócio que ele e Stephen concretizaram. Os dois haviam comprado uma propriedade na Florida Keys, com a finalidade de transformá-la em mais um dos bem-sucedidos empreendimentos que fizeram de Wolf e Stephen dois dos homens mais ricos da Europa.

Não lhe passara pela cabeça, no entanto, conhecer a jovem e bela namorada de Stephen enquanto estivesse ali.

E, então, recordou que o amigo mencionara num tom casual que havia um motivo importante para o convite de fim de semana.

Que por certo seria apresentar-lhe aquela mulher que só permitia ao amante chamá-la de Angel.

Uma mulher que fazia o corpo de Wolf enrijecer em antecipação só de fitá-la!

— Este é Wolf. Conde Gambrelli, Angel — disse Stephen com um brilho morno no olhar, enquanto os apresentava. Ainda era um homem bonito, apesar dos 58 anos de idade. Tinha apenas alguns fios de cabelos grisalhos nas têmporas e um corpo flexível e esbelto, impecável em um terno de noite preto.

Angélica fez uma saudação com um gesto de cabeça. Seus olhos se alargaram ligeiramente quando o nobre continuou segurando a mão dela após a apresentação, além do tempo que a educação ditava para tê-la libertado.

Ela já ouvira falar do conde Carlo Wolf Gambrelli, é claro. Um playboy italiano, cuja vida, tanto em nível pessoal quanto profissional, era um prato cheio para a imprensa. O sucesso nos negócios só era superado pelas proezas com as mulheres, que há muito o haviam apelidado de Wolf, um nome que ele parecia ter adotado para si.

Olhando para aquele homem, sua reputação de mulherengo contumaz não era difícil de acreditar: Gambrelli era um dos homens mais letalmente atraentes que ela já conhecera.

Os cabelos à altura dos ombros possuíam uma tonalidade castanho-dourada, em vez do tom escuro característico dos sicilianos. A pele era bronzeada, os olhos de um profundo e insondável castanho e as maçãs do rosto altas sobressaíam uma de cada lado de um nariz aristocrático, sob o qual se delineava uma boca carnuda e sensual e um queixo determinado. Alto e elegante, trajava paletó preto e gravata da mesma cor e uma camisa branca. O exterior sofisticado não escondia seu poderoso físico: ombros largos, quadris estreitos e pernas longas.

Sim, Wolf Gambrelli era o homem mais letalmente atraente que já vira. Mas bastara alguns minutos em sua companhia para chegar à conclusão de que também exalava uma aura de poder, confiança e desumanidade, que deixava claro que não hesitaria em lançar mão da aparência ou do poderio econômico para conseguir o que queria.

— Por favor, pode me chamar de Wolf. — A voz soou suave.

Angélica fez questão de libertar a mão, ao mesmo tempo em que o repeliu com um sorriso frio.

Uma frieza que despertou em Wolf o desejo de arrancar-lhe o vestido preto do corpo curvilíneo e tentador, deitá-la no tapete, acariciá-la e a beijá-la, até senti-la arder em seus braços.

Mas ao mesmo tempo percebeu que o braço masculino e possessivo de Stephen sobre os ombros esbeltos, era uma advertência de que Angélica Harper era sua propriedade exclusiva.

Ele estreitou o olhar e a estudou.

Por que uma mulher jovem e bonita se envolvera com um homem tão mais velho? Por dinheiro? Agora que Stephen estava viúvo, talvez ela esperasse se tornar uma dessas esposas troféu? Uma mulher que negociava sua juventude e beleza para conseguir um marido rico? Stephen parecia bastante seduzido para lhe oferecer isso!

— Toma uma bebida, Angel? — perguntou Stephen.

— Seria adorável, obrigada — aceitou Angélica Harper. — Sua visita à Inglaterra é longa ou breve, Wolf? — indagou ela, quando Stephen cruzou a sala para lhe verter uma taça de vinho branco da garrafa gelada que o mordomo trouxera minutos antes.

— Ainda não decidi — ele se viu respondendo, com os olhos fixos na abundância daqueles lábios pintados com um batom cor de pêssego-perolado.

Lábios que por certo haviam sido feitos para beijar e serem beijados.

— Aqui está. — O sorriso de Stephen incluía Wolf e Angélica quando o homem voltou com a taça de vinho, oferecendo-a a ela, antes de mais uma vez passar um braço em torno de seus ombros. — Está excepcionalmente adorável esta noite, Angel — elogiou, os olhos azuis exibiam um brilho apreciativo. — Não acha, Wolf? — incitou orgulhoso.

A boca de Wolf se contraiu ao notar o rubor delicado que tingiu a face sedosa de Angélica. Aquela mulher era sem dúvida de tirar o fôlego. Mas o fato de pertencer a outro homem anulava o desejo primitivo que ele sentia de reivindicar aquela beldade para si.

— Angélica está muito bonita — reconheceu Wolf sem comprometer seu visível tumulto interno.

O que estava havendo de errado com ele?

Já vira e se envolvera fisicamente com dúzias de beldades. Loiras, morenas, ruivas. Outras com cabelos cor de ébano como os de Angélica Harper. Então, o que aquela mulher tinha que o fazia ter vontade de arrancar o braço de Stephen daqueles ombros delicados, colocá-la sobre os próprios ombros e apoderar-se dela como um viking?

Só de imaginar as coisas que gostaria de fazer quando a tivesse consigo, fez seu corpo pulsar ardentemente.

Angélica fitou Stephen por sob os pesados cílios com um olhar interrogativo. Conhecia-o muito bem agora para ser enganada pela leveza do seu tom de voz. Estava atenta ao propósito que com certeza havia por trás da presença de Wolf Gambrelli ali, naquele fim de semana. Após meses compartilhando a mesma casa com Stephen nos finais de semana, sempre que os compromissos de ambos permitiam, sabia que ele raramente fazia ou dizia algo que não tivesse um propósito ou um bom motivo para tal.

Mas ainda não fazia a mínima idéia do que havia por trás daquela visita de Wolf Gambrelli!

Embora tivesse achado a intensidade do olhar do conde um pouco enervante. A primeira vez que a fitou foi como se a despissem com os olhos, algo que a fez sentir uma onda de calor.

Isso era ridículo!

Wolf Gambrelli era um playboy siciliano com reputação de mulherengo. Não passava um mês sem que uma revista ou outra o estampasse em suas páginas, com fotos

do seu mais recente relacionamento. O homem parecia mudar de mulher com a mesma frequência que mudava os lençóis de seda que diziam usar em sua cama.

Tudo isso provava que ele era exatamente o tipo de homem por quem jamais teria a menor intenção de se sentir atraída!

— Creio que está na hora de jantarmos — disse ela aliviada, ao ver Holmes, o mordomo de Stephen, parado junto à entrada da sala.

Vinda de uma casa simples, a qual compartilhava com os pais e duas irmãs mais novas e mais tarde tendo dividido um apartamento com três outras jovens quando estava na universidade, ainda achava a opulência do estilo de vida de Stephen um pouco opressor. Às vezes, sentia vontade de fazer uma refeição só para os dois, onde comeriam na mesa da cozinha. Mas isso era algo que Stephen jamais permitira. A cozinha e as dependências dos empregados, tanto na casa de Londres quanto na casa de campo, não era lugar para ela.

— Talvez queira acompanhar Angel até a sala de jantar, Wolf? — sugeriu Stephen, removendo o braço dos ombros dela. — Por mais que eu aprecie, não posso retê-la só para mim — acrescentou.

— Claro! — O siciliano se moveu até ela e lhe ofereceu o braço.

Angélica lançou outro olhar interrogativo a Stephen, antes de colocar a mão de leve no braço de Wolf Gambrelli e sentir a rigidez dos músculos do conde sob os dedos. Era como aço sob seda, enquanto ele se movia com a graça natural de um atleta.

Era difícil imaginar quando aquele homem arrumava tempo, entre suas façanhas amorosas e o trabalho, para esculpir músculos tão perfeitos.

Ela removeu a mão do braço de Wolf tão depressa quanto possível ao chegarem à sala de jantar. Porém, seu alívio foi breve. Quando o conde se curvou para lhe oferecer uma cadeira, esbarrou os cabelos dourados em seu ombro nu. O cheiro envolvente da água de colônia masculina invadiu os sentidos de Angélica e o calor da respiração cálida de Wolf Gambrelli tocou-lhe perigosamente o lóbulo da orelha.

Com uma carranca de irritação, ela se afastou, deliberadamente, para longe da proximidade dominadora daquele homem. Não havia razão para ele ficar assim tão perto.

— Está na hora de começarmos a nos divertir um pouco, Angel — disse Stephen, uma vez todos sentados em torno da mesa redonda.

Angélica franziu o cenho. Naqueles seis meses, desde que começara a passar alguns fins de semana com Stephen, os dois jamais procuraram divertimento. Passavam a maior parte do tempo tentando conhecer um ao outro. Wolf Gambrelli era o primeiro convidado que recebiam para jantar.

— Deveria começar a exibi-la por aí em vez de mantê-la só para mim — acrescentou Stephen. — Não acha, Wolf?

Angélica olhou para o conde e baixou os cílios, enquanto ele respondia para o homem mais velho, com uma expressão tão ilegível quanto a dela.

— Não estou certo se gostaria de compartilhá-la com qualquer outro se ela fosse minha — respondeu Wolf por fim, sabendo que se Angélica Harper de fato fosse sua, definitivamente ia querê-la só para si.

Talvez fosse essa a razão para aquela inexplicável atração?, perguntou-se.

Talvez fosse o fato de Angélica Harper não ser sua, de pertencer a Stephen e não estar disponível, que a tornava mais desejável a seus olhos?

Não, não podia ser isso, refutou de imediato. Sempre fizera questão de jamais se envolver com a mulher de outro homem. Os jornais podiam gostar de descrevê-lo como um playboy internacional, mas isso não significava que ele não tinha um código moral pelo qual se regia.

Infelizmente, bastava olhar para Angélica, contemplar o mistério profundo daqueles olhos cinzentos, deslizar o olhar pela pele nua de seus ombros delicados e a firmeza dos seios contra o tecido macio do vestido, para fazê-lo desejar jogar aquele código moral pela janela juntamente com seu juízo.

Stephen deu uma gargalhada.

— Quanta honestidade!

Honestidade não tinha nada a ver com aquilo. Wolf se conhecia muito bem e estava fascinado pela bela Angélica Harper.

Embora não soubesse nada sobre ela, além do fato de ser a mulher mais bonita, sensual e excitante que ele já vira. E que pertencia a Stephen...

— Pare de provocar o Conde Gambrelli, Stephen — ralhou Angélica. Os olhos cinzentos continham um brilho de advertência e Stephen ergueu as sobrancelhas com um ar inocente. O olhar que ela lhe lançou em retorno prometia que haveria um ajuste de contas mais tarde. — Espero que goste de salmão defumado. — disse ela, virando-se educadamente para Wolf.

Embora o olhar inflamado do conde, tão escuro e ardente quanto chocolate derretido, não demonstrasse a mesma cortesia ao pousarem famintos em seus lábios ligeiramente apartados, o que a fez prender a respiração.

E quando Angélica moveu a língua, como por instinto, para umedecer os lábios que ele tão atentamente fitava, aquele olhar trigueiro seguiu-lhe o movimento, antes de subir para queimá-la mais uma vez com seu brilho flamejante.

— Mais vinho, Wolf? — A leveza da pergunta de Stephen quebrou a tensão e ela olhou para cima para ver Holmes parado, aguardando, pacientemente, ao lado do convidado, a fim de encher-lhe o copo com o vinho branco que acompanharia a entrada.

Angélica conseguiu levar ar aos famintos pulmões, quando Wolf Gambrelli desviou o olhar e se virou para acenar com a cabeça ao mordomo. O conde tinha a mandíbula contraída com tanta força que era possível ver o movimento de um nervo pulsando. As maçãs do rosto angulosas claramente visíveis e os olhos castanhos encobertos, enquanto ele elevava o copo de vinho e tomava um longo gole da bebida.

Estava reagindo à beleza sensual de Angélica Harper como um homem privado de água em um deserto, reconheceu desgostoso consigo mesmo.

Após os comentários lisonjeiros de Stephen sobre Angel, sua suposição de que outro homem estava totalmente apaixonado por ela ficara mais que óbvia. E nenhum desejo de sua parte parecia capaz de mudar aquela situação.

Começou a comer seu salmão defumado, não apreciando a succulenta delicadeza da iguaria, já que havia perdido o apetite. Pelo menos o apetite por comida. Não ficava excitado daquela maneira por uma mulher desde que era um adolescente inexperiente.

— Angélica é um... nome incomum — observou ele num tom jovial.

Ela assentiu com a cabeça.

— Minha mãe sempre se interessou bastante por plantas, ervas e flores. Tenho duas irmãs gêmeas chamadas Melissa e Valeriana — acrescentou. — Só Deus sabe que nome ela

nos teria dado se fôssemos meninos. Manjerição, Gergelim e Confrei, talvez! — Ela deixou escapar uma risada.

O som gutural de sua risada deslizou sensualmente sobre a pele de Wolf, quase como uma carícia, arrepiando-lhe os cabelos da nuca e fazendo-o sentir uma onda de calor percorrer-lhe as veias.

— Sua mãe é obviamente uma mulher sábia e tem visão — opinou Stephen enfático... — Angel é um nome perfeito para você, meu amor — disse ele num tom caloroso, cobrindo-lhe a mão com a sua.

— Você é suspeito para falar — disse ela num tom afetuoso.

Wolf de fato não estava seguro se conseguiria agüentar aquilo durante a noite toda. Se Stephen ficasse ainda mais fascinado sua bela e exótica Angel, acabaria simplesmente babando.

Não seria nada reconfortante saber que o sócio desejava babar junto com ele.

Angélica Harper, como se sentisse o olhar disfarçado de Wolf sobre ela, virou-se para incluí-lo na conversa.

— Em que lugar da Itália nasceu, Conde Gambrelli? — incitou ela com voz cortês.

Ele não queria cortesia da parte daquela mulher, reconheceu em pensamento. Na realidade, seus instintos, no que se referia a Angel, eram os mais primitivos possíveis.

Mas pelo menos a conversa tornou-se mais genérica depois disso, com os três discutindo os méritos, ou não, dos diferentes lugares que haviam visitado no mundo.

E, à medida que a noite transcorria, Wolf conheceu um pouco mais a misteriosa Angélica Harper.

Antes de conhecer Stephen, um ano atrás, parecia ter levado uma vida pacata com a família em Kent. Cursara três anos em uma universidade para obter uma graduação em Ciências Políticas e então se mudara para Londres para trabalhar como assistente de um político, algo que, pelo entusiasmo claro em sua voz, obviamente desfrutava.

O que soava deveras incompatível com a namorada ou mulher fútil que imaginara que ela fosse...

— Você agora vai perder tudo isso? — indagou interessado, recostando-se na cadeira, enquanto os três bebiam uma xícara de café ao término da refeição.

Angélica franziu o cenho e o fitou.

— Por que eu perderia?

Ela havia sentido o olhar crítico de Wolf Gambrelli sobre ela, mais de uma vez, enquanto jantavam e preferiu ignorá-lo. Embora, para ser franca, era praticamente impossível ignorar um homem tão atraente quanto o conde.

Ele encolheu os ombros largos.

— Deixar Londres e o seu trabalho...

— Mas não estou deixando Londres ou abandonando o meu trabalho. Por que faria isso? — Angélica o fitou com um olhar interrogativo, confusa pelo fato de Wolf pensar tal coisa.

— Por mais que eu quisesse manter Angel comigo o tempo todo, Wolf, ela prefere permanecer uma mulher independente — explicou Stephen, contemplando-a com uma expressão orgulhosa. — Apesar de todos os meus apelos para que ela me deixasse tomar conta dela e mimá-la, Angel recusa-se a deixar o próprio apartamento ou o trabalho.

— É claro! — exclamou Angélica. — Amo ter meu próprio apartamento. E o meu trabalho. Além do mais, ficaria entediada se ficasse em casa o dia todo sem fazer nada.

— Está vendo, Wolf? — Stephen riu. — Angel é um achado raro, uma verdadeira mulher independente e bonita!

Um achado raro de fato, reconheceu o conde com uma carranca. Sua suposição de que Angélica Harper se envolvera com Stephen por interesse se provara incorreta.

O que fez aumentar ainda mais o ar de mistério que a cercava...

Da parte dela, Angélica achou a suposição de Wolf Gambrelli de que ela havia abdicado de sua independência ao encontrar Stephen extremamente ofensiva.

Em primeiro lugar, após viver com duas irmãs e compartilhar um apartamento com três outras moças na universidade, era adorável ter algum espaço só dela. E gostava demais de seu trabalho para sequer pensar em deixá-lo.

Só porque passava alguns fins de semana com Stephen, isso não significava que devia ser mantida por ele, também.

— Mostrou-se uma anfitriã atenta e encantadora esta noite, meu bem. Obrigado. — O calor do sorriso de Stephen fez desaparecer qualquer resquício de ressentimento que restara das insinuações de Gambrelli.

— Obrigada — disse Angélica, retribuindo o sorriso e aliviada pelo jantar ter chegado ao fim. — Se não se importam, acho que vou me recolher.

— Claro que não, meu bem — assegurou Stephen. — Posso ministrar o restante da noite sozinho.

Ela franziu o cenho preocupada.

— Você está...

— Estou bem, Angel. Apenas um pouco cansado, é tudo. Espero que não se incomode se formos dormir cedo, Wolf?

Os cotovelos de Wolf descansavam sobre o tampo da mesa, os dedos firmemente entrelaçados, enquanto ele ouvia a conversa dos dois. Ao mesmo tempo, sabia que era ridículo não atentar para o fato de que Stephen e Angélica mal podiam esperar para ficarem a sós.

Embora, as vividas imagens que o simples pensamento lhe acarretou fossem uma garantia de que sua noite seria de insônia!

— Não sou mais tão jovem quanto imaginava que fosse — acrescentou Stephen.

— Nenhum de nós é — rebateu Wolf, certo de que compartilhar uma cama com a bela e sensual Angélica podia ser tudo menos tranquilo.

— Boa noite, Wolf — murmurou ela enquanto se levantava. — Espero que durma bem.

Os olhos do conde se estreitaram cheios de suspeita ao mesmo tempo em que ele procurava na beleza daquela face feminina algum sinal de escárnio, uma indicação de que Angel sabia que ele não conseguiria dormir direito, aquela noite, quando sua mente estaria repleta de imagens das suas pernas longas e sedosas em torno do corpo de outro homem, levando-a à quintessência do êxtase.

Aqueles olhos cinzentos enevoados o fitaram fixamente, não deixando transparecer nenhum pensamento de Angélica Harper, e ele não pôde ver nenhum sinal de escárnio no sorriso cortês que lhe curvava os lábios sensuais.

Porém não podia afirmar que não havia tal intenção. A mulher podia apenas ser uma excelente atriz.

— Tenho certeza de que sim — devolveu ele num tom seco. — Foi um prazer conhecê-la, Angélica — acrescentou com voz baixa, incapaz de se conter.

Ela continuou fitando-o sutilmente durante vários segundos, antes de inclinar a cabeça de leve.

— Obrigada. Você vem, Stephen...? — O convite soou suave.

— Irei já — prometeu num tom caloroso.

O olhar de Wolf permaneceu fixo em Angélica enquanto a observava se afastar, os cabelos longos e escuros caindo sedosos ao longo das costas, enfatizando as curvas delicadas dos quadris que se moviam graciosamente.

— Que prazer foi conhecer Angel, não, Wolf? — murmurou Stephen.

O olhar do conde se voltou de imediato ao homem mais velho enquanto Angélica fechava a porta da sala de jantar suavemente atrás de si, levando com ela o calor que aquecia o ambiente. Wolf mascarou sua expressão ao perceber a curiosidade nos olhos de Stephen.

— Como você havia dito antes, Stephen, Angélica é muito bonita — respondeu sucinto. — Onde a encontrou?

Stephen encolheu os ombros.

— Não a encontrei. Ela me encontrou — explicou pesaroso. — Meu dia de sorte, hein? — acrescentou.

— É verdade — concordou Wolf, reservado.

— E melhor eu ir agora, caso contrário Angel ficará preocupada — Stephen lhe falou com uma careta afetuosa. — Mas conversaremos amanhã.

— Sobre o motivo importante que o fez me convidar para vir aqui? — perguntou especulativo, sabendo que nenhum dos dois estava com a menor disposição para discutir sobre negócios.

Sempre colocando a vida profissional acima da pessoal, Wolf estava bastante atento ao fato de que sua mente se encontrava repleta de pensamentos sobre Angélica Harper naquela noite. Imagens dela na cama de Stephen continuavam a atormentá-lo.

Ela dormiria nua? Ou talvez usasse algo acetinado e atraente para provocar o velho amante?

Só de pensar naqueles cabelos longos, escuros e sedosos sendo a única coisa a cobrir os seios empinados, deixando a cintura esbelta e as coxas curvilíneas descobertas, era o bastante para dominar todos os pensamentos de sua mente.

— Sim — Stephen confirmou com um suspiro, agora aparentando estar tão cansado quanto dissera que se sentia.

— Desculpe não continuar nossa conversa, mas eu... — Ele sacudiu a cabeça. — Falaremos amanhã — prometeu.

Wolf estava muito inquieto para se preocupar em tirar a roupa quando chegou ao quarto alguns minutos depois, muito menos tentado a ir para a cama. Então, decidiu que iria até a biblioteca e verteria um copo do conhaque de uma garrafa, que com certeza devia haver lá. Precisava de um drinque. Qualquer coisa que o fizesse parar de pensar em Angélica Harper na cama com Stephen.

O que não seria muito provável de acontecer, reconheceu irritado, quando, ao deixar seus aposentos, viu Angélica saindo de um quarto um pouco à frente no corredor. O quarto de Stephen? Wolf desejou saber enquanto a fitava transfixado. Nesse caso, ela não ficara muito tempo com o amante, os dois homens haviam subido menos de dez minutos atrás.

Wolf obteve resposta quase imediata para sua curiosidade quando Angel, usando uma camisola de seda clara, que aderiu às curvas de seu corpo atordoante, parou em frente à porta de um quarto no meio do corredor de onde ela havia saído e bateu suavemente.

Stephen abriu a porta e quase imediatamente após o som daquela batida, Angélica entrou no quarto e, em seguida, a porta se fechou atrás dela.

Wolf exalou o ar que retinha nos pulmões com um suspiro trêmulo ao mesmo tempo em que se encostava à parede, atormentado pelos pensamentos do que estaria acontecendo no quarto de Stephen.

E percebeu que, com ou sem conhaque, não tinha esperança de dormir aquela noite.

CAPÍTULO DOIS

— E eu que pensei que tivesse deixado de acreditar em sereias há muito tempo!

Angélica se assustou, surpresa ao ouvir aquela familiar voz irônica. No mesmo instante, se virou na água e assim pôde ver Wolf Gambrelli que se encontrava de pé na extremidade da piscina, fitando-a com um olhar contemplativo.

Ter uma piscina privativa na casa de Stephen para descer às seis e trinta da manhã era um dos luxos ao qual ela não fora capaz de resistir, quando começou a passar os finais de semana ali. Um mergulho matutino agora fazia parte da rotina diária dos seus fins de semana.

Um mergulho que sempre fora solitário até aquele dia.

Stephen, como de hábito, já estava ocupado em seu estúdio, naquele momento do dia, conferindo os e-mails ou faxes que poderiam ter chegado durante a noite.

O fato de estar usando apenas um biquíni vermelho, ter os cabelos molhados e escorridos para trás e a face sem maquiagem, após nadar os 50 metros habituais na piscina, só aumentava a sensação de desvantagem. Wolf trajava uma camisa preta de manga curta e calça comprida da mesma cor, que nada faziam para esconder a largura poderosa daqueles ombros, os braços musculosos e as coxas rijas.

— Conde Gambrelli — cumprimentou ela num tom educado.

— Angel — retribuiu ele, a expressão nos olhos castanho-escuros era ilegível.

A face de Angélica corou ligeiramente ao ouvi-lo referir-se a ela pelo nome que Stephen carinhosamente a chamava.

— Se está procurando Stephen...

— Não estou — respondeu sucinto.

Então o que estaria fazendo ali? O fato de estar vestido não parecia indicar que viera dar um mergulho.

— O desjejum está sendo servido na sala de jantar se estiver...

— Também não estou com fome, Angel — interrompeu Gambrelli, acorrendo-se na beirada da piscina para lhe oferecer a mão. — Pelo menos, não de comida... — acrescentou enigmático.

Angélica franziu o cenho ao olhar para aquela mão: os dedos longos e esguios. Não estava certa se desejava sair da água e revelar suas formas naquele biquíni minúsculo. E também não tinha certeza se queria dar a mão a Wolf Gambrelli!

O que era bem ridículo. Tudo que precisava fazer era se lembrar que o conde era exatamente o tipo de homem por quem ela não tinha a menor intenção de se sentir atraída e isso deveria ser o bastante para anular aqueles sentimentos de consciência física.

Com esse pensamento, estendeu o braço e aceitou a mão dele, notando os músculos que se moveram nos ombros poderosos, à medida que ele a puxava, sem fazer esforço, para fora da água.

Percebeu de imediato que sua respiração ficara presa na garganta, quando aqueles olhos castanhos escureceram e se moveram, apreciativa e lentamente, ao longo do seu corpo, demorando-se na cremosidade dos seus seios, na curva do estômago e no contorno suave dos quadris.

Angélica ofegou, sabendo que dizer a si mesma que aquele homem era tudo que ela não queria na vida, um playboy e mulherengo, não estava funcionando. Sentia-se demasiado atenta ao calor que emanava daquele corpo viril, dos poderosos ombros largos... Do fato de que seu próprio corpo sensível ardeu ante a carícia apreciativa daqueles olhos.

— Se me dá licença, normalmente faço um banho de imersão na Jacuzzi após nadar.

— Ela se virou para pegar a toalha na cadeira, enxugando a água da piscina, antes de envolver o corpo no tecido felpudo.

— Vá em frente — disse Wolf de modo arrastado. Não fora capaz de resistir a unir-se a ela, quando, ao voltar de um passeio no jardim, antes do café da manhã, viu Angélica sozinha na piscina.

Havia notado a coleção de estátuas, em sua maioria deusas, quando entrara no calor da área que abrigava a piscina, mas nenhuma delas se comparava à beleza de Angélica Harper. Ficara algum tempo parado, observando-a nadar, contemplando a brancura de sua pele, a beleza da face simples sem maquiagem, dominada por aquele par de olhos cinzentos enevoados, ornados por cílios espessos e escuros.

Parecia ainda mais bela naquela manhã do que na noite anterior.

Wolf caminhou vários metros atrás dela, depois de Angélica lhe lançar mais um olhar aborrecido e se dirigir à outra margem da piscina, onde o vapor subia convidativo de uma Jacuzzi redonda. Uma densa vegetação protegia a banheira de olhares curiosos.

A boca do conde se contraiu quando facilmente imaginou Angélica e Stephen nus dentro da banheira, se aquecendo no vapor, antes de saírem e fazerem amor.

Na realidade, sua imaginação não parará mais de trabalhar desde que pusera os olhos naquela mulher.

Como testemunhava sua noite de insônia, reconheceu irônico.

Não que uma noite sem dormir fosse problema. Não. O fato era que achara Angélica Harper tão sensual e provocante naquela manhã quanto na noite anterior, esse era o problema.

Porque, após vê-la entrando no quarto de Stephen na noite anterior, não havia dúvida sobre a intimidade do casal.

— Humm... — Ela deixou escapar um murmúrio de prazer enquanto afundava na água borbulhante. Sentando-se em um dos bancos ladrilhados subaquáticos, apoiou a cabeça na borda para olhar o sorumbático e silencioso Wolf Gambrelli. — Você realmente

deveria ir nadar um pouco e depois vir para cá, Wolf — disse Angel num tom alegre enquanto se deleitava na Jacuzzi. — É absolutamente maravilhoso!

— Prefiro ficar apenas olhando — assegurou o conde, acorrendo-se dessa vez para pegar uma longa mecha dos cabelos escuros de Angélica que havia ficado para fora da água.

Isso os fez ficar bem próximos. Perigosamente próximos, reconheceu ela, sentindo a respiração presa na garganta e seu olhar cativo da carícia feita por aqueles dedos longos em seus cabelos.

— Você o ama?

Angel o fitou atônita. A aspereza do tom combinava com o brilho frio dos olhos escuros e a mandíbula tensa.

— O que disse? — perguntou confusa.

A mão forte de Wolf apertou a mecha farta dos cabelos dela e a retorceu ao redor dos dedos. Repetidas vezes. De modo que Angélica foi forçada a erguer a cabeça, o que aproximou sua face ainda mais da dele. Ela podia ver os pontinhos dourados que salpicavam o castanho daqueles olhos astutos.

— Perguntei se ama Stephen — repetiu o conde. — Uma pergunta bastante simples de se responder, não acha? — incitou ante ao silêncio de Angel. — Basta um sim ou não — acrescentou quando ela continuou calada.

Não era tão simples assim, pensou Angélica. Sua relação com Stephen era bem mais complexa que isso. Ainda estavam tentando se conhecer. E, embora, gostasse de Stephen, não tinha certeza se entendia a vida que ele levava durante os últimos trinta anos.

A mandíbula de Wolf se contraiu, ao vê-la calada, sem responder à pergunta. Seus olhos frios como gelo e a mão apertando a sedosidade daqueles cabelos escuros. Então, seu escrutínio baixou, à medida que a fez erguer o pescoço e os seios atrevidos subiram, com os mamilos intumescidos claramente projetados contra o tecido macio da parte superior do biquíni vermelho.

Wolf sentiu um súbito desejo de ver aqueles seios descobertos, para saber se os mamilos eram de um marrom tentador ou um cor-de-rosa convidativo. Queria tocá-los e prová-los até arrancar-lhe gemidos guturais de prazer.

— Conde Gambrelli, está me machucando — o protesto inesperado desfez-lhe os pensamentos eróticos.

Wolf fez uma carranca que se aprofundou, quando olhou para baixo e percebeu que havia apertado os cabelos dela nas mãos.

Deixou escapar um suspiro de desgosto, ao mesmo tempo em que libertou a mecha sedosa, ergueu-se e enfiou a mão no bolso da calça. Em seguida olhou para baixo.

— Stephen está obviamente fascinado por você...

— Acho que isso não é da sua conta.

— Fico surpreso de ver uma mulher jovem e bonita como você se vender a um homem por dinheiro.

Angélica parou de esfregar a área dolorida do couro cabeludo.

— Vender-me? Eu? — repetiu lentamente. A boca do conde se curvou irônica.

— Eu a vi entrando no quarto de Stephen ontem à noite, logo penso que é um pouco tarde para tentar bancar a virgem indignada.

— E *como* me viu, Conde Gambrelli? — exigiu ela, não se lembrando de tê-lo visto no corredor na noite anterior. — Ficou escondido entre as sombras nos espiando? — ri-

dicularizou, subindo em uma onda de bolhas e escalando para fora da banheira. Furiosa, agarrou a toalha e a colocou ao redor do corpo, antes de se virar de frente, com a face corada de raiva e os olhos brilhando com a mesma emoção. — Então? — desafiou furiosa.

Que diabos ele estava fazendo?, Wolf desejou saber desgostoso consigo mesmo.

Sua resposta ardente à beleza sensual daquela mulher o fizera esquecer toda a discrição?

— Não, claro que não os estava espiando — negou num tom frio. — Decidi ir até a biblioteca para tomar um conhaque e...

— E por pura coincidência exatamente na hora em que eu estava indo ao quarto de Stephen? — concluiu ela, sacudindo a cabeça, enojada. — Creio que minha relação com Stephen não seja da sua conta, Conde Gambrelli.

— Stephen é meu amigo...

— Amigos não ficam espionando uns aos outros — desafiou-o novamente.

— Já lhe disse que não estava espionando.

— Não acredito em você.

Wolf enrijeceu ante aquela declaração, as narinas se alargando.

— Acha de fato que me prestaria de boa vontade a ser testemunha da paixão de Stephen por você? — refutou ele.

O rubor se aprofundou na face de Angélica.

— Os sentimentos de Stephen por mim não lhe dizem respeito.

— Nem mesmo se eu acreditar que ele está sendo feito de bobo por uma jovem com idade para ser sua filha? — rebateu Wolf.

Angélica ficou em silêncio, baixando os cílios como uma proteção para o choque que sabia que estaria estampado em seus olhos.

Porque, sem saber, Wolf Gambrelli havia descrito, exatamente, o que era a relação dela com Stephen. Era filha dele. Uma filha ilegítima. Nascida de Kathleen Singer oito meses após seu caso com Stephen Foxwood ter terminado.

Angélica sempre soubera que o marido da mãe, Neil Harper, não era seu pai verdadeiro, tinha apenas cinco anos de idade quando Neil e a mãe se casaram. Mas nunca se importou com isso. Neil sempre a tratara da mesma forma que tratava as próprias filhas de sua relação com Kathleen.

Embora a mãe tivesse lhe contado o nome verdadeiro do pai quando ela fizera doze anos, Angélica não sentira curiosidade suficiente na ocasião para procurá-lo. Mas aos dezoito anos e um pouco mais curiosa, descobrira que Stephen continuava casado com Grace.

Entretanto, um ano atrás vira o obituário de Grace no jornal e após ler que o casamento, de trinta anos, de Stephen e Grace, não gerara filhos, sentiu-se curiosa em relação ao pai que jamais conhecera.

Uma curiosidade que discutira com a mãe e Neil antes de tentar se aproximar de Stephen Foxwood. Como imaginara, Neil e Kathleen apoiaram totalmente sua decisão de fazer pelo menos um contato com o verdadeiro pai e deixá-lo saber que tinha uma filha.

O primeiro encontro entre pai e filha fora extremamente emocionante.

Logo, seguiram-se vários outros encontros e seis meses depois, por fim, Angélica concordou em passar alguns fins de semana na casa de Stephen, para que ambos pudessem se conhecer melhor.

Ainda estavam enfrentando esse processo de entrosamento.

E agora aquele homem, aquele Wolf Gambrelli, o arrogante conde siciliano, aparecia e começava a julgar uma relação da qual nada sabia.

Ela e o pai haviam concordado desde o início que manteriam a relação em segredo por algum tempo. Um segredo que Stephen, obviamente, escondera até mesmo de Wolf Gambrelli, seu melhor amigo. O que resultara naquelas suposições cruéis e insultantes por parte daquele homem presunçoso.

Angélica não acreditava que os comentários de Gambrelli sobre a relação assumida dos dois fossem por mera preocupação com Stephen. Havia reparado no modo como o conde acompanhava-lhe todos os movimentos, na noite anterior. E, novamente naquela manhã, vira o desejo nos olhos dele, quando a fitou. Sabia que ele a estava procurando por interesses pessoais em vez de preocupação com o amigo.

Um egoísmo que não iria a parte alguma se dependesse dela. Wolf Gambrelli era apenas uma versão mais jovem de Stephen. E, embora tivesse conseguido perdoar o pai por todas as suas indiscrições do passado, simplesmente pelo fato de ser seu pai e por estar aprendendo a amá-lo, por certo não seria estúpida o bastante para se envolver com um homem com uma conduta semelhante à de Stephen.

— Não tem nada a dizer em sua defesa? — Gambrelli quebrou o silêncio prolongado.

Angélica respirou devagar, antes de erguer os cílios e fitá-lo com um olhar de desdém.

— Não estou sendo julgada, Conde Gambrelli.

— Está brincando com as emoções de um homem a quem considero um bom amigo e que também é meu sócio.

— Stephen é adulto — afirmou ela num tom firme. — Tenho certeza de que não precisa que interceda por ele.

— Stephen não parece enxergá-la do mesmo modo que eu — rebateu severo.

Angélica ergueu uma sobrancelha.

— E como você me enxerga?

A mandíbula de Wolf se contraiu, sua frustração com aquela situação aumentara. Tendo passado a maior parte da noite pensando naquela mulher, imaginando-a nua e voluptuosa nos braços de outro homem, jamais deveria ter vindo até ali ao vê-la sozinha na piscina e com certeza não deveria ter iniciado aquela conversa.

Estava deixando a atração que sentia por Angélica demasiado óbvia. E não era uma situação que se assentava confortavelmente sobre seus ombros quase sempre tão seguros de si.

— Devo admitir que parece ser mais inteligente que a maioria, mantendo seu apartamento, seu trabalho e sua independência — disse Wolf. — Mas como isso parece ter deixado Stephen ainda mais fascinado por você, não tenho dúvida de que ele em breve vai insistir para que mude de idéia.

— É mesmo? — disse Angélica Harper num tom cínico. — Obrigada por compartilhar essa informação comigo, Conde Gambrelli. — Ela inclinou a cabeça. — Agora, se me dá licença... Estou achando o ar aqui bastante opressivo.

Wolf sentiu vontade de alcançá-la e impedi-la de partir. Queria segurar-lhe os braços e sacudi-la com força. Queria tomá-la para si e beijá-la, até ela concordar em deixar Stephen e ser sua.

Aquela constatação era chocante, totalmente incoerente com sua habitual atitude em relação às mulheres e tudo que podia fazer era ficar parado, observando Angélica se afastar. Sem dúvida com a intenção de contar ao seu amante apaixonado que ele a havia insultado!

O que significava que não apenas deixara seu interesse por ela transparecer, mas também com certeza arruinara uma amizade e sociedade de anos.

Mas não havia nenhuma evidência de que Angélica mencionara o incidente para Stephen. Quando os três se sentaram para tomar o desjejum juntos uma hora depois, o sócio aparentava estar amigável e relaxado como sempre. O comportamento de Angélica em relação a ele era um pouco mais frio, o que era compreensível, mas, fora isso, não dera nenhuma outra indicação sobre a conversa que tiveram na margem da piscina.

Wolf a estudou de modo discreto: os cabelos longos e sedosos haviam sido lavados, secos e presos em um rabo de cavalo que lhe enfatizava as maçãs do rosto altas e a linha delicada do maxilar. A única maquiagem parecia ser um batom que combinava com a cor da camiseta vermelha que ela usava juntamente com uma calça de brim desbotado. A curva tentadora dos seios era visível sobre o decote...

— Poderia montar esta manhã com Angel, Wolf?

A atenção dele de imediato se focalizou em Angélica, naqueles seios tentadores. Por um momento, Wolf se sentiu completamente desorientado. Com uma carranca, se virou para Stephen.

— O que disse? — perguntou distante.

O amigo elevou as sobrancelhas grisalhas ao perceber a distração óbvia do sócio.

— Sugeri que, se fosse do seu agrado, poderia montar com Angel?

Isso era o que ele havia pensado que outro homem dissesse! Exceto agora percebia que Stephen estava se referindo a cavalos!

Os pensamentos de Wolf haviam seguido outra direção.

— Stephen, acho que não é...

— Ora vamos, querida — Stephen interrompeu-lhe os protestos. — Infelizmente, tenho uma conferência telefônica para fazer esta manhã e sabe que não gosto que cavalgue sozinha. Angel aprendeu a montar há pouco tempo — explicou ele a Wolf.

Mas o conde Gambrelli era a última pessoa que Angélica queria que a acompanhasse a qualquer lugar!

Fato esse que o pai deveria estar bem ciente após a conversa que tiveram antes do café da manhã, quando ela lhe dissera que achava que ele deveria explicar a relação dos dois a Wolf, que o siciliano parecia um pouco confuso com respeito ao papel dela na vida de Stephen.

Poderia tê-lo colocado a par do que ouvira do conde, mas sabia que Wolf Gambrelli era amigo íntimo de Stephen há anos e não queria lançar uma sombra sobre a amizade dos dois homens. Stephen lhe assegurara que pretendia contar tudo ao sócio naquele fim de semana.

— Tenho certeza de que o Conde Gambrelli tem coisas melhores a fazer esta manhã do que ir cavalgar comigo — disse Angélica determinada, ao mesmo tempo em que lançou um olhar suplicante a Stephen, nem um pouco segura se poderia aturar mais insultos da parte de Wolf sem retaliar.

Porque se fosse de fato a mais recente amante de Stephen, não teria perdido tempo em dizer a Gambrelli exatamente o que ele poderia fazer com suas observações bastante pessoais.

A única condição que Angélica fizera questão absoluta de impor, ao concordar em passar algum tempo com Stephen, foi deixar claro que não queria nada dele. Nem ajuda na carreira, nem o dinheiro que ele queria colocar em seu nome.

Mas teria feito o mesmo se em vez de filha fosse a amante de Stephen.

— Vai fazer alguma coisa esta manhã, Wolf? — perguntou Stephen.

Algo não estava se encaixando ali, decidiu o conde. Em primeiro lugar, Stephen não parecia nem um pouco preocupado com o fato de Wolf passar a manhã com Angélica. Obviamente, o sócio o conhecia o suficiente para saber sobre seu código de honra em relação a mulheres comprometidas. Mas, por outro lado, estava depositando confiança demais nele...

E ainda não conseguira entender por que Angélica não contara ao amante sobre a rudeza com que fora tratada na piscina naquela manhã. Era a coisa mais óbvia a fazer, afinal de contas.

— Por que não? — aceitou num tom lânguido. — Tenho certeza de que vou gostar muito de cavalgar com Angel — acrescentou com a voz suave e percebeu um rubor delicado tingir a pele de alabastro de Angélica.

— Excelente! — Stephen assentiu satisfeito com o acordo. Aparentava estar totalmente alheio às tendências ocultas naquela conversa. — Sinto-me feliz em saber que Angel está em boas mãos.

Wolf não teria se sentido tão feliz com aquele acordo se fosse Stephen, não quando seus sentimentos em relação a Angélica Harper estavam longe de ser inocentes.

E, o mais inquietante, bem longe do seu habitual e rígido controle.

CAPÍTULO TRÊS

Quando se uniu a Angélica nos estábulos, meia hora mais tarde, Wolf sentia-se cada vez menos confiante sobre manter esse controle.

A calça de montaria justa que ela usava deixava muito pouco para a imaginação. Até mesmo a blusa branca ondulante, comprimida sob o cós estreito da calça, era uma provocação, exibindo mais do que escondendo a elevação firme dos seios por baixo do tecido.

— Não espere muito de mim, Conde Gambrelli — disse pesarosa.

Wolf ergueu o olhar daqueles seios livres que o fascinavam, sabendo, pelo modo como as sobranceiras dela arquearam interrogativamente, que Angélica estava atenta àquele escrutínio ousado.

— Sou uma novata nisto — confidenciou quando o cavaleiro colocou a mão em concha para ajudá-la a montar no lombo da plácida égua negra que fora selada para ela.

Wolf se pegou fitando-a como um adolescente inexperiente, reconheceu decepção consigo mesmo. Aquela mulher o transformara num tolo desajeitado e ingênuo.

— Todas as evidências apontam para o contrário, Angel. — Ele passou por trás dela para pegar as rédeas de um cavalo, cinza malhado, das mãos de outro cavaleiro, no qual montou com extrema agilidade.

Angélica percebeu depressa que o que ele insinuou era explícito demais para ser confundido com qualquer coisa diferente.

O Conde Gambrelli de fato era um arrogante bastardo, decidiu. Extremamente seguro de si. A ponto de ela saber que não sentiria nenhuma pena dele quando Stephen lhe contasse a verdade sobre a relação dos dois, fazendo-o parecer um completo idiota.

Na realidade, estava tão aborrecida, tão exasperada com a constante rudeza daquele homem, que não sentia mais nenhuma inclinação para impedi-lo de fazer tal papel.

O fato de estar absolutamente magnífico sobre o lombo do cavalo não contribuía muito para minorar o ressentimento que sentia por ele. Os cabelos dourados brilhavam como ouro à luz do sol. Trajava uma camisa branca, calça de montaria preta e botas que lhe conferiam uma aparência indomável.

Wolf Gambrelli era belo demais para seu próprio bem e muito confiante no que se referia às mulheres. Por certo merecia ser colocado em seu lugar.

— Obrigada, Tom. — Ela tornou um sorriso grato ao cavaleiro enquanto o rapaz a ajudava a pôr os pés nos estribos. — Pronto, conde? — incitou num tom seco, enquanto ele a observava com um olhar exíguo. Como se suspeitasse que ela estivesse tentando seduzir o empregado.

Aquele homem de fato merecia a humilhação que esperava que ele sofresse quando Stephen lhe contasse que ela era sua filha e não amante, decidiu Angélica aborrecida.

— Estou logo atrás de você. — Wolf inclinou a cabeça com uma expressão séria.

Angélica precisou cutucar duas vezes os flancos da égua para passar para o outro lado em direção ao caminho que normalmente pegava quando cavalgava com o pai, levando alguns minutos para se endireitar na sela, após algumas semanas sem ter vindo à propriedade rural de Stephen.

Como não tivera oportunidade de ensinar-lhe equitação quando era criança, Stephen decidira corrigir essa falha agora. Para seu alívio, já conseguia ficar ereta sobre a sela sem medo de cair, embora fosse uma amazona mais nervosa do que desejava.

É claro que não era páreo para a graça natural de Wolf Gambrelli sobre a montaria. Cavaleiro e cavalo se fundiam, movendo-se como um só, reconheceu encantada, quando ele passou a sua frente a caminho dos campos. Controlava o cinzento sem esforço. Os músculos ondulavam nos ombros e costas e os cabelos sedosos esvoaçavam ao sabor da brisa amena de verão.

Era uma pena ser o tipo de homem que era, pensou Angélica, observando a musculatura daquelas costas largas. Há muito não se sentia tão atraída fisicamente por um homem.

Não estava namorando ninguém no momento, mas aos 26 anos tivera vários namorados no passado, é claro. Mas era isso exatamente o que eles foram, *namorados*.

Jamais conhecera alguém como Wolf Gambrelli, um homem que exalava tanta sensualidade que era quase impossível tirar os olhos dele.

— Qual o seu grau de experiência?

Os pensamentos de Angélica cessaram de súbito quando, ao fitá-lo, notou o desprezo evidente em seu olhar.

— Não muito grande — respondeu.

Deixe-o continuar cavando esse buraco, disse a si mesma determinada. E esperava que, uma vez a par da verdade, Wolf Gambrelli se envergonhasse de cada um dos insultos que lhe imputara de maneira deliberada!

A boca do conde se curvou zombeteira. Achava a afirmação de Angélica difícil demais de acreditar, quando tinha um homem com a experiência de Stephen tão atraído por ela.

E, embora tivesse que admitir, todos os seus movimentos também o haviam atraído. Wolf inclinou a cabeça de modo elegante.

— Talvez pudesse me mostrar o que é capaz de fazer? A boca de Angélica se contraiu.

— Talvez — devolveu mordaz.

Wolf assistiu quando ela incitou o cavalo num trote ao lado do dele. A brisa morna alisava-lhe a blusa, delineando sutilmente os mamilos rosa-escuros que se projetavam contra o tecido leve, satisfazendo pelo menos uma das curiosidades que tinha sobre ela.

Mas havia muitas outras...

Como, por exemplo, por que estava desperdiçando sua mocidade e considerável beleza com um homem tão mais velho? Escolhera Stephen como amante porque achava que alguém mais velho apreciaria mais sua beleza e juventude? Achava que um homem mais velho permaneceria mais tempo escravo de seus encantos? Permaneceria fiel?

Se fosse isso que Angel pensava sobre Stephen, então escolhera a pessoa errada. Stephen não fora fiel à esposa que dizia amar, arrumando numerosas amantes ao longo de todos os anos em que foram casados.

— Como você e Stephen se conheceram? — perguntou Wolf quando os cavalos emparelharam. Angélica mostrava uma aptidão natural, com um trote leve, que ele não conseguia parar de admirar.

Ela o fitou de relance, antes de responder.

— O que Stephen lhe contou sobre isso?

Wolf curvou os lábios num sorriso, apreciando o modo como Angélica percebera que sua pergunta era uma armadilha.

— Não me contou nada. Apenas disse que foi você que o encontrou.

Angel sorriu, revelando uma fileira de dentes brancos em contraste com o batom vermelho.

— É verdade, fui eu.

E? Wolf desejou saber frustrado.

— Você deve saber que Stephen não é um sujeito muito fiel? — disse o conde em voz alta.

O sorriso de Angélica enfraqueceu ligeiramente ao mesmo tempo em que ela ergueu o queixo com altivez.

— Igual a você, Conde Gambrelli — disparou sarcástica.

A boca de Wolf se contraiu ao ouvi-la referir-se a sua reputação.

— Não estamos falando de mim e...

— Não? — interrompeu ela. — Talvez devêssemos. — Um brilho profundo iluminou os olhos cinzentos. — Porque, a meu ver, você não tem nenhum direito de fazer comentários sobre a infidelidade de Stephen quando não passa de um mulherengo — disse com a face corada de raiva e indignação por causa de Stephen.

Como o conde Gambrelli ousava comentar sobre o comportamento do pai dela quando seus inúmeros casos amorosos eram publicamente divulgados?

Ele a fitou com um ar arrogante.

— Não deveria acreditar em tudo que lê na imprensa marrom.

Angélica deixou escapar um suspiro exasperado.

— Bem, se pelo menos metade das histórias sobre seus casos amorosos fosse verdade, já era o suficiente para eu considerá-lo um atleta sexual. E solte minhas rédeas — advertiu-o, irritada, quando Wolf puxou-lhe as rédeas das mãos, aproximando suas montarias, algo que deixou a égua negra de Angel nervosa. — Vai acabar nos derrubando da sela em um minuto — disse impaciente enquanto lutava para manter controle sobre o animal.

Apesar de sua inexperiência, jamais levava um tombo, mas sempre poderia haver uma primeira vez.

Estava achando a obsessão de Wolf Gambrelli com respeito à sua relação com Stephen profundamente irritante. Será que não percebia que aquilo não era da sua conta? Que não era da conta de ninguém, a não ser dos dois, Stephen e ela?

Fora devido à natureza delicada, à novidade da relação entre pai e filha, que ambos decidiram desde o início não tornar o assunto público. Stephen sabia muito bem, após anos tendo todos os seus passos informados pelos tablóides, como o advento de ter uma filha ilegítima repercutiria na imprensa sensacionalista.

Mas Wolf Gambrelli era como um cão, um lobo, roendo um osso, recusando-se a ser dissuadido de discutir um assunto que não lhe dizia respeito.

— Eu disse para soltar as minhas rédeas! — repetiu desesperada ao ver a égua se movendo agitada. Ao mesmo tempo sacudiu as pontas das rédeas com força na mão de Gambrelli e cravou os saltos das botas nos flancos da própria montaria, até sentir o conde relaxar o aperto. Curvando-se sobre a crina da égua, incitou o animal a um galope veloz.

Mas logo percebeu que ele a seguia. Podia ouvir o ruído próximo das patas do cinzento, o resfolegar quente do cavalo contra suas coxas à medida que ele a alcançava.

Cravou os saltos das botas com mais força nos flancos da égua, não se preocupando, naquele momento, com o fato de jamais ter galopado tão rápido e que se sentia completamente fora de controle.

Sua intenção era fugir de Wolf Gambrelli, ir para bem longe das suas observações cada vez mais insultantes.

— Pare, sua tola! — gritou ele, impaciente.

Angélica o ignorou, ocupada demais em manter-se na sela para sequer responder-lhe. Seus olhos alargaram-se de pânico ao notar que a égua não ia na direção do portão aberto. Em vez disso, aproximava-se rapidamente do muro de mais ou menos um metro que circundava o campo. Puxar as rédeas em desespero não parecia surtir efeito algum naquele galope selvagem.

Não estava certa acerca do que se passou a seguir. Se a égua de repente decidira que não queria pular o muro ou se seu desespero em puxar as rédeas, por fim, se mostrara eficaz. Tudo que Angélica sabia era que a égua parara subitamente e uma força cinética a impulsionara por sobre a cabeça do animal.

Por um breve momento, teve a sensação de estar voando, antes de atingir o solo com tamanha força, que todo o ar parecia ter sido roubado de seus pulmões, forçando-a a fechar os olhos, enquanto o mundo parecia rodar a sua volta.

Wolf rangeu os dentes em frustração, observando-a galopar para longe dele. Arregalou os olhos ao notar que ela havia perdido o controle do animal. No mesmo instante, instigou o cavalo e quase a alcançara, quando a égua resolveu parar abruptamente. O rosto de Wolf ficara lívido e não fora capaz de fazer nada, a não ser assistir horrorizado à queda monumental de Angélica no solo pedregoso, apenas a alguns passos de distância.

De imediato, puxou as rédeas do cavalo malhado e, antes mesmo que o animal parasse, já havia desmontado, correndo na direção dela, que ainda se encontrava caída e estática. Estaria morta?

— Você, sua tola! — praguejou, ajoelhando-se a seu lado.

Não se sentiu nada confortável ao notar-lhe as pálpebras cerradas e imóveis. Muito menos lhe agradava a palidez daquela face delicada. Num impulso, puxou-a contra si. Os cabelos sedosos soltaram-se do rabo de cavalo e caíram em cascata sobre seu braço.

— Por que não me deu ouvidos? — Ele a sacudiu de leve — Angel...? Angel? — gritou desesperado. E então notou-lhe uma pulsação fraca na base do pescoço. — Ah, pelo amor de Deus, abra os olhos e olhe para mim! — suplicou, aliviado ao constatar que ainda estava viva. Agora, porém, precisava saber se havia fraturado algum osso na queda.

Os olhos permaneciam firmemente fechados, mas a garganta se movia compulsivamente enquanto tentava falar.

— Se não se importa, preferia que você não... — murmurou ela.

Wolf deu um suspiro de frustração.

— Preferia que eu não o quê? — perguntou impaciente. Será que ela estava delirando? Teria a queda, de alguma forma, lhe afetado o cérebro?

— Olhe para você. Esta situação já é bastante constrangedora sem isso.

— Constrangedora...? — repetiu ele, enquanto seus braços se fechavam ainda mais em torno dela. — Angel, se não abrir os olhos agora mesmo e me garantir que não tem nenhum osso fraturado, serei forçado a sacudi-la para valer.

Angélica levantou os cílios com esforço, aliviada por notar que o mundo parara de rodar. Um sorriso pálido curvava-lhe os lábios enquanto fitava a expressão zangada no rosto de Wolf Gambrelli.

— Ah, isso sem dúvida ajudaria bastante — comentou num tom seco. Não estava certa se havia ou não fraturado algum osso, pois o corpo inteiro doía devido ao impacto. Não. Não parecia ter quebrado nada, decidiu, enquanto flexionava lentamente os músculos das pernas e dos braços. As costas estavam um pouco doloridas, mas dava para suportar. Os dentes haviam rangido com estrondo, mas ao passar a língua por eles constatou que ainda estavam no lugar.

Mais uma vez encarou Wolf que a fitava ansioso. Seus olhares se prenderam e Angélica observou, fascinada, as pupilas daqueles olhos castanhos se dilatarem até se tornarem negros como a noite. Em seguida, aquele olhar escuro se fixou na maciez da sua boca.

Wolf Gambrelli ia beijá-la...!

Angélica teve certeza disso um segundo antes de o conde baixar a cabeça e sua boca capturar a dela em um beijo voraz. Os braços fortes envolveram-na como faixas de aço, quando ele a puxou de encontro à rigidez do tórax.

Estava desorientada, trêmula demais para fazer qualquer coisa diferente do que corresponder à demanda firme daqueles lábios sobre os seus. O ataque à sua boca fora

muito rápido após a queda. Sem pensar no que fazia, ergueu os braços até os ombros largos de Wolf e uma vez mais se sentiu como se estivesse voando pelo ar sem o benefício de uma rede de segurança.

Os cabelos dourados do conde eram tão macios e sedosos quanto ela imaginara, pensou, enquanto uma de suas mãos afundava nas mechas densas. A outra mão, ainda apoiada no ombro dele, sentiu a tensão dos músculos firmes quando Wolf a puxou mais para si, movendo os lábios sobre os dela com uma experiência que minou completamente sua resistência.

Os lábios de Angélica se apartaram ao sentir a língua exigente e implacável contra a suavidade da sua. Wolf lhe explorou a sensibilidade antes de ir mais adiante. Com um movimento ágil, deitou-a no chão, curvou-se a seu lado e começou a acariciá-la, deslizando a mão até seus seios e coxas, de modo sensual e, subindo novamente, empurrando, impaciente, o tecido macio da blusa dela para tocar-lhe a pele nua.

Aquilo era demais. Após o recente galope da égua e seu pânico absoluto ao ver a parede se aproximando, Angélica não tinha a menor vontade de lutar contra aquela arremetida selvagem.

Em vez disso, gemeu ao sentir o doce prazer que de repente percorreu seu corpo. O calor crescente entre as coxas, o formigamento quase doloroso dos seios, quando Wolf depositou-lhe beijos cálidos na mandíbula e pescoço. O fogo daqueles lábios e boca envolveu-lhe um dos mamilos e a língua do conde começou a umedecer o botão sensível, antes de sugá-lo, envolvendo-o completamente naquela caverna quente.

Angélica arqueou o corpo quando a mão de Wolf capturou-lhe o outro seio. O calor torturante entre as coxas aumentava para um nível perigoso, se tornando uma necessidade profunda e dolorida, enquanto ele continuava sugando-lhe o mamilo. Mas aquela boca parou de repente e ele a fitou com um ar de descrença.

— Não! — protestou, afastando-a com rudeza para em seguida se erguer. — Você pertence a outro homem.

Angélica tentou se concentrar, totalmente desorientada pela queda, para não mencionar o comportamento inesperado de Wolf a seus sentidos.

Gambrelli fechou os olhos, então os abriu e disse:

— Isso vai de encontro aos meus princípios, a todas as regras que eu... Pelo amor de Deus, cubra-se — ordenou ríspido, com a face pálida e um nervo latejando na mandíbula firmemente contraída.

A autorrepugnância e o desprezo contido na voz do conde a atingiram, ao mesmo tempo em que ela puxava a blusa para baixo e se erguia. Virando-se de costas para ele, moveu-se para inspecionar a égua que pastava na grama a alguns metros dali. Com os joelhos bambos e as mãos tremendo ligeiramente, ela tocou o pescoço do animal.

Mas que coisa mais estúpida ela fizera.

Não que tivesse tido escolha, estava muito aturdida após a queda para resistir quando Wolf começara a beijá-la com sofreguidão. Mas ter se permitido corresponder aos beijos e às carícias do conde, gemer aquela resposta em voz alta, fora a maior estupidez da sua parte.

Não desejava se envolver com Wolf Gambrelli, que não passava de uma versão mais jovem de Stephen, um homem que só ficava por perto tempo suficiente para partir o coração de uma mulher, antes de passar para a próxima conquista.

E além de ter agido de modo insensato, isso servira para aumentar o desprezo dele por ela.

Agora o conde não só acreditava que ela era amante de um homem trinta anos mais velho, bem como uma amante infiel.

Estava na hora de colocar os pingos nos is.

— Wolf, acho que você deveria saber que Stephen é...

— Um tolo — rangeu desgostoso. — Como eu também, por sucumbir a seus truques.

Angélica o encarou incrédula.

— Acha que me lancei do cavalo deliberadamente? Que provoquei o que aconteceu agora há pouco?

Wolf lhe lançou um olhar frio, ainda lutando intimamente contra o desejo que o acometeu ao tomar Angélica nos braços. O alívio ao constatar que ela não estava morta, seguido pela raiva que sentiu pela estupidez daquela mulher em imprimir um galope irresponsável, o compeliu a beijá-la e acariciá-la daquele modo selvagem e inconseqüente.

Não ajudava saber que também estava lutando intimamente contra o fato de que havia quebrado sua própria regra cardeal de nunca se envolver com a mulher de outro homem.

A boca de Wolf se contraiu.

— Eu não disse isso.

— Não precisa verbalizar. — Angélica respirou fundo, os seios, com os mamilos ainda intumescidos pelas carícias a que foram submetidos, subiam e desciam depressa sob o tecido da blusa. — Você é incrível, sabia? — continuou exaltada. — Tirou proveito do fato de eu estar atordoada, se não totalmente desorientada, depois de ter caído do cavalo e agora está me imputando a culpa inteira pelo que aconteceu. — Ela sacudiu a cabeça. — Meu Deus, você merece a humilhação que está prestes a sofrer. E quanto mais cedo melhor.

Wolf ficou imóvel, fitando a face corada de raiva de Angélica.

— O que quer dizer com isso? — perguntou por fim.

— Oh, não, Conde Gambrelli — escarneceu Angélica. — Depois das coisas que me disse e fez não vou simplificar tudo para você. Basta dizer que quando souber a verdade, espero vê-lo humilde, de joelhos, me pedindo desculpas.

— Vai esperar por muito tempo — assegurou Wolf. Angel sacudiu a cabeça e curvou os lábios num sorriso sem humor.

— Tenho um pressentimento de que está errado.

Wolf não gostou do tom dela. A que verdade exatamente se referia? Teria algo a ver com o motivo de Stephen convidá-lo a passar o fim de semana ali?

A boca de Angélica se contraiu com desprezo óbvio.

— Vou voltar para casa agora — disse ela num tom tenso, conduzindo a égua ao portão e usando isso como motivo para montar mais uma vez em cima da sela. — Apreciaria se ficasse bem longe de mim o resto de sua permanência aqui — acrescentou com olhos cinzentos flamejando profundamente quando o fitou.

Angélica não precisava se preocupar com isso; depois do que acontecera, Wolf não tinha a menor intenção de passar nem um minuto em sua companhia.

Na realidade, não tinha nenhuma intenção de permanecer ali por mais tempo.

Com um olhar especulativo, observou-a se afastar.

Angélica estava ali com Stephen. Fora ao seu quarto na noite anterior. Stephen obviamente a adorava, mesmo que seus sentimentos por ele não fossem verdadeiros.

A que verdade Angélica se referira que poderia tornar as coisas diferentes do que elas eram?

CAPÍTULO QUATRO

— O que gostaria de fazer depois do almoço?

Angélica ainda estava se esforçando para comer o delicioso frango assado que fora preparado para o almoço de domingo. A pergunta breve de Stephen acabara com seu apetite completamente. Porque não queria fazer nada que pudesse envolver Wolf Gambrelli.

Arrogante, hipócrita bastardo, isso é o que ele era!

Ao voltar para casa naquela manhã, ficara na banheira durante uma hora, esperando evitar a dor e a rigidez que por certo resultaria do tombo que levava. Por sorte fora bem-sucedida, embora suas costas ainda doessem um pouco.

Mas não houve modo de evitar se sentar para o almoço, sem alertar Stephen para o fato de que algo estava errado. E preferia que o pai não se afligisse com a queda que ela sofrera.

O fato de ela e Wolf terem apenas trocado algumas palavras com Stephen durante a refeição e, nenhuma um com o outro, por certo alertara o homem mais velho de que havia algo errado entre os dois. A menos é óbvio que ele estivesse distraído.

— Infelizmente, tenho que retornar a Londres depois do almoço — Wolf foi o primeiro a responder. — Meu primo me ligou pouco tempo atrás para me contar que a esposa deu à luz uma menina esta manhã. Gostaria de visitá-los ainda hoje.

Angélica ficou assustada pela imagem que aquelas palavras pintaram e o encarou surpresa. Wolf Gambrelli não passava a impressão de um homem interessado em bebês recém-nascidos.

A boca do conde se curvou quando ele percebeu sua reação.

— Pensou que eu não tinha família? — incitou num tom frio.

— Para ser franca, não pensei nada — revidou ela com uma sinceridade azeda.

Wolf ergueu as sobrancelhas.

— Além de meu primo, tenho uma mãe que ainda é viva e um irmão mais novo, Luc.

— Que agradável — disse Angélica cínica, recebendo um olhar cético em resposta.

Bem, não estava interessada na família de Wolf Gambrelli.

Não estava interessada nele. Estava?

— A filha de Cesare nasceu? — perguntou Stephen num tom acalorado. — Espero que ele esteja preparado para ter o coração partido — caçoou.

Wolf o fitou com um olhar interrogativo.

— Mas acredito que Robin e o bebê estejam bem...

— Isso acontecerá daqui a uns vinte, talvez vinte e cinco anos — assegurou Stephen.
— Quando outro homem aparecer e a roubar. Acredite-me, ninguém será bom o bastante para a filha dele.

Angélica se ergueu da mesa.

— Vou providenciar para que o café seja servido no terraço.

Stephen a segurou pela mão quando a filha passou por ele.

— Você parece um pouco tensa, querida. Está tudo bem?

Wolf a fitou, notando a palidez leve em sua face. Talvez tivesse se ferido aquela manhã.

— Angélica sofreu uma queda do cavalo esta manhã.

— Por que não me contou, Angel? — perguntou Stephen se erguendo. — Você está ferida? Que diabos aconteceu?

Ela lançou um olhar de censura a Wolf antes de responder:

— Não aconteceu nada. Apenas caí, isso é tudo. Estou ótima. Nenhum osso quebrado. — O riso em seus lábios era tranquilizador.

— Talvez fosse melhor levá-la à emergência do hospital local para fazer um raio X — declarou Stephen, ainda olhando para a filha preocupado. — Se alguma coisa acontecer a você...

— Não vai acontecer nada — assegurou ela. — Não preciso ir ao médico. Só o meu orgulho é que está ferido — acrescentou magoadada.

Wolf sentiu como se levasse uma punhalada ao ouvir Angélica tranquilizando Stephen sobre o seu bem-estar e percebeu que ela se preocupava com aquele homem, afinal.

Tentara não pensar no que havia acontecido entre os dois naquela manhã, dizendo a si mesmo que fora momento de loucura. Que quando voltasse para a segurança de Londres poderia tirar a volúvel Angélica Harper da mente.

Mas ao ouvir aquela preocupação — *ou seria amor?* — em relação a Stephen, percebeu que estava apenas se enganando, gostasse ou não, Angélica não lhe saía do pensamento.

E não estava gostando nada disso. Não queira se sentir atraído por uma mulher que tão obviamente pertencia a outro homem.

— Por favor, tranquilize-o, Wolf. — Ela se virou para pedir a ajuda dele. — Diga a Stephen que me ergui e montei na sela quase imediatamente depois.

Quase imediatamente...

O que aconteceu nesse período "quase imediatamente depois" precipitara a decisão de Wolf em voltar para Londres mais cedo do que planejava.

Cesare lhe telefonara naquela manhã para contar sobre o nascimento da filha e ele pretendia visitar a mãe e o bebê naquela noite. Mas era a necessidade de escapar, de ficar o mais longe possível de Angélica Harper, que o fizera decidir partir mais cedo.

Sua expressão era deliberadamente enigmática quando olhou para Stephen.

— Posso lhe assegurar que Angélica não se machucou, pelo menos não devido à queda.

O que ele estava insinuando?, desejou saber, bastante atenta à ambigüidade contida nas palavras do conde siciliano. Por certo, não achava que a havia ferido mais cedo com suas acusações? Seria preciso bem mais do que as conjecturas erradas de Gambrelli para isso acontecer!

— Está vendo? — disse ela a Stephen num tom jovial. Estou bem. — O pai não parecia convencido, então ela o encorajou. — Agora vamos sair e tomar café no terraço. Wolf tem que partir em breve — concluiu num tom sugestivo.

— Gostaria que tivesse me contado sobre seu acidente, Angel. — Stephen ainda aparentava ansiedade quando a acompanhou até o terraço.

— Já lhe disse que não foi nada — ela o tranquilizou com um sorriso. — E meu tombo por certo não foi gracioso.

— Não acredito que seja capaz de fazer qualquer coisa que não seja graciosa — Stephen a repreendeu num tom afetuosos e ambos caminharam de mãos dadas.

Wolf os seguiu, testemunhando a intimidade daquele gesto e contraiu a boca, desgostoso. De fato, não podia ficar ali por mais tempo, presenciando aquele laço emocional entre os dois.

— Acho que vou dispensar o café — disse Wolf com voz firme. — Preciso fazer minha mala.

— Tenho certeza de que tem tempo para se sentar e beber uma xícara de café conosco, Wolf. — Stephen se virou para ele, com um sorriso na face. — Encantadora como a filha de Cesare sem dúvida deve ser, não vai se importar se o primo, em segundo grau, chegar um pouco depois do que planejou. Além do mais — acrescentou franzindo o cenho —, e sei que já falei isso antes, tenho algo que precisamos discutir antes que parta.

O olhar de Wolf se estreitou, focalizando-se em Angélica, mas os olhos dela encontraram os seus inflexíveis.

Teria essa discussão algo a ver com o que acontecera com ele e Angélica?

Stephen não se mostrara bravo ou agressivo durante o almoço, logo significava que o outro homem talvez estivesse se referindo ao misterioso motivo que o fizera convidá-lo para passar o fim de semana ali.

Não importava. Quanto mais cedo aquela discussão terminasse, melhor. Não pretendia ficar ali o resto do dia e se comportar como um completo hipócrita.

Passara dos limites com Angélica Harper naquela manhã e, ao mesmo tempo, traía sua amizade com Stephen. A coisa mais sábia a fazer era manter-se distante daquela tentação.

— Não é uma discussão de negócios, é? — perguntou Angélica a Stephen. — Porque me prometeu que só teria uma conferência telefônica para fazer este fim de semana — lembrou-o ela, sentando-se à mesa para servir três xícaras de café.

Stephen sorriu para Wolf de onde se encontrava em uma das cadeiras de vime.

— É tão agradável ter alguém tomando conta de mim novamente — admitiu. — Você deveria tentar isso algum dia — pronunciou num tom caloroso enquanto Angélica lhe servia uma xícara de café.

Levando em conta que Wolf passara a melhor parte dos seus 36 anos evitando que isso acontecesse, não podia se imaginar mudando de idéia na próxima década.

— Conde Gambrelli? — Angélica lhe ofereceu uma xícara de café, evitando encará-lo e que sua mão entrasse em contato com a dele.

Aquelas mãos longas, mãos sensíveis que a haviam acariciado, tão intimamente naquela manhã.

Estremecia de embaraço toda vez que pensava naqueles momentos passados nos braços de Wolf. Um homem cujo modo de vida era um anátema completo para ela. Porque era um homem que fazia o que queria sem se importar com as consequências.

Um homem igual a Stephen. E ela fora a consequência...

Era verdade que o conde não era casado, mas Angélica não estava a ponto de cair na mesma armadilha que a mãe e cometer o mesmo erro de se sentir atraída por um homem cuja reputação era lendária.

— É sobre o que mencionou ontem à noite, Stephen, ou outra coisa? — perguntou Wolf Gambrelli.

Pelo menos soou como uma pergunta casual, mas não obstante Angélica pôde ouvir a ponta de aço na voz dele, como se suspeitasse que não seria uma conversa agradável.

Por certo, não achava que ela havia contado a Stephen o que acontecera entre os dois?

Com certeza não era tão estúpida a esse ponto. Conhecendo Stephen como conhecia e sabendo o quão travesso seu senso de humor poderia ser, provavelmente acharia de veras divertido que ela tivesse permitido que um homem como ele se aproximasse dela. Stephen tinha ciência do fato de que a filha desaprovava o modo como ele se comportara durante o casamento. Honestidade fora uma condição prévia para a relação dos dois.

O sorriso de Stephen enfraqueceu ao se virar para Wolf.

— Tentei falar isso com você a semana inteira, mas... Bem, na terça-feira pela manhã vou me internar em uma clínica particular. Gostaria de dizer que não é nada sério. — Ele fez uma pausa, aparentando tristeza. — Mas não seria honesto da minha parte. Após anos acreditando que não possuía um, meu coração decidiu fazer-me sentir sua presença e passarei por uma cirurgia para corrigir um problema.

Angélica sentiu a garganta repentinamente seca, seus olhos se encheram de lágrimas ao ouvir a explicação simples de Stephen sobre a gravidade da operação que estava prestes a se submeter.

Julgara uma ironia do destino, quase trágico, que apenas alguns meses após estabelecer contato com o pai, o problema de coração dele tenha sido descoberto. Mas Stephen se recusava a aceitar a gravidade de sua condição, usando o fato de tê-la conhecido como desculpa para não fazer o tratamento e só consentira em se operar porque não tivera escolha: ou se submetia à cirurgia ou morreria em breve.

Contudo, o que isso tinha a ver com Wolf Gambrelli, Angel não fazia a menor idéia.

Claro que os dois homens estavam envolvidos em várias transações comerciais, então talvez Stephen se sentisse na obrigação de contar ao conde sobre sua doença.

Angélica se virou lentamente ao sentir os olhos de Wolf sobre ela, sua expressão se tornara insípida deliberadamente ao perceber a censura na face daquele homem. Sem dúvida ele julgava, que na qualidade de atual amante de Stephen, teria uma parcela de culpa no seu problema de saúde.

A boca de Wolf se contraiu quando ele a fitou. Ela não parecia surpresa com a doença de Stephen. Talvez já soubesse. Aquela notícia trouxe à tona numerosas perguntas das quais preferiria não saber as respostas.

Ele se virou para o amigo.

— E o prognóstico? — incitou com sua habitual falta de rodeios.

— Cinquenta por cento de chance de ficar curado e cinquenta por cento de não ficar — reconheceu Stephen pesaroso. — Mas, se não me submeter à cirurgia, tenho cem por cento de chance de morrer nos próximos seis meses — revelou abruptamente.

— Stephen...! — Angélica falou com a voz sumida.

— Agora que já discutimos isso, Angel. — Stephen se curvou para a frente e segurou a mão dela entre as suas.

— Não tenho mais medo de morrer. Aliás, se não fosse por você, não me preocuparia nem um pouco com esta operação. Tê-la na minha vida este último ano e querer passar muito mais tempo a seu lado, foi decisivo para decidir operar.

Wolf se remexeu desconfortável no assento. O afeto entre os dois era mais evidente que nunca. Sentia-se ainda mais culpado por seu comportamento com Angélica naquela manhã, agora ao saber da doença de Stephen.

— O que gostaria que eu fizesse? — perguntou ele a Stephen.

O homem mais velho lhe deu um sorriso apreciativo.

— Sabia que você entenderia, Wolf. O negócio é que estou preocupado com Angel no caso de acontecer alguma coisa comigo...

— Tenho certeza de que não vou precisar da ajuda do Conde Gambrelli na hipótese improvável disso vir a acontecer — Angélica ofegou protestando.

— Esse é o problema, Angel. Você vai precisar — insistiu Stephen. — Minha vida profissional é uma teia enroscada que só outro homem de negócios poderia entender. Além do mais, metade dos meus negócios está ligada a Wolf de qualquer maneira.

O conde podia ver o desânimo estampado no rosto de Angélica ao pensar sobre o envolvimento dele se o pior acontecesse a Stephen. Seria por que ele podia enxergar agora claramente através de seu envolvimento com aquele homem mais velho? Ou por que ela respondera a seus beijos naquela manhã?

Stephen suspirou mais uma vez.

— Eu o adverti que o havia convidado para passar este fim de semana aqui porque tinha um motivo importante. Queria que você conhecesse Angel. Somos amigos há muitos anos. Você é a coisa mais próxima que tenho de um filho e, com seu consentimento, gostaria de torná-lo meu testamenteiro em conjunto com meu advogado. Assim, Angel não precisa se preocupar com essas coisas, caso eu venha a falecer. Além do mais, sendo minha única herdeira, fica impedida de se tornar testamenteira...

— Por favor, pare, Stephen! — gritou Angélica, emocionada. — Já lhe falei desde o início que não quero nada de você...

— Não tenho ninguém para deixar meus bens, querida — argumentou ele num tom suave.

— Não é essa a questão — respondeu Angélica, não olhando para Wolf Gambrelli, embora sentisse o olhar sarcástico que ele lhe lançava desde que Stephen revelara que ela seria sua única herdeira.

Sem dúvida aquela notícia ajustava-se perfeitamente à opinião de Wolf de que ela usara o amor de um homem mais velho para pôr as mãos no dinheiro dele.

— Você não *vai* morrer — disse ela num tom zangado. — Simplesmente não vou deixar. Ele riu indulgente.

— Quisera eu que isso fosse tão fácil assim, meu bem. Mas ambos sabemos que não é. E quero deixá-la bem antes de partir deste mundo. Wolf é o homem perfeito para lidar com tudo isso. Sei que há muito a perguntar, Wolf, mas você faria isso por mim? — Stephen olhou esperançoso para o amigo.

Angélica também olhou para Gambrelli, sua expressão era de puro desafio ao fitar o olhar fixo do conde. Pelo menos uma vez, seus pensamentos não estavam escondidos atrás daquela fachada indolente e arrogante.

Seu menosprezo por ela era cristalino como água, antes de uma vez mais mascarar seus sentimentos e voltar a olhar para Stephen.

— Vamos torcer para que isso não seja necessário...

— Toda a torcida do mundo não vai tornar isso um fato. — O sócio cortou rapidamente. — Além do mais, mesmo que a operação seja um sucesso, Angel ainda vai precisar de um ombro forte para apoiá-la durante algumas semanas...

— Mas não o de Wolf — Angélica se ouviu protestando e sua face corou ao perceber o quanto soara veemente. — Nós nem nos conhecemos — tentou argumentar, sem ousar encará-lo, mas sabendo que ele a fitava por baixo daqueles cílios pesados.

A expressão de Stephen amoleceu.

— Meu bem, este foi o motivo para reuni-los aqui este fim de semana.

Então, fora por isso que Stephen parecia querer juntar os dois naquele fim de semana, percebeu Wolf. Estava profundamente preocupado com a seriedade da doença do amigo, mas ainda mais preocupado com a idéia de ser aquele ombro forte a apoiar Angélica após a cirurgia de Stephen ou no caso de acontecer o pior.

Já o havia traído naquela manhã e o pensamento de ficar dias, talvez semanas, ao lado de Angel, enquanto Stephen se recuperava, se ele se recuperasse da operação, era impossível de contemplar até mesmo para ele. Bem como, é claro, para Angélica. Mas como poderia dizer não ao pedido sincero de Stephen?

Pelo que sabia, o amigo não tinha outros familiares e os dois eram amigos e sócios há muito tempo. Sob aquelas circunstâncias, Wolf sabia que seria a primeira escolha de Stephen como testamenteiro e protetor de Angel.

— Deveria ter me contado sobre sua doença mais cedo, Stephen.

O homem mais velho encolheu os ombros.

— Ninguém gosta de admitir que está envelhecendo — respondeu ele.

Em especial, com uma amante trinta anos mais jovem, pensou Wolf.

Essa seria a verdade à qual Angélica se referira naquela manhã? Será que de fato achava que a doença de Stephen faria mudar a opinião que ele tinha sobre ela? Muito pelo contrário.

— Além do mais — continuou Stephen. — Não queria alarmar meus acionistas. Com você na direção dos negócios, enquanto eu estiver incapacitado, isso não vai acontecer.

Isso era lógico, mais que lógico, e Wolf ficaria mais que feliz em poder ajudar Stephen daquele modo.

Embora, ser o "ombro forte" a apoiar Angélica um grande problema para ele!

Em primeiro lugar, não era o seu ombro que a bela Angel queria para se apoiar. E os eventos daquela manhã não podiam se repetir, não quando ela pertencia a outro homem, um homem que era amigo dele e estava gravemente doente!

Angélica os ouviu com crescente apreensão. Agora sabia o motivo que levava Stephen a convidar o conde a passar o fim de semana ali.

Tudo que o pai dissera fazia sentido. O sucesso de Wolf Gambrelli junto à diretoria o tornava a pessoa perfeita para gerir os interesses de Stephen enquanto ele estivesse incapacitado. Até mesmo pedir-lhe para ser o testamenteiro de seu espólio, se o pior viesse a acontecer, era uma escolha lógica.

Mas a possibilidade de tê-lo constantemente presente em sua vida é que era impossível.

Por quê?

Porque ele a havia beijado e acariciado? Ou pelo modo como ela reagira?

Sua honestidade, até para consigo mesma, insistia que ela devia admitir a última hipótese.

Jamais reagira a outro homem do modo como reagira ao Conde Gambrelli naquela manhã. Nunca experimentara aquela rendição, o corpo ardendo de desejo, que ela sabia que Wolf seria mais do que capaz de satisfazer.

O último homem por quem deveria se sentir atraída.

— Stephen... — tentou ela. — De fato, acho que isso é pedir demais ao Conde Gambrelli.

Stephen olhou para o amigo.

— É, Wolf?

O conde ergueu-se, caminhou até o decorado parapeito na extremidade do terraço e fitou a deslumbrante vista dos gramados bem cuidados e canteiros de flores multicoloridos. Sua expressão tornou-se fechada enquanto apertava o concreto com tanta força que suas juntas ficaram brancas.

Atraído por Angélica do modo como se sentia, aquela era uma situação quase impossível de enfrentar. Mas, ao mesmo tempo, sabia que não havia como recusar o pedido de Stephen. Os anos de amizade entre os dois o impediam de dizer qualquer coisa diferente do que uma resposta afirmativa.

Era um homem comandado pelas emoções. Inclusive pelo desejo. Por respeito à amizade com Stephen, seria capaz de controlar o desejo ardente que sentia em conhecer Angélica intimamente?

Com esse pensamento, respirou fundo e contraiu a mandíbula. Não ia ser fácil, mas a honra exigia que fizesse aquilo pelo amigo.

— Sinto muito. Foi um choque para mim — disse ao se virar lentamente. — Claro que farei qualquer coisa que estiver ao meu alcance para ajudá-lo — assegurou, retornando ao seu assento. Não olhou para Angélica, mas podia sentir o desânimo dela com a resposta dele.

— Obrigado. Eu sabia que podia contar com seu apoio. — Stephen esticou o braço e apertou-lhe a mão calorosamente.

Wolf assentiu com a cabeça.

— Farei tudo que puder para ajudar Angélica durante esse período difícil.

— Não sabe o quanto isso me deixa aliviado — disse Stephen. — A última coisa que Angel precisa é que a imprensa descubra que estou internado, repare em suas visitas e fareje ao redor para somar dois mais dois e chegar a quatro.

— Dois mais dois? — perguntou Wolf com uma expressão confusa.

— Stephen...

— Angel, Wolf não poderá protegê-la se não souber quem está protegendo.

— Não preciso de proteção — protestou inquieta.

— Discordo — insistiu o pai num tom suave. — De maneira deliberada, mantivemos nossa relação em segredo, Wolf — disse ele, virando-se para o sócio —, mas acho que você precisa saber a verdade.

— Stephen...

— Para que o conde Gambrelli possa ajudá-la, tem que saber a verdade — insistiu Stephen com voz firme. — Wolf, esta bela criatura, esta mulher maravilhosa, a minha adorável Angel, é minha filha — anunciou emocionado.

Filha de Stephen, repetiu Wolf em pensamento, mesmo mascarando o choque profundo que sentira ao ouvir aquela revelação.

Angel era filha de Stephen?

— Mantemos a relação em segredo porque queríamos evitar qualquer tipo de especulação ou fofoca. — Stephen alcançou a mão da filha. — Mas você precisava saber a verdade, se quiser protegê-la de qualquer exposição não desejada à mídia.

Wolf refletiu depressa sobre as últimas 24 horas ou mais, desde que fora apresentado a Angélica, lembrando-se do orgulho como Stephen se referia a ela, seu amor óbvio por aquela mulher. Sentimentos que Wolf imaginara ser de um amante apaixonado.

Mas que poderiam muito bem ser amor paterno.

Um pai, que, se ele estivesse certo, desconhecia a existência da filha até um ano atrás.

Aquela era a verdade sobre o qual Angélica o advertira que o faria ficar de joelhos humilhado pedindo desculpas.

A única pessoa que Wolf sentiu vontade de obrigar a ficar de joelhos era a própria Angélica, por tê-lo enganando daquele modo, pensou, enquanto assimilava aquelas palavras reveladoras.

CAPITULO CINCO

— Veio se desculpar, conde Gambrelli? — desafiou Angélica, ao abrir a porta do quarto e encontrar o conde parado do lado de fora no corredor.

Havia pedido licença pouco tempo atrás, deixando os dois homens no terraço discutindo o lado profissional do acordo, sabendo que sua presença não era necessária para isso e precisando de algum tempo sozinha para refletir sobre o fato de que Wolf Gambrelli provavelmente seria uma presença constante em sua vida durante a próxima semana pelo menos.

O conde disfarçara bem sua reação quando Stephen lhe dissera que ela era a filha dele. Apenas a mandíbula tensa e o olhar cortante que lhe lançou revelavam o choque profundo que sentira. Um olhar que, a menos que estivesse enganada, prometia vingança em vez de desculpas.

— Acho que não — disse ele, entrando no quarto e fechando a porta. Recostando-se na estrutura de madeira, ele a fitou.

— Não me lembro de tê-lo convidado a entrar em meu quarto, Conde Gambrelli — disse Angélica, encarando-o com uma expressão de desafio. Apenas as batidas aceleradas do coração e o tremor das mãos revelavam que não estava tão segura quanto queria aparentar.

A boca de Wolf se contraiu.

— Você sabia quando se retirou mais cedo que eu subiria ao seu quarto na primeira oportunidade — rebateu ele com a voz firme. — Na realidade, contava que eu fizesse exatamente isso.

Os olhos dela se alargaram diante do tom acusatório.

— Não...

— Sim! — cortou ele num tom vigoroso, respirando fundo e cerrando os punhos. — Diga-me que se divertiu com o joguinho que fez comigo.

— Não estava jogando com você — protestou ela, recuando um passo. — E só Stephen me chama de...

— Angel? — questionou Wolf, dando um passo à frente. — Mas você não é nenhum anjo, é? — O olhar dele varreu-a desdenhosamente, detendo-se no arfar rápido dos seios. — Sabe muito bem que a desejei desde o primeiro momento em que a vi.

— Não...

— Oh, sim, Angel. E você gostou de me ver dividido entre o desejo que sentia por você e a amizade que devoto a Stephen, que me impedia de tomar qualquer atitude a esse respeito.

A raiva que sentia por aquela mulher aumentara de maneira contínua durante a última meia hora, embora não deixasse esse tumulto interno transparecer, enquanto discutia negócios no terraço com Stephen. O outro homem parecia totalmente alheio à reação de Wolf ao saber que Angel era filha dele e não sua amante, como ele havia presumido que fosse.

Mas agora sua raiva estava a ponto de explodir.

— Foi uma batalha totalmente desnecessária, afinal — continuou ele num tom suave, segurando-a pelos braços e puxando-a de encontro ao peito. Os seios delicados esmagados contra seu tórax eram uma tentação que não pretendia mais se negar.

— Pare com isso agora! — bradou Angélica, ofegante, sentindo o efeito do calor do corpo de Wolf incendiar o seu. As pernas sólidas e musculosas, quando ele a puxou mais para si, alertavam-na completamente para a rigidez do seu desejo evidente. — Eu e Stephen combinamos desde o início que não contaríamos a ninguém sobre a nossa relação. Que nos conheceríamos primeiro. Não era um segredo só meu — protestou.

Então percebeu a intenção nos olhos de Wolf quando ele começou a abaixar a boca em direção a sua, tomando posse dos seus lábios num beijo com a intenção de puni-la, de descarregar sua raiva profunda. E nisso obteve sucesso.

Mas, após a resistência inicial, também despertou em Angélica um desejo feroz, tão ou mais intenso que o dele.

Suas bocas se fundiram num beijo faminto, uma invasão de parte a parte. Os braços do conde ao redor do seu corpo eram como faixas de aço, estreitando-a contra o peito. As mãos de Angel também começaram a se mover, afagando-lhe os ombros, pescoço e se emaranharam na densidade sedosa daqueles cabelos dourados, encorajando-o a aprofundar ainda mais o beijo. Um convite que Wolf não recusou e mergulhou a língua na caverna úmida, buscando, aprendendo e conhecendo-a com uma intimidade que a fez soltar um gemido de prazer. Por fim, Angélica abriu os olhos desfocados e o fitou enquanto ele se afastava.

— Não aqui, Angel — disse Wolf livrando-se dos braços dela. — E, com certeza, não agora. Quando fizer amor com você, será quando e onde eu quiser.

— Quando? — repetiu Angélica, o coração ainda batendo acelerado, os seios formigando desejosos de sentir o toque daquelas mãos másculas novamente. — Não acha que está sendo um pouco arrogante afirmando que haverá um *quando*?

Com o queixo erguido e a face ardendo, sentiu-se envergonhada por sua inabilidade em tentar disfarçar sua reação ao conde.

Uma reação que fugia ao seu controle.

Acreditara que sua reação a Wolf naquela manhã se deveu ao fato de estar ligeiramente zonz e abalada pela queda que sofrerá, convencendo-se de que não teria perdido o controle por completo se estivesse gozando de suas plenas faculdades mentais.

Mas a fome que os acometera agora jogara por terra tal suposição.

— Estou? — O conde a fitou com aqueles olhos indolentes e zombeteiros. — Não gosta quando faço isto? — Ele inclinou a cabeça e deslizou a ponta da língua ao longo da linha sensível dos lábios dela. — Gosta menos ainda quando faço isto? — O hálito morno de Wolf tocou-lhe sensualmente a umidade da boca, enquanto sua mão forte envolvia-lhe um dos seios, acariciando o mamilo intumescido com o polegar.

Angélica arqueou ligeiramente de encontro àqueles dedos. Seu corpo ardia de desejo, suscitando-lhe um calor úmido e dolorido entre as coxas.

Wolf a fitou, a satisfação brilhando nas profundidades dos olhos escuros.

— Sim, posso perceber o quanto repugna meu toque — murmurou irônico. — Repugna tanto que está louca para que eu o repita.

O conde estava apreciando aquilo, reconheceu Angélica, frustrada. Desfrutando todos os instantes da humilhação que a estava fazendo passar.

— Está enganado — disse irritada e recuou um passo para fitá-lo.

— Estou? — escarneceu Wolf, nem um pouco convencido com os protestos de Angel, quando ainda podia senti-la em todas as fibras do seu ser.

— Certamente que sim — assegurou ela. — Você é tudo o que menosprezo em um homem.

O olhar do conde se estreitou perigosamente.

— Sou? — repetiu com voz suave.

— Sim. É um mulherengo, um playboy. Um homem...

— Igual ao seu verdadeiro pai — disparou Wolf, nem um pouco contente ao ouvi-la descrevê-lo daquela maneira.

Nem mesmo se isso fosse verdade...

— Exatamente! — ecoou ela num tom vigoroso. — Cresci para tomar conta de Stephen, apesar das faltas dele, amá-lo porque é meu pai. Mas você... Um homem com a mesma atitude em relação às mulheres. Você, nem mesmo sou obrigada a gostar.

Wolf a estudou. Era verdade que havia desfrutado muitas mulheres, mas elas também o desfrutaram. Jamais pretendeu feri-las ou enganá-las sobre a natureza de uma relação com ele. Sempre mantivera as emoções firmemente sob controle.

O conde encolheu os ombros.

— Creio que posso me sentir satisfeito com o mesmo desprezo que exibiu alguns minutos atrás.

— Posso lhe assegurar que não tenho nenhuma intenção de me tornar a mais recente na sua longa lista de conquistas.

— Que pena. Assegurei há pouco a Stephen que cuidaria de você na ausência dele — respondeu sincero, embora obviamente irritado com o desprezo dela.

Angélica podia imaginar como ele pretendia cuidar dela.

— Essa amizade que você alega sentir por Stephen...

— Não é apenas uma alegação. Temos uma amizade de muitos anos.

As sobrancelhas dela se ergueram.

— Nesse caso, essa amizade não inclui tratar a filha de Stephen com um pouco de respeito? — desafiou.

— Talvez. — Wolf inclinou a cabeça de modo arrogante. — Se eu estiver seguro quanto a seus motivos para reivindicar ser a filha dele.

— Não reivindiquei nada. É um fato!

Os olhos escuros brilharam perigosamente.

— E há quanto tempo soube desse "fato"?

Os olhos de Angélica se estreitaram cautelosos.

— Desde que tinha doze anos de idade e perguntei a minha mãe sobre o meu pai.

Um sorriso irônico curvou os lábios de Wolf.

— E ainda assim esperou até um ano atrás para contatá-lo?

A face de Angélica corou com aquela insinuação.

— Porque até então ele tinha uma esposa que poderia ficar magoada com a minha mera existência — defendeu-se indignada.

— Grace. — Ele assentiu com a cabeça. — Diga-me, Angel, sentiu-se impelida a conhecer Stephen após a morte dela por mera curiosidade ou pelo fato de que ele não tinha nenhum herdeiro legítimo e sua fortuna a interessou?

Angélica respirou fundo.

Era justamente esse tipo de acusação que a fez hesitar antes de entrar em contato com Stephen um ano atrás. Sabia que certas pessoas fariam mau juízo a seu respeito. Depois dos insultos que Wolf lhe imputara, quando achava que ela era amante de Stephen, devia ter percebido que o conde seria uma dessas pessoas.

Ela lhe lançou um olhar compassivo.

— Stephen já lhe contou que recusei aceitar qualquer coisa...

— Mas também me informou que você é a única herdeira dos seus bens — lembrou-a Wolf.

Os olhos cinzentos flamejaram.

— Não sabia nada sobre isso até alguns minutos atrás!

— Mas por certo deve ter imaginado? Já que Grace havia morrido e Stephen não tem outros familiares, além de uma filha que apareceu de repente a sua porta.

Angélica mal conseguia falar.

— Acho melhor sair do meu quarto agora, Conde Gambrelli — disse num tom frio. — Antes de dizer algo mais insultante do que já disse.

Ele a fitou com um ar arrogante.

— O que há de tão insultante em chamar atenção para o fato de que se tornará uma mulher muito rica com a morte de Stephen? Aconteça isso num futuro próximo ou daqui a vários anos.

— Quer dar o fora daqui? — disparou trêmula, não querendo sequer pensar na possibilidade de o pai vir a morrer. — Explicarei a Stephen, lhe direi que é impossível nós dois, você e eu, convivermos.

— Não vai explicar coisa alguma — repreendeu-a Wolf com voz severa. — Se entendi direito esta situação, Stephen é um homem muito doente...

— Sim — confirmou ela.

O conde assentiu com a cabeça abruptamente.

— Então não precisa de mais preocupações em relação ao seu bem-estar. Se ele perguntar, lhe diremos que o acordo que sugeriu agradou a ambos.

Angélica quis discordar, mas ao mesmo tempo sabia que não podia fazer isso. Stephen realmente não precisava de mais problemas, além dos que já tinha com a própria saúde.

— Não aparente tanto desânimo, Angel. O fato de me considerar um libertino e mulherengo e eu suspeitar que você não passa de uma bela caçadora de fortunas pode nos proporcionar dias muito interessantes, não acha?

Não, ela não pensava assim.

Stephen, por se preocupar tanto com ela, a colocara em uma posição insustentável. Algo que nem ela ou Wolf poderiam discutir com ele no momento.

O Conde Gambrelli assistiu ao conflito de emoções na face feminina. O desânimo óbvio ao pensar que teria que passar algum tempo em sua companhia, seguido depressa pela resolução e a aceitação daquela situação, apenas por causa do pai.

Após anos sendo perseguido por algumas das mulheres mais belas do mundo e tê-las quando quisesse, Wolf achou a relutância óbvia de Angel de passar uma hora que fosse ao seu lado profundamente excitante.

Um sorriso zombeteiro brincou em seus lábios.

— Stephen e eu discutiremos o acordo de moradia na próxima semana...

— Acordo de moradia? — repetiu desconfiada. — Que acordo de moradia?

O sorriso de Wolf se alargou.

— Creio que ficará na casa de cidade de Stephen durante a próxima semana pelo menos...

— Fica bem mais próxima da clínica do que o meu apartamento — confirmou cautelosa.

O conde inclinou a cabeça de modo irônico.

— Stephen e eu concordamos que talvez fosse melhor eu lhe fazer companhia, em vez de ficar na minha suíte no Gambrelli Hotel do outro lado da cidade.

— Isso está ficando ridículo! — exclamou Angel. — Tenho 26 anos e, certamente, não preciso de uma babá.

O sorriso de Wolf se tornou ferino ao mesmo tempo em que ele desfrutou o desconforto de Angélica só de pensar em compartilhar uma casa com ele.

— Mas não tenho nenhuma intenção de tratá-la como uma criança, Angel — assegurou ele.

— Já lhe disse para não me chamar assim — disparou com um gesto impaciente de mãos.

O olhar do conde vagueou de modo lento sobre a beleza daquela face corada, procurando alguma semelhança com Stephen, agora que sabia que o homem era pai dela.

Os cabelos de Stephen um dia foram tão escuros quanto os da filha, mas seus olhos eram azuis em vez daquele tom cinza-enevoado e Angélica possuía as feições mais delicadas, a face em formato de coração. Talvez houvesse uma semelhança entre os dois no que se referia à forma das sobrancelhas e o queixo determinado.

— Admito que você é um anjo mais escuro do que do tipo dourado. Mas prefiro que meu Anjo seja um pouco mais perverso do que angelical.

— Não sou seu Anjo e nunca serei! — luziu Angélica frustrada. — Se vamos de fato compartilhar a mesma casa semana que vem, Conde Gambrelli...

— Sim, vamos — confirmou ele num tom suave.

— Nesse caso, apreciaria que durante esse tempo se abstenha de fazer qualquer observação pessoal ou de natureza questionável a meu respeito. Na realidade... — Ela fez uma pausa ao ouvir o riso de Wolf. — Não acho nada engraçado nesta situação.

O conde encolheu os ombros.

— É que você, por um momento, parece ter perdido o senso de humor — observou ele.

— E você parece ter achado o seu finalmente! — acusou enfadada.

Angélica não acreditava que alguma vez tivesse demonstrado seu senso de humor com aquele homem por perto. Ele a irritava, a aborrecia e a excitava. Mas nada nele a divertia.

Especialmente, sua reação a ele...

Wolf fora rude desde o início, suspeitara de seus motivos e parecia ainda mais desconfiado agora que sabia que ela era filha de Stephen.

Não havia razão para se sentir fisicamente atraída por aquele homem.

Mas ainda assim se sentia...

Ergueu o queixo determinada.

— Se vamos compartilhar uma casa...

— Já lhe disse que vamos — confirmou ele. Ela assentiu com a cabeça.

— Então, Conde Gambrelli, acho melhor estabelecermos algumas regras...

— A primeira delas é você me chamar de Wolf e eu chamá-la de Angel. Achei que havíamos concordado que não causaríamos mais problemas a Stephen neste momento — pressionou ele, silenciando-lhe os protestos mais uma vez sobre seu tratamento atrevido.

— Se eu fosse de fato a caçadora de fortunas que imagina que sou, por que pensa que me importaria com isso?

Uma sombra de cautela invadiu os olhos dele, escurecendo-os.

— Acho que durante a incapacidade de Stephen, seria melhor você continuar bancando a filha obediente e amorosa.

Angélica empalideceu ligeiramente ao ouvir a ameaça deliberada na voz de Wolf.

— E qual será seu papel, Conde Gambrelli?

— Meu papel? — repetiu mordaz. — Na presença de Stephen, vou continuar sendo o amigo preocupado e atencioso que sempre fui.

— E quando estivermos a sós? — Angélica respirou lentamente.

— Ainda não decidi — provocou.

Angel o fitou cautelosa. Wolf Gambrelli, como ela já sabia, era perigoso com P maiúsculo.

Mas manteve-se firme quando o conde deu um passo em sua direção e seus olhares colidiram. Ele estava apenas a alguns centímetros. Tão próximo que Angel podia ver os nuances dourados que pontilhavam aqueles olhos castanho-escuros... Tão próximo, que a fez sentir um arrepio na espinha ao perceber a intenção na linguagem daquele corpo másculo... Tão próximo que a despertou para todos os centímetros daquele físico musculoso... Tão próximo que seus olhos se prenderam na crueldade leve daqueles lábios finamente esculpidos.

Angélica respirou fundo.

— De fato, não sou o que você pensa que sou, Wolf. Ele exibiu um sorriso melancólico.

— Não?

— Não.

O conde encolheu os ombros largos.

— Só o tempo dirá se isso é verdade ou não. Mas creio que estava a ponto de ditar algumas regras, para o período que viveremos juntos.

Ele estava sendo deliberadamente provocante, percebeu Angélica. Não iam viver juntos do modo como ele insinuara, apenas compartilhariam uma casa. Considerando, que a casa de Stephen em Londres era uma mansão de 12 quartos, se quisessem, nem mesmo precisavam se ver. E a precaução, ou melhor, a autopreservação, lhe dizia que ela ia querer ficar o mais distante possível daquele homem.

— Acho que enquanto permanecermos na casa de Stephen, quanto mais longe ficarmos um do outro, melhor será para nós dois — anunciou Angélica.

Wolf notou a palidez na face feminina, o leve tremor dos seus lábios carnudos, a garganta movendo-se convulsivamente conforme ela engolia e a respiração agitada.

Então, mais uma vez contemplou aqueles seios maravilhosos. De imediato se recordou do tom róseo dos seus mamilos e o gosto que sentiu ao beijá-los e sugá-los naquela manhã.

Seu corpo enrijeceu só de pensar no gosto dela, convencendo-se de que ficar longe daquela mulher quando a desejava tanto, não era uma opção viável.

— O que mais? — incitou ele.

— Não acredito que haja necessidade de outras regras se respeitarmos a primeira.

— Mas, Angel...

— Com exceção dessa — repetiu determinada. — Não quero que use o nome carinhoso com que Stephen me chama.

Wolf arqueou as sobrancelhas loiro-escuras.

— Não acredita que eu possa ser carinhoso?

Angélica acreditava que aquele homem podia ser tudo que quisesse.

— Carinhoso, talvez. Mas não acredito que já tenha se apaixonado por quaisquer das mulheres com quem se envolveu.

A fisionomia do conde se fechou em uma carranca.

— Se tivesse, não estaríamos tendo esta conversa. Angélica o fitou confusa.

— O que quer dizer?

Wolf curvou os lábios num sorriso frio.

— Os homens da minha família, os que ainda estão solteiros, chamam isso de a maldição dos Gambrelli.

— Não entendo...

— É simples, Angel. Se alguma vez tivesse me apaixonado, estaria casado agora com a mulher que amava e sem dúvida com uma dúzia de filhos para testemunhar esse amor.

— E? Continuo não entendo — persistiu Angélica.

— Não, não acredito que tenha entendido — aceitou enfadado. — Mas não é nenhum segredo que os homens em minha família amam apenas uma vez na vida — continuou ele. — Completa e totalmente. Apenas uma paixão avassaladora.

As sobrancelhas de Angel se ergueram em descrença.

— Mas isso...

— É um fato como o seu próprio pai. Os homens da família Gambrelli, uma vez apaixonados, amam para toda a vida. Meu avô se apaixonou por minha avó, quando os dois eram apenas duas crianças, e meu avô continuava dedicado e apaixonado mesmo depois de quase setenta anos de casamento. Meu pai conheceu e se apaixonou por minha mãe quando tinha quase 50 anos e ela apenas vinte e cinco, mas foi um amor que durou por toda a vida dele. Um amor tão profundo e dedicado que minha mãe, apesar de ainda ser uma mulher bonita e encantadora, permaneceu viúva, desde a morte do meu pai 10 anos atrás. Meu tio Carlo, o pai de meu primo Cesare, se apaixonou pela empregada da família 40 anos atrás, uma escolha que a família não aprovava, mas ele desafiou o descontentamento familiar e se casou de qualquer maneira. Ela morreu quando Cesare e a irmã eram crianças. Meu tio se entregou ao vício da bebida até a morte. Agora meu primo Cesare ama sua esposa Robin com a mesma paixão avassaladora — concluiu.

— E ele está infeliz com esse amor? — perguntou Angélica num tom suave. Nas fotografias que vira de Cesare Gambrelli e sua esposa, o casal aparentava extremamente feliz.

— Não — reconheceu pesaroso. — Para ser franco, nunca o vi tão feliz. Mas não é mais o mesmo homem que eu conhecia antes de ele se apaixonar por Robin — acrescentou.

Angélica não podia imaginar aquilo como sendo uma coisa ruim. Até onde se lembrava, o Cesare Gambrelli que descreviam na imprensa, antes do casamento, aparentemente era um homem frio, austero, interessado apenas em seus negócios e inúmeros casos amorosos.

Um homem muito parecido com Wolf, na realidade...

— Então, respondendo à sua pergunta, Angel... Não, nunca me apaixonei. Na verdade, passei os meus 36 anos evitando isso.

E pretendia continuar evitando se a resolução dura de seu tom fosse um indício, pensou Angélica. O que lhe era conveniente. Não queria se apaixonar por aquele homem ou por qualquer outro.

— Creio tê-lo ouvido dizer que ia ver o bebê de seu primo hoje? — ela o lembrou sugestivamente.

Wolf percebeu que aquele era o modo de Angel de mandá-lo partir.

— Depois de falar com Stephen não estou mais com pressa — respondeu ele. — Na realidade, acho que você vai descobrir que em certas ocasiões meu autocontrole é infinito — murmurou num tom de desafio, sabendo, pelo rubor na face feminina, que ela estava atenta ao duplo sentindo de suas palavras.

O desânimo que sentira antes, quando o amigo lhe pedira para cuidar de Angel, enquanto ele estivesse no hospital, não existia mais agora que sabia que ela era a filha ilegítima de Stephen em vez de sua amante.

Na realidade, compartilhar uma casa com aquela mulher, uma mulher que, só de olhar, a desejava, poderia se provar bastante interessante.

Os olhos cinza-enevoados fitaram os dele fixamente.

— Estou lhe pedindo para deixar meu quarto, Conde Gambrelli.

— Foi o que pareceu.

— Wolf, por favor... O que está fazendo? — Ela ofegou quando uma das mãos dele lhe envolveu a face, os dedos fortes apertando-lhe o queixo, quando deveria tê-lo afastado.

Os olhos de Wolf se estreitaram. Ele curvou a cabeça fitando-a de modo penetrante.

Aquela mulher era o que reivindicava ser? O resultado inocente de um caso que Stephen obviamente tivera com a mãe dela 27 anos atrás? Ou Angel era a oportunista, caçadora de fortunas que ele temia que fosse?

Fosse o que fosse, Wolf sabia que a desejava e naquele instante estava ciente de que queria beijá-la, tocá-la, sentir sua nudez sedosa de encontro ao corpo, enquanto a acariciava até levá-la ao êxtase e, em seguida, aquelas mãos esbeltas e longas acariciá-lo, proporcionando-lhe o mesmo êxtase.

Comprimindo os lábios, libertou-a, dando um passo atrás para se afastar daquela tentação. Antecipação só aumentaria seu desejo por ela.

— Ficou decidido que chegarei à residência de Stephen a tempo do jantar amanhã, segunda-feira à noite — informou ele. — Enquanto isso, não a aconselho a aborrecer Stephen com suas reservas sobre o acordo — acrescentou.

Angélica piscou confusa após ser libertada, tão de repente que quase caiu. Sabia que Wolf estava a ponto de beijá-la novamente. A intenção nos olhos castanho-escuros era inconfundível, bem como o desgosto que sentia de si mesmo, depois de afastar-se dela. Ela ainda sentia a pele formigando pelo toque daqueles dedos.

A situação dos dois terem que compartilhar uma casa por algum tempo era intolerável.

Completamente inaceitável.

E totalmente inalterável se não quisesse alarmar e transtornar Stephen antes da cirurgia.

Podia não confiar no conde, mas Stephen obviamente confiava e o escolhera como protetor dela.

Mas com as próprias defesas em frangalhos toda vez que aquele homem a tocava, quem a protegeria de Wolf Gambrelli?

CAPITULO SEIS

— Como Stephen lhe parece?

Os dedos de Angélica se apertaram sobre o metal da sacada à sua frente, mas fora isso, não demonstrou nenhum sinal exterior de que estava ressentida com a intromissão de Gambrelli aos seus poucos momentos de paz, antes do inferno de ter que aguentá-lo a seu lado na casa de Londres de Stephen ter começado para valer.

Estava na sala de estar com Stephen, quando o conde chegara uma meia uma hora atrás, e assim que pôde se desculpou com o pretexto de mudar de roupa para o jantar.

Mas ao chegar ao topo da larga escadaria, na casa georgiana, as risadas das crianças no parque do outro lado da rodovia foram demais para ela.

Havia aberto um dos dois jogos de portas francesas a fim de ir até a sacada e olhar as crianças alimentando patos e cisnes no lago. Wolf por certo vira aquela porta aberta e percebeu onde ela estava.

— Como Stephen me parece? — repetiu ela, sem se virar para fitá-lo. Sabia o quão impressionantemente belo ele aparentava com aquele traje informal, camisa e calça marrons. O aumento da sua pulsação só de pensar naquele tórax largo e poderoso, na cintura afilada e coxas musculosas, já bastava para deixá-la totalmente atenta à masculinidade daquele homem.

Wolf conhecia bem as mulheres para sentir quando estava sendo física e mentalmente bloqueado. Ele estudou a linha esbelta das costas de Angel em uma camiseta verde-escuro e um jeans desbotado que se ajustava à forma arredonda dos quadris e às pernas esbeltas e longas. Algumas mechas dos longos cabelos escuros, presos em um rabo de cavalo, haviam se soltado, caindo-lhe sobre a suavidade da tez.

Estava totalmente atento à feminilidade aveludada daquela mulher. Seus olhos se estreitaram quando Angel se virou de repente, ainda mantendo as mãos para trás sobre o parapeito de metal da varanda e o fitou com um olhar de desafio. Tinha os seios projetados contra a camiseta justa e duas rosetas luminosas na palidez daquela face.

De aborrecimento? Ou de qualquer outra coisa?

— Como espera que Stephen pareça esta noite, Wolf? — perguntou ela num tom sarcástico. — Vai se submeter a uma cirurgia amanhã que poderá ou não proporcionar-lhe mais alguns anos de vida. — Ela baixou a voz. — Ou talvez nem sobreviva — acrescentou, antes de erguer o queixo determinada. — Eu não estava aqui, mas quando cheguei uma hora atrás, pude notar que estava nervoso, tenso. Pareceu-me exatamente como um homem que está prestes a passar seu último dia neste mundo.

Ao ouvir o tremor de emoção na voz de Angélica, a boca do conde se contraiu.

— Então, cabe a nós dois cuidarmos para que esta noite seja a mais agradável possível para ele.

Ela o fitou desconfiada.

— O que significa? Wolf exalou um suspiro.

— Significa que estou sugerindo que nós dois façamos uma trégua esta noite, por causa de Stephen.

— Como o cessar-fogo em dia de Natal nas trincheiras durante a Primeira Guerra Mundial? — escarneceu Angel.

Wolf deu um sorriso pesaroso.

— Bem, eu sugeriria que não tentássemos nos matar no dia seguinte. Mas, sim, é isso que estou propondo. — Não gostou do brilho súbito que surgiu naqueles olhos cinzentos, como se Angélica não achasse a idéia de matá-lo no dia seguinte assim tão inaceitável.

— Soa sensato para mim — concordou sucinta. — Agora, se me dá licença, Conde Gambrelli, realmente preciso trocar de roupa antes do jantar.

Wolf não se moveu quando Angélica chegou à entrada, onde ele se encontrava de pé. Seu olhar escureceu quando ela, ao passar por ele, roçou os seios rijos de leve contra o seu tórax.

Angel respirou fundo quando seu corpo entrou em contato com o de Wolf, seus seios aparentavam estar visivelmente intumescidos e os mamilos túrgidos formigavam de maneira incômoda.

Ergueu os cílios e de imediato se achou cativa daqueles olhos castanho-escuros. O ar parecia não lhe chegar aos pulmões. Um nervo pulsou latejante em sua garganta en-

quanto ela fitava aquelas feições solidamente esculpidas, a mandíbula tensa e a linha longa e sensual da boca do conde.

A simples lembrança daquela boca em seus seios no dia anterior, o calor e a umidade da língua de Wolf em seus mamilos, era o bastante para roubar-lhe o ar.

Umedeceu os lábios com a ponta da língua e, então, percebeu que fora uma péssima idéia, quando o conde seguiu aquele movimento com o olhar e, ao mesmo tempo, passou a língua sobre a firmeza dos próprios lábios, como se estivesse tocando, provando os dela.

O desconforto nos seios de Angel aumentou dolorosamente, fazendo-a senti-los mais pesados. Suas costas curvaram-se de modo involuntário como se almejasse satisfazer tal anseio.

A respiração de Wolf ficou presa na garganta, quando ele percebeu o desejo naqueles olhos cinza-enevoados. Sua cabeça já estava se inclinando, quando, de súbito, Angélica desviou o olhar e começou a caminhar para longe do alcance dele.

Apertando as mãos nas laterais do corpo, ele exalou um suspiro estremecido e sua boca se contraiu, antes de se virar e contemplá-la no limiar das portas francesas.

— A esposa e a filha de seu primo estão passando bem? — Ela parou para perguntar.

— Bem. Obrigado — respondeu segundos depois, surpreso com a pergunta cortês.

Sem dúvida era o que ele devia ter dito. Angel, obviamente, não estava menos confortável com a pulsante atração física toda vez que os dois ficavam juntos.

Wolf não sabia dizer se também estava excitado demais com isso. O fato de Angel ser filha de Stephen, em vez de sua amante, não era mais tranquilizador com respeito aos motivos de ela ter entrado na vida de Stephen. Talvez também não diminuísse a tensão sexual que ele sentia sempre que estava em sua companhia.

— É o primeiro filho deles, não é? — continuou Angélica em tom de conversa, bem atenta ao fato de que apenas alguns minutos atrás seu corpo a traía e que Wolf percebera o incrível fascínio que exercia sobre ela.

Mas Angel sabia pouco a respeito de Cesare Gambrelli, bem como sobre Wolf e o seu irmão, Luc Gambrelli, que eram freqüentemente citados nos jornais, que escreveram crônicas sobre seus negócios e seus casos com várias beldades. Na realidade, os belos sicilianos eram três dos solteiros mais cobiçados do mundo, até Cesare se casar com a adorável Robin Ingram, no ano anterior.

Que de acordo com a opinião geral, se rendera feliz àquela "maldição Gambrelli".

Wolf assentiu com a cabeça.

— Eles também têm um filho adotado chamado Marco. — Um sorriso curvou-lhe os lábios. — Ainda não passa de um bebê, logo Robin vai ter muito trabalho pela frente. Mas depois de anos acreditando que não poderia ter filhos não acho que vá se importar com isso — explicou num tom afetuosos.

Seu afeto pelo primo e a esposa era obviamente genuíno, embora Angélica achasse difícil imaginá-lo no papel de um homem de família.

— Você disse que chegou pouco tempo atrás? — incitou ele.

Angélica o fitou, um pouco confusa.

— O que disse?

— Sei que Stephen passou o dia sem ter o que fazer, mas eu gostaria de saber como você passou seu dia.

Se aquilo viesse de qualquer outra pessoa, Angélica teria encarado como nada além de uma pergunta cortês, quando muito um modo de dar continuidade à conversa, como sua própria pergunta sobre o bebê novo do primo dele. Mas sabia muito bem que, quando estivessem a sós, como estavam no momento, Wolf Gambrelli não teria qualquer motivo para ser cortês com ela.

— Dirigi até Kent para passar algumas horas com minha família — respondeu ela.

— Ah, sim, sua mãe, padrasto e as duas irmãs — lembrou ele.

E o que haveria de tão errado nisso? Angélica desejou saber, mesmo irritada com o tom mordaz de Wolf.

— Não poderei ir vê-los durante algum tempo, uma vez que Stephen opera amanhã.

— Claro que não — ele concordou. — Passei a tarde no escritório do advogado de Stephen.

Ela piscou.

— É mesmo?

— Você agora é, oficialmente, a única herdeira de Stephen, tendo o advogado dele e eu como testamenteiros.

— Já lhe disse que nunca quis e nem quero nada — ela o lembrou.

— Se quer ou não, isso é o que você é agora. *Se quer ou não...*

Wolf não podia declarar aquilo com mais clareza. Estava na cara que continuava pensando que os motivos dela para entrar na vida de Stephen eram suspeitos.

Angélica ergueu o queixo na defensiva.

— O que não quer dizer que eu vá aceitar isso. Caso o pior venha a acontecer.

As sobrancelhas loiro-escuras se ergueram sobre aquele par de olhos castanhos céticos.

— Vai doar os milhões de Stephen para caridade? É isso?

Angélica enrijeceu ressentida.

— Por que não?

Não saberia o que fazer com todo aquele dinheiro e nunca tivera a ambição de ser rica, quanto mais inacreditavelmente rica.

Se todos os multimilionários fossem como Stephen e Wolf, então estava certa de que riqueza extrema não trazia felicidade.

O casamento de Stephen não fora feliz. Seus casos todos passageiros. E Wolf, se por opção ou não, vivia o que ela considerava uma vida solitária, seus romances públicos eram um indicativo da sua decisão de não se envolver em um relacionamento permanente.

Para Angélica, os dois homens eram o epítome do clichê "dinheiro não compra felicidade". Suas vidas, sem dúvida, eram mais confortáveis porque podiam comprar tudo que desejassem, é claro. Mas, tendo sido criada em uma casa onde o amor era mais importante que o dinheiro, não dava valor à riqueza do mesmo modo como Stephen e Wolf.

O conde a fitou, seguro de que ela não estava de fato pensando em doar toda a riqueza que Stephen levava uma vida toda para conseguir. Talvez mudasse de idéia uma vez tomando ciência de quão alto seu saldo bancário se tornaria!

Se Stephen morresse...

A boca de Wolf se contraiu.

— E claro que esta é uma conversa hipotética.

— Com certeza.

— Tenho toda confiança de que Peter Soames vai se esforçar para que tudo corra bem amanhã. E um dos melhores cirurgiões do mundo.

— Você se informou? — As sobrancelhas de Angel se ergueram.

— Claro — confirmou ele.

Sua reputação de *bon vivant* e de se envolver com algumas das mulheres mais belas do mundo podia dar a impressão de que ele não passava de um playboy europeu, mas não teria conseguido obter tanto êxito no mundo empresarial se não exercitasse a astúcia de sua considerável inteligência.

— Claro — repetiu ela num tom seco. — Agora, de fato, preciso me trocar para o jantar. Stephen já deve estar imaginando o que está me fazendo demorar.

Wolf segurou-a pelo braço quando ela se virou para caminhar. Angel olhou para a mão dele, antes de erguer o rosto e encará-lo de modo interrogativo.

— Stephen a ama muito — disse ele com a mandíbula tensa. — Espero de fato que ele não esteja enganado com respeito a esse amor.

A boca de Angélica se contraiu percebendo a insinuação óbvia.

— Já lhe disse antes, Conde Gambrelli. O que Stephen e eu sentimos um pelo outro não é da sua conta...

— E sua própria família? — cortou ele num tom severo. — A que disse ter visto hoje. Como eles se sentem a respeito disso tudo?

Angélica enrijeceu.

— Como se sentem sobre...

— Eles devem estar a par de que se tornará uma mulher muito rica.

— Pare agora mesmo — ela o advertiu com a voz fria, os olhos cinzentos faiscando. — Você é um exemplo típico de como riqueza pode desvirtuar seu conceito sobre as pessoas, fazendo-o desconfiar constantemente dos motivos dos outros — acusou Angel, livrando o braço do aperto dele. — Minha família, minha mãe, meu padrasto e minhas duas irmãs, assim como eu, não têm nenhum interesse na riqueza de Stephen.

Wolf desejou poder acreditar naquela afirmação. Na realidade, desejou que ela fosse diferente de quem realmente era. E que ele não a desejasse tanto...

— Espero que esteja certa.

— Estou — assegurou ela. — Agora se me dá licença...

— Eu a desculpava por muitas coisas, Angel. Mas magoar Stephen não seria uma delas — advertiu o conde.

— Isso não vai acontecer.

— Assim espero. E reitero o que disse mais cedo.

Angélica lhe lançou um olhar minucioso. Ele dissera tantas coisas nos últimos dez minutos que ela não fazia nenhuma idéia a que Wolf estava se referindo.

— Gostaria, por causa de Stephen, que houvesse uma trégua entre nós dois hoje à noite — ele a lembrou num tom uniforme.

O homem a havia insultado várias vezes e a beijado novamente. Ainda assim esperava que ela pudesse se comportar na frente de Stephen, aquela noite, como se tudo estivesse bem entre os dois.

— Darei o melhor de mim para fingir que gosto de você, Wolf — replicou ela.

Ele inclinou a cabeça com um ar arrogante.

— E tenho certeza que o seu melhor será mais que suficiente.

Angélica estreitou o olhar.

— E você? Poderá fingir que gosta de mim também? — desafiou.

Wolf deslizou o olhar mais uma vez pelo corpo dela num estudo lento e detalhado, que começou desde os cabelos, demorando-se na beleza corada de sua face, antes de descer bem devagar até os seios, cintura e quadris curvilíneos.

Angélica sentiu uma incômoda onda de calor mesmo quando o olhar dele voltou a encará-la fixamente.

— Oh, mas eu gosto de você, Angel — murmurou com voz rouca. — Na realidade, adoro certas partes de você.

— Infelizmente, venho como um pacote completo — respondeu entre dentes, aborrecida demais pela insolência óbvia do conde em continuar chamando-a daquele jeito. Lançando-lhe um último olhar, virou-se para deixar o quarto.

Três horas no máximo, era tudo que precisava passar em companhia do Conde Gambrelli aquela noite. O que prometia ser três horas de pura tortura.

— Pegue oito cartas, Wolf— disse Stephen ao homem mais jovem, com um riso triunfante colocando um *blakjack* sobre o de Angel.

Angélica sorriu pesarosa enquanto observava a interação entre os dois homens. Se alguém lhe dissesse um ano atrás que ela passaria duas horas após o jantar disputando jogos de cartas infantis com Stephen Foxwood e Wolf Gambrelli, dois dos mulherengos mais famosos do mundo, não teria acreditado.

Mas isso era exatamente o que os três estavam fazendo.

Sem número suficiente de jogadores para compor um *bridgefour* ou qualquer outro jogo de cartas de adultos que poderiam pensar, Angélica foi forçada a recorrer a sua memória e lembrar dos jogos que disputava com os pais e as irmãs quando criança.

Para sua surpresa, os dois homens pareciam ter desfrutado as últimas duas horas.

Embora não estivesse absolutamente segura de que ver Wolf assim tão relaxado fosse de fato uma boa idéia. Sentia-se mais atenta a ele do que nunca. A aspereza do seu riso parecia deslizar pela pele dela como uma carícia. O calor naqueles olhos cor de chocolate, sempre que tinha uma chance de fitá-la, parecia aquecer-lhe o sangue nas veias.

Embora, verdade fosse dita, como um meio de distrair os pensamentos de Stephen sobre a cirurgia no dia seguinte, definitivamente obtivera êxito. A tensão anterior havia se dissipado completamente enquanto ele e Wolf competiam para ver quem venceria a partida.

— Fim de jogo — anunciou ela, colocando sua última carta sobre a pilha. — E hora de ir para cama, também — acrescentou juntando as cartas no baralho.

— Isso é injusto — protestou Stephen. — Você ganhou as últimas quatro partidas.

— Acho que Angel tirou proveito da nossa ignorância no jogo e ditou as regras a seu favor — disse Wolf.

— Não é uma prerrogativa das mulheres? — provocou Stephen. — E sabemos que essas regras podem mudar a qualquer momento para manter nós, os homens, aos pés delas. Elas aprendem isso no berço, eu acho.

Wolf sorriu.

— Talvez eu devesse advertir Cesare a respeito de sua filha recém-nascida.

— Eu não me incomodaria com isso. — Stephen riu. Creio que ele descobrirá a verdade do que eu disse muito em breve.

— Vocês dois estão falando uma grande tolice — reprovou Angélica.

Embora ciente da opinião do conde sobre ela, de alguma maneira duvidou que as observações dele tivessem sido feitas com tanta provocação quanto as de Stephen.

— Você tem razão, está na hora de nos deitarmos — concordou Wolf erguendo-se da cadeira. — Deixarei vocês dois a sós para que possam conversar — anunciou, antes de se retirar.

Angélica o observou se afastar, seu olhar foi atraído ao comprimento daquele corpo enquanto ele caminhava alheio a sua elegância predatória. Tendo vestido um terno preto, camisa branca combinando com uma gravata-borboleta vermelha, parecia mais elegante e perturbador do que o habitual.

— Ele é um homem bom, Angel — disse Stephen.

Angélica se virou para fitá-lo, a expressão deliberada-mente insípida. "Bom" não era um termo que ela empregaria para se referir a Wolf Gambrelli. De forma alguma!

— Estou certa de que você tem razão — respondeu reservada, não querendo falar sobre o homem que Stephen considerava seu melhor amigo, mas que na opinião dela era mais sexualmente perigoso do que qualquer outro que já conhecera.

Stephen pôs uma das mãos sobre a dela.

— Pode confiar nele, Angel — assegurou o pai buscando o olhar da filha. — Não me parece muito certa disso — sondou preocupado.

Angélica engoliu em seco, não querendo mentir, mas não querendo preocupá-lo sem necessidade.

— Eu e Wolf ainda não nos conhecemos muito bem — admitiu, sabendo que se ela se mantivesse firme os dois jamais se conheceriam.

Stephen deu um sorriso.

— E tenho certeza de que o que você sabe sobre Wolf, o que lê sobre ele na imprensa, não lhe inspira confiança. — Ele riu. — Mas posso lhe garantir que o conde Gambrelli não é apenas aquele playboy internacional como a mídia o faz parecer. — A expressão de Stephen ficou séria.

— É um bom filho para Alethea. Um irmão mais velho protetor para Luc. E um grande amigo para mim. Como sei que também será para você, se permitir que ele seja — finalizou num tom suave.

— Tem razão. Mas é sobre você que deveríamos estar conversando, não sobre Wolf. — Ela o fitou com compaixão. — Está tranqüilo quanto à cirurgia amanhã?

O pai apertou-lhe a mão antes de se recostar na cadeira.

— Estou preparado como sempre estarei. Nunca gostei de médicos ou hospitais. Não teria coragem para passar por isso se não fosse por você. Vou superar tudo, Angel. O fato de tê-la me esperando, quando eu acordar da anestesia, me faz ter todas as razões do mundo para sobreviver a isso — decidiu determinado. — E mesmo que eu...

— Por favor, não fale assim — murmurou Angélica, virando a mão de forma a segurar a do pai. — Eu não suportaria se algo lhe acontecesse. — E ela sabia que isso era verdade.

A relação dos dois era muito recente, mas já sabia que restaria um grande vazio em sua vida se algo de ruim acontecesse a Stephen.

Ele lhe deu um sorriso encorajador.

— Angel não importa o que aconteça, este último ano, que passou a meu lado como minha filha, foi o melhor da minha vida.

Angélica piscou para conter as lágrimas que ameaçavam rolar. Sabia que Stephen precisava que ela fosse forte naquele momento.

— Ainda vamos ter muitos outros anos juntos.

— Assim espero — concordou ele. — Agora, realmente é hora de você ir para cama — repreendeu-a num tom jovial. — Ainda tenho algumas coisas que preciso fazer antes de subir.

Coisas de última hora que ele precisava fazer, antes da cirurgia no dia seguinte, Angélica sabia. Então, subiu devagar para seus aposentos, sentindo-se inacreditavelmente só naquele momento.

Desejou que a família estivesse por perto para apoiá-la, mas sabia que dadas as circunstâncias não era possível. Não podia contar com a mãe, que fora ex-amante de Stephen muito tempo atrás ou as irmãs, que não tinham nenhuma relação com o homem. O que significava que...

Parou de repente, quando ao virar o corredor que conduzia a seu quarto, viu Wolf parado junto à porta.

Fitou-o entre alerta e cautelosa. O que ele queria agora? Esperara ela vir para cama para proferir mais advertências de última hora? Mais ameaças? Nesse caso...

— Queria ter certeza de que tudo estava bem antes de ir me deitar — disse o conde como se em resposta à sua pergunta. — Que não houve nenhum problema de última hora.

Angélica piscou ao ouvir aquelas palavras, franzindo o cenho ligeiramente.

Wolf percebeu as emoções se avivarem através da beleza translúcida da sua face enquanto ela o fitava, parada, alguns passos à frente, a surpresa óbvia ao encontrá-lo ali esperando, seguida por cautela.

Seus lábios esboçaram um sorriso sentido.

— Combinamos uma trégua esta noite, lembra?

A carranca de Angel permaneceu, bem como a cautela em seus olhos cinzentos, enquanto ela erguia o queixo num gesto de desafio.

— Imaginei que fosse apenas por causa de Stephen.

— É? — incitou o conde. — Prefere que voltemos a nos hostilizar agora?

Na verdade, Wolf não estava totalmente seguro do motivo que o levava a esperá-la ali. De repente lhe ocorrera, ao subir a escada algum tempo atrás, que se os sentimentos de Angélica por Stephen fossem verdadeiros, *se* fossem, ela poderia estar transtornada após despedir-se do pai e precisando da proteção que Stephen desejava que ele lhe oferecesse.

Se os sentimentos dela por Stephen fossem verdadeiros...

— Não, claro que não. Eu só... é que tudo é... — Ela sacudiu a cabeça e fechou os olhos, contendo as lágrimas que mais uma vez ameaçavam rolar.

Wolf deu um passo em sua direção.

— Tem que ser forte agora, Angel. Por causa de Stephen e por sua causa também.

— Mas e se ele não sobreviver? — murmurou emocionada, os olhos agora toldados pelas lágrimas. — E se tudo der errado? — desabafou, enquanto Wolf alcançava-lhe os braços e a puxava firmemente contra o peito.

Angélica passou os braços em torno da cintura dele.

— Acho que não vou suportar se algo acontecer a ele — reconheceu chocada, o calor de suas lágrimas umedecendo a camisa de noite de Wolf.

Por mais que tentasse, ele não pôde permanecer imune à dor daquela mulher. Seu senso de honra italiano, sua própria preocupação com relação a Stephen, tornava impossível para ele resistir ao apelo da dor estampada no rosto de Angel.

Deixou-a chorar durante um minuto ou mais antes de falar.

— Nada de ruim vai acontecer a Stephen — assegurou num tom suave.

Angel sacudiu a cabeça, fios dos seus cabelos roçaram o queixo dele.

— Não podemos ter tanta certeza.

— Não — ele concordou. — Mas podemos nos certificar de que tudo que for possível fazer nesse sentido será feito.

— Eu sei. — Ela suspirou. — É que...

— Não podemos deixar que Stephen a veja desse modo. Venha — encorajou ele, abrindo a porta do quarto e conduzindo-a ao interior, seu braço ainda em torno da cintura esguia. — Vamos sair do corredor, no caso de Stephen subir.

Embora não estivesse certo de que entrar no quarto de Angélica fosse uma boa idéia.

Não por ela.

Mas por ele mesmo.

Porque só de segurá-la em seus braços daquela maneira, atento a todas as curvas suaves daquele corpo feminino, era o bastante para despertar-lhe um desejo que parecia emergir sempre que estava perto daquela mulher.

CAPITULO SETE

Angélica se deu conta de onde estava e com quem estava ao ouvir a porta do quarto se fechar suavemente atrás deles.

Só porque Wolf agia de modo agradável com ela, não alterava o fato de que não confiava nela ou nos seus motivos por estar na vida de Stephen.

Tampouco mudava o fato de se sentir atraída pelo magnetismo sensual do conde italiano, apesar das suspeitas dele a seu respeito.

Afastou o braço forte que a envolvia pela cintura e se libertou do calor daquele corpo viril.

— Obrigada pela preocupação, Wolf. Mas como todos teremos um dia difícil pela frente amanhã acho melhor irmos para a cama. Sozinhos. Em nossos respectivos quartos — enfatizou, ao perceber o modo como aqueles lábios benfeitos se curvaram num sorriso.

— De alguma maneira, eu sabia que você não me convidaria para ficar aqui — comentou ele.

Angel ergueu o queixo em desafio.

— Então não ficou desapontado, ficou? — rebateu. A trégua que haviam combinado definitivamente chegara ao fim pelo que podia notar. Aquele homem, mesmo sendo agradável, era deveras ameaçador.

Wolf manteve uma expressão desinteressada, mas ao mesmo tempo estava atento ao fato de Angel continuar bela, mesmo com os vestígios de lágrimas ainda visíveis em sua face.

O vestido cinza até a altura dos joelhos combinava perfeitamente com sua aparência de magnólia, com a totalidade escura dos cabelos que caíam livres sobre os ombros e costas, e com aqueles olhos cinzentos, escuros de tanta emoção.

Da mesma maneira que escureceram quando ele a beijara na manhã do dia anterior.

Uma lembrança que o assombrara desde então. Ainda não conhecia aquela mulher o bastante para afirmar se seus sentimentos por Stephen eram verdadeiros ou não. Embora a julgar pelo seu transtorno atual, estava começando a acreditar que talvez fossem. Mas a cautela que sentia em relação a Angel não impedia seu corpo de reagir ao fascínio sensual daquela mulher toda vez que ficava perto dela.

— Tenho um pressentimento de que em determinados aspectos eu não a desapontaria.

Os olhos de Angélica se estreitaram cautelosos ao mesmo tempo em que sentiu a face ardendo.

— Que pena que nunca estará em posição de descobrir.

— Não? Isso depende da posição que você tem em mente.

Angel sentiu o calor na face se aprofundar ao ouvir aquela provocação deliberada.

— Com você?—perguntou num tom de desprezo.—Nenhuma posição — assegurou confiante. — Tivemos que ser educados um com o outro esta noite por causa de Stephen, Wolf— lembrou ela. — Não nos permitamos imaginar que existe algo além disso.

Wolf parecia totalmente relaxado ao ouvir sua observação.

— Mas a imaginação pode ser uma coisa maravilhosa, Angel — disse ele. — Por exemplo, desde ontem de manhã, tenho imaginado como seria...

— Está ficando tarde — interrompeu Angélica, já que o que havia acontecido entre os dois na manhã anterior era algo que ela preferia esquecer e não conseguia quando o conde estava por perto.

E também estava cansada de lhe dizer que não gostava que ele a chamasse pela versão abreviada do seu nome. Especialmente, pelo modo como o pronunciava, quase como uma carícia.

— ... cavalgar com você outra vez — concluiu Wolf, como se ela não tivesse falado.

Angélica respirou fundo ao ouvir o tom provocante. Seus olhos cinzentos flamejaram.

— Nunca cavalgo quando estou em Londres.

Wolf não fazia a menor idéia de por que estava sendo tão bastardo. A não ser que fosse pelo fato de se ressentir com a preocupação que experienciara antes e agora sua resposta física àquela mulher. Mas isso era culpa dela? Na verdade, Angel fizera muito pouco para encorajá-lo.

— Que pena — disse endireitando-se. — Então, vou deixá-la na sua cama solitária.

— E vá para sua — rebateu ela. Wolf pousou a mão na maçaneta.

— Se mudar de idéia...

— Isso não vai acontecer. Não tenho interesse no tipo de relacionamento passageiro que homens como você têm a oferecer. — Ela se conteve ao perceber o olhar dele se estreitar perigosamente. — Por favor, está ficando tarde, conde Gambrelli — repetiu num tom insistente, caminhando em direção à porta.

Wolf deixou escapar um profundo suspiro, aborrecido uma vez mais pelo comentário de Angélica sobre os homens como ele. Outro homem como Stephen, era o que significava. O pai dela, o homem casado que teve um romance com a mãe de Angel 27 anos atrás e sem saber a engravidara. Mas havia diferenças sutis entre ele e Stephen que ela se recusava a reconhecer.

Por razões que não o culpava, Stephen se envolvera num casamento que não lhe proporcionava satisfação física. Sua relação com Grace, depois de várias gravidezes de risco frustradas, se tornara mais uma amizade do que um relacionamento amoroso. Ao passo que ele jamais estivera nem mesmo perto de se casar. Conhecia sua história familiar de que quando isso acontecesse passaria o resto da vida ao lado da mulher que amava.

O que Angélica não sabia era que as relações dele com as mulheres nem sempre eram de natureza física. Várias das mulheres com quem se relacionara durante anos haviam se tornado suas amigas e nada mais.

E jamais dera esperança de casamento a qualquer uma.

Porém, dada a pungência de seus sentimentos, eram sutilezas, que mesmo que lhe pretendesse mostrar, duvidava muito que Angel as apreciasse.

Mas de fato era importante para ele que Angélica Harper apreciasse o lado dele da história?

Não. Só que era irritante ser comparado a um homem como Stephen, que talvez tivesse tido motivos para ser infiel durante sua vida de casado.

— Desejo-lhe uma boa-noite, então, Angel — disse bruscamente, antes de se virar e deixar o quarto.

Boa-noite?, Angélica repetiu mentalmente, olhando para a porta do quarto fechada. A preocupação com Stephen já deixara claro que ela passaria uma noite intranquila. E a conversa com Wolf, instantes atrás, lhe assegurava que não dormiria.

Pensou que conhecesse o tipo de homem que o conde era: interesseiro, egoísta e totalmente arrogante em suas relações com as mulheres. Mas o fato de tê-la esperado subir, após a conversa que ela tivera com Stephen, de se preocupar com seu bem-estar, parecia insinuar que não era um ser humano tão vazio e fútil quanto ela imaginara.

A última coisa que queria era começar a gostar de Wolf Gambrelli!

Sabendo que se sentia fisicamente atraída por ele, uma atração contra a qual vinha lutando, isso era bastante ruim.

— Leve Angel para tomar um café ou um chá, Wolf — Stephen aconselhou o amigo na manhã seguinte, quando ambos observaram a face pálida de Angélica. Às 11 horas em ponto, os enfermeiros vieram buscá-lo para levá-lo ao centro cirúrgico. — Leve-a para um passeio no parque ou algo parecido. Mas tire-a daqui durante algumas horas — ordenou Stephen, enquanto a filha continuava segurando a mão dele.

— Oh, mas...

— Stephen tem razão, Angel — disse Wolf num tom firme ao mesmo tempo em que a alcançava e segurava-lhe o braço. — Levará algum tempo até Peter Soames vir nos dizer algo e podemos passar essas horas em outro lugar.

Não que a clínica particular não fosse um lugar agradável e o pessoal bastante gentil. Wolf apenas concordava com o amigo que não faria bem algum a Angel passar horas sentada ali, se afligindo com o resultado da cirurgia.

Ficara preocupado com a aparência de Angel quando ela se unira a ele no desjejum daquela manhã. A maquiagem que aplicara não conseguira disfarçar as sombras escuras sob olhos, evidenciando uma noite de insônia. Na realidade, nenhuma maquiagem poderia ter escondido a tensão em sua face quando ela recusara todas as ofertas de comida e bebida, tomando apenas uma xícara de café.

Isso fora uma advertência a Wolf de que, uma vez mais, podia estar cometendo um grave erro de julgamento, no que dizia respeito aos sentimentos de Angel por Stephen.

E se esse fosse o caso, algumas das observações que lhe fizera nos últimos dois dias haviam sido desnecessárias e cruéis.

Continuava segurando-a pelo braço quando se virou para o sócio.

— Nós o veremos em algumas horas, Stephen — disse num tom sincero, esperando de fato que isso acontecesse. Os dois eram amigos de longa data e não poderia imaginar o mundo sem a presença marcante daquele homem em sua vida.

Os olhos de Stephen brilharam.

— Com certeza. — Ele deu um aperto de mão em Wolf, antes de se virar para abraçar Angel.

Angélica se agarrou a Stephen agora que chegara o momento crucial.

— Quero que saiba que eu o amo — murmurou num tom fervoroso, ciente de que era a primeira vez que lhe dizia aquilo, mas sabendo que estava falando a verdade.

Não tinha certeza do que esperar quando decidira procurar Stephen um ano atrás, não sabia o que sentiriam um pelo outro quando se encontrassem. Só sabia que ele merecia pelo menos saber que tinha uma filha.

Mas o amor do pai por ela, uma vez que soubera quem era ela, fora imediato, uma efusão incondicional ao mesmo tempo em que ele a inseriu totalmente em sua vida, permitindo-lhe conhecê-lo e encorajando-a a amá-lo em retorno.

Logo, perdê-lo sem ter lhe dito como se sentia era inconcebível.

— Também a amo, Angel — assegurou Stephen emocionado. — Wolf? — Ele olhou para o amigo suplicante.

Angélica não resistiu quando Wolf apertou-lhe firmemente os ombros e ambos assistiram a Stephen ser carregado na maça para fora do quarto.

Da mesma maneira que não resistiu, permitindo que o pranto rolasse por sua face, quando Wolf a virou de frente para ele.

Não fez qualquer objeção quando, minutos depois, com o braço ainda sobre seus ombros, o conde a conduziu para fora da clínica, saindo para a luminosidade do dia.

Para onde foram, uma vez do lado de fora, só tinha uma vaga lembrança mais tarde. As horas seguintes passaram para ela como num sonho. Embora lembrasse vagamente de ter bebido uma xícara de café que Wolf lhe oferecera e ter comido um sanduíche por insistência dele.

Mas seu estômago começou a embrulhar, fazendo-a arrepender-se de ter comido, quando retornaram à clínica quatro horas mais tarde; sua tensão tornara-se quase insuportável, desejando saber o que os aguardava lá.

Wolf entabulava uma conversa leve e amigável durante a ausência deles na clínica. Aplaudia a decisão de Stephen de lhe pedir que cuidasse da filha. Se dependesse da vontade dela, tinha certeza de que Angel simplesmente teria sentado na sala de espera e afundado cada vez mais sob o peso de suas idéias medonhas, caso ele não tivesse se encarregado da situação.

Ele procurara manter firmemente sob controle suas próprias preocupações sobre o futuro de Stephen, sabendo que a necessidade de Angel por apoio emocional era muito mais profunda que a sua.

Mais e mais percebia que cometera um erro sobre os motivos de Angélica ter procurado Stephen após a morte de Grace.

Depois dos insultos e acusações que lhe imputara no domingo e segunda-feira, até mesmo depois quando soube exatamente quem ela era, não era uma admissão confortável... Especialmente para ele.

Mas isso não minorava o desejo que sabia sentir por ela.

Na realidade, o atormentava ainda mais, deixando-o sem defesas contra a atração da sua indubitável beleza, o calor e a sinceridade da sua personalidade.

Não era uma boa idéia quando sabia que já estava tão atraído fisicamente por ela.

Após anos permanecendo com o coração livre, apreciando toda aquela liberdade, evitando a maldição dos Gambrelli, a simples possibilidade de que poderia estar mais do que atraído por Angel era um completo anátema para ele.

Sua boca se contraiu determinada ao abrir a porta da clínica para ela entrar.

— Tenho certeza de que deve haver notícias sobre o estado de Stephen até agora — disse ele.

Ou não, Angélica reconheceu preocupada, seus pés reduzindo a velocidade como se sentisse uma certa relutância em saber a verdade. Não tinha idéia do que faria, do que diria, se a cirurgia não tivesse sido um sucesso.

— Angélica!

Ela olhou para cima descrente ao reconhecer aquela voz. Seus olhos se alargaram quando a mãe saiu da sala de espera, onde certamente estivera esperando, e se apressou pelo corredor acarpetado em sua direção.

— Mãe! — exclamou maravilhada.

— Decidi que não podia deixá-la passar por isso sozinha, querida — disse a mãe num tom emocionado e as duas se abraçaram. — Neil e eu conversamos sobre o assunto e decidimos que, apesar da situação embaraçosa... — Um sorriso pesaroso curvou-lhe os lábios. — Eu devia vir e ficar a seu lado esta manhã, pelo menos. Então quando cheguei fui informada pelo pessoal da enfermagem que o conde Gambrelli a havia levado para sair durante algumas horas — dizendo isso, olhou curiosa para o homem que se encontrava logo atrás da filha.

Para Wolf.

A face de Angélica recuperou um pouco da cor perdida. Sabia exatamente o que a mãe veria quando olhasse para o conde: um homem alto, cabelos dourados, uma tez bronzeada, que deixava clara a descendência italiana, feições devastadoramente belas, que revelavam sua linhagem, um corpo escultural e poderoso vestido em camisa bege e um jeans desbotado.

Tinha certeza de que não mencionara a existência Wolf quando visitara a família no dia anterior.

Mas o que poderia ter lhe contado? Que o melhor amigo de Stephen, um certo conde Gambrelli, fora encarregado de agir como seu protetor nos próximos dias? Isso só os levaria a fazer inúmeras perguntas sobre ele, perguntas que preferiria não ter que responder.

O olhar de Wolf se estreitou ao fitar a mãe de Angélica, a mulher que fora amante de Stephen 27 anos atrás.

Apesar da diferença de idade entre as duas mulheres, a semelhança entre mãe e filha era inconfundível: ambas possuíam cabelos escuros como a noite, sendo que a mais velha os usava na altura dos ombros. As duas eram inacreditavelmente belas e possuíam os olhos da mesma cor.

Esbeltas e ao mesmo tempo curvilíneas em suas calças desbotadas e camisetas.

Não era de admirar que Stephen não tivesse dúvidas, um ano atrás, de que Angélica realmente fosse a filha da mulher que fora sua amante, muito tempo atrás.

— Sra. Harper. — Ele deu um passo à diante para cumprimentá-la. — Sou Wolf Gambrelli, um amigo íntimo de Stephen. Ele me pediu para que fizesse companhia a Angel hoje — acrescentou a título de explicação enquanto a mulher ainda parecia estupefata com sua identidade.

— Conde Gambrelli — ela retribuiu o cumprimento, com a mesma voz rouca da filha. — Não tenho palavras para lhe dizer o quanto aprecio sua presença aqui.

Angélica ainda estava totalmente aturdida por encontrar a mãe ali, mas não tão surpresa que não pudesse ver o olhar especulativo de curiosidade em sua expressão.

Mas o que ela poderia dizer sobre Wolf que não fosse óbvio à primeira vista? Que sua aparência austera o fazia absolutamente irresistível? Que possuía uma autoconfiança sutil que só os ricos e prósperos eram capazes de alcançar?

Não obstante, sentia que algum tipo de explicação talvez fosse necessário.

— Mãe, eu...

— Sra. Harper?

Angélica se virou de repente ao ouvir o som nítido e tranqüilo e seu olhar recaiu ansioso sobre Peter Soames, assim que o viu parado a uma curta distância, ainda usando o jaleco que vestira para a cirurgia.

O sorriso confiante que o médico lhe tornou foi o suficiente para deixar os joelhos dela bambos ao perceber que a cirurgia de Stephen fora um sucesso.

Wolf que estava de pé atrás de Angel virou-se instintivamente para a sra. Harper, as duas mulheres se atiraram uma nos braços da outra e ambas começaram a chorar de alívio.

Sim, de fato havia cometido um erro em relação à família de Angel e seus sentimentos por Stephen, reconheceu irritado consigo mesmo.

O que acabava com a única defesa efetiva contra as fortes e crescentes emoções que sentia por Angélica.

CAPÍTULO OITO

— O que está fazendo? — indagou Angélica, sonolenta, enquanto era erguida por braços fortes.

Sentia-se exausta devido às emoções das últimas doze horas e do trauma de esperar por notícias da cirurgia de Stephen.

Sem mencionar a surpresa agradável de encontrar a mãe a esperando, junto com Wolf, quando retornou à clínica. Ambos haviam passado a manhã juntos e Angélica não tinha a menor idéia do que estiveram fazendo.

E então viera o alívio absoluto quando o cirurgião, Peter Soames, veio lhes dizer que a cirurgia fora o completo sucesso pelo qual todos haviam rezado.

Em seguida, o encontro que a levou às lágrimas, quando mais tarde, Stephen foi trazido para o quarto, ainda zozinho da anestesia, porém, lúcido o suficiente para voltar um sorriso tranquilizador a Angélica e Wolf, antes de imergir no sono induzido pelas drogas.

A mãe de Angélica decidira partir logo após a volta de Stephen, tranqüilizada pela presença de Wolf.

Presença que não deixava Angélica tão segura quanto a mãe, agora que a preocupação com Stephen havia passado.

Como naquele momento em que era erguida da cadeira onde adormecera ao lado do leito de Stephen.

Wolf a carregava colada à parede sólida do peito musculoso.

— O que está fazendo? — repetiu ela, percebendo as linhas severas da face masculina, apesar da luz fraca do quarto de hospital.

Havia se negado veementemente a voltar para casa como sugerira Wolf mais cedo. Insistindo em ficar com Stephen durante a noite, acomodara-se, decidida, na cadeira ao lado da cama, sem dar ouvidos aos protestos de Wolf.

Ao percebê-la determinada, Wolf resolveu permanecer a seu lado, sentando-se, com as longas pernas cruzadas em uma cadeira do lado oposto do quarto.

A presença silenciosa e meditativa de Wolf a deixou tensa e não tardou a descobrir que era ela e não Stephen o foco da atenção dos olhos castanhos penetrantes.

Embora na última meia hora tivesse relaxado — ou, o que era mais provável — estivesse exausta o suficiente para cair em sono profundo.

Ele lhe lançou um breve olhar, enquanto caminhava, carregando-a nos braços através do quarto.

— Não é óbvio? — indagou em tom arrastado.

— Não — retrucou Angélica.

— Uma cadeira não é lugar confortável para dormir — explicou Wolf. — E, como se mostrou tão determinada a ficar aqui esta noite, providenciei para que utilizasse o quarto contíguo.

O quarto ao lado do de Stephen fora ocupado por uma mulher de meia idade naquela manhã, recordou Angélica. Porém, quando se tratava do charmoso e poderoso Conde Wolf Gambrelli, um pequeno obstáculo como aquele poderia ser facilmente contornado.

Angélica girou o pescoço, lançando um olhar preocupado a Stephen, porém ele dormia profundamente a despeito do cateter ligado ao braço e os monitores à sua volta que sibilavam no silêncio do quarto.

— Deixarei a porta entreaberta para que possa ouvir no caso de ele acordar e chamar por você — informou Wolf, ao perceber o olhar ansioso que ela lançava ao pai. — Se quiser ser útil a Stephen amanhã pela manhã precisará de uma noite de sono confortável na cama em vez de um cochilo na cadeira — afirmou, carregando-a em direção ao quarto contíguo, onde apenas a luz tênue do quarto de Stephen quebrava a escuridão.

O plano lhe parecera perfeitamente lógico quando tomou as providências para que Angel tivesse uma noite confortável. Porém, naquele momento, com o corpo feminino quente e deliciosamente maleável em seus braços, a fragrância inebriante lhe embotando os sentidos e uma cama onde deitá-la, não estava tão certo da lucidez daquele plano.

Quando a deitou sobre o leito macio, em vez de soltá-la, como pretendia, descobriu-se tentado a se acomodar ao lado de Angélica.

Uma tentação a qual era incapaz de resistir, ainda mais quando os olhos cinza o fitaram desfocados pelo cochilo recente. A maciez carnuda dos lábios entreabertos era um convite irreprimível.

Após passar horas em companhia daquela mulher — tempo durante o qual Wolf estivera totalmente ciente do fascinante calor do corpo macio, da camiseta apertada que mal conseguia esconder os seios firmes, da curva graciosa das nádegas contra o tecido da calça jeans — sabia que tinha de tocá-la e lhe sentir o sabor. Necessitava fazê-lo.

Puxando-a em direção ao próprio corpo, deitou-se ao lado dela e lhe tomou os lábios em um beijo suave e explorador, deleitando-se com o sabor daquela mulher, não lhe deixando outra alternativa a não ser fazê-la corresponder em igual intensidade.

Angélica estava demasiado relaxada e sonolenta para protestar quando os lábios sensuais tomaram os dela mais uma vez. O simples fato de o contato ser gentil em vez de exigente suscitava um tremor de prazer que lhe percorria todo o corpo. Wolf lhe sugou vagarosamente o lábio inferior e deslizou a língua pela superfície carnuda com um movimento suave e provocador. Estava ciente de que desejava aquele homem. Completamente.

Porém, não podia se esquecer de onde estavam. Dos abafados e característicos sons do hospital, além da privacidade daquele quarto. Provavelmente enfermeiras estariam cuidando das tarefas do plantão. Em tom suave, deu voz às preocupações, enquanto os lábios quentes lhe escorregavam pelo contorno do queixo.

— Tranquei a porta — assegurou ele, distraído.

— Tem certeza? — murmurou Angélica. — Isso foi muito... sensato de sua parte — acrescentou, soando um tanto zozna.

Wolf ergueu a cabeça e baixou o olhar para fitá-la, os olhos faiscando na penumbra do quarto.

— A sensatez não foi responsável por minhas ações — retrucou ele, malicioso.

Angélica exibiu um sorriso sonhador.

— Posso adivinhar o que foi?

— Prefiro lhe mostrar — redarguiu Wolf em tom sensual. As mãos longas lhe emoldurando a face, enquanto a fitava, antes de inclinar a cabeça para beijá-la.

Reagindo instintivamente na semiescuridão do quarto, Angel deslizou os braços em torno do pescoço largo. Os dedos se entrelaçaram na maciez dos cabelos que lhe cobriam a nuca, ao mesmo tempo em que entreabria os lábios contra os dele. Um gemido rouco se formou na garganta de Wolf antes de ele aprofundar o beijo. A boca ávida dominava a de Angélica, a língua experiente executando uma invasão exploradora, enquanto a arrebatava.

Um calor intenso a invadiu. Os mamilos intumesceram e a área íntima entre suas coxas umedeceu profusamente, quando Wolf afastou os lábios em busca da curva graciosa do pescoço alvo. Os lábios exigentes detendo-se sobre a pulsação desordenada.

Angélica arqueou as costas em um gesto instintivo, enquanto com uma das mãos dele lhe cobria o seio, emoldurando-o, capturando-o para, em seguida, deslizar o polegar sobre a rigidez do mamilo túmido. Ao mesmo tempo, os lábios continuavam a preguiçosa exploração do pescoço, encontrando todas as delicadas concavidades. Em seguida, uma trilha de beijos úmidos e quentes percorreu o caminho da base do pescoço até ao ponto onde a mão acariciava o seio firme, pronto para ser capturado pelos lábios sôfregos.

Ela ofegou quando Wolf lhe sugou o mamilo. A língua traçava movimentos eróticos através do tecido fino da camiseta, fazendo com que Angélica enterrasse os dedos na maciez dos cabelos bastos, enquanto uma onda de prazer lhe lambia o corpo como labaredas de fogo.

Angélica emitiu um grito quando a pressão com que os lábios provocadores lhe sugavam o mamilo aumentou e os dentes lhe mordiscaram de leve. Wolf se moveu e ela pôde sentir a rigidez da ereção contra a maciez das coxas. O corpo másculo excitado roçando contra o dela repetidas vezes para fazê-la ciente do quanto a desejava. Ele lhe ergueu a camiseta pela cabeça e como recompensa teve total visão dos seios firmes e a rigidez dos mamilos excitados, já que os olhos de Wolf haviam se adaptado à quase escuridão.

— Wolf...? — gemeu Angel, em tom inquisitivo.

Ele ergueu o olhar repleto de desejo para fitá-la e observou os lábios carnudos intumescidos pelos beijos. Os cabelos formando um emaranhado escuro contra a alvura do travesseiro e os olhos cinza enevoados pela excitação.

Wolf se deteve a fitá-la por alguns instantes até que, com uma das mãos pousada de modo possessivo sobre um dos seios, baixou a cabeça, dedicando total atenção ao outro. Beijou a pele alva do contorno arredondado e as laterais antes de deslizar a língua sobre o mamilo já enrijecido, observando a face de Angel, enquanto ela emitia um suspiro de total entrega, fechava os olhos e arqueava o corpo em uma súplica tácita.

Em resposta, ele a sugou com maior intensidade, saboreando o gosto daquela mulher. A resposta acalorada de Angélica incitando carícias ainda mais íntimas. A mão que se encontrava pousada sobre um dos seios escorregou, deslizando pelo abdome macio? antes de baixar o zíper da calça jeans e a deslizar para encontrar a sedosidade da *lingerie*.

Podia sentir o calor e a umidade através do tecido fino quando a mão longa se curvou sobre a intimidade de Angel e os quadris curvilíneos se moveram no ritmo de suas carícias.

A intensidade com que lhe sugava o seio diminuiu quando desviou a atenção de ambos para o ponto mais abaixo, onde acariciava. A respiração ofegante, seguida de um leve tremor, indicava que ele havia conseguido seu intento. Acariciando-lhe mais uma vez o seio, Wolf se ergueu para tomar-lhe os lábios em um beijo molhado.

Os lábios macios de imediato se entreabriram, deixando clara a urgência do desejo de Angélica. Mal podia conter a excitação provocada pelo toque erótico enquanto os dedos ágeis se moviam mais além, permitindo que ela se acostumasse ao toque antes de deslizar a mão para dentro da *lingerie* e escorregar para o interior úmido e cálido da intimidade feminina.

Ela estava lubrificada e intumescida e se tornou mais ainda quando os dedos longos se retraíram para lhe estimular o ponto mais sensível, voltando, em seguida, a penetrá-la, enquanto as coxas torneadas se entreabriam para lhe facilitar o acesso.

Angélica se perdeu no prazer sensual que Wolf criava a cada carícia, movendo-se contra o corpo masculino à mercê dos próprios instintos, enquanto o movimento dos dedos, antes suave, tornava-se cada vez mais frenético.

Wolf afastou os lábios e com a mão livre lhe retirou a calça jeans e a lingerie, descartando-as para o lado. Os olhos cinza se dilataram quando sentiu as mãos experientes em seus quadris e toque dos lábios sensuais contra a pele sensível do interior das coxas antes de escorregar para intimidade pulsante.

Uma onda quente e envolvente de prazer a engolfou, enquanto a língua macia lhe explorava o ponto mais sensível da feminilidade, criando uma golfada de líquido quente entre as suas coxas.

Angélica movia a cabeça de um lado para outro no travesseiro enquanto se perdia no êxtase daquela sensação. As mãos de Wolf lhe seguraram as nádegas enquanto a erguia para facilitar o acesso. Um grito lancinante escapou da garganta de Angel, que se sentia sugada em uma espiral de prazer que por certo a faria perder o controle. Ele suavizou o movimento da língua, mantendo-a à beira do que Angélica pressentia ser uma experiência tão avassaladora que poderia levar à loucura. Os dedos torturadores se moveram para se postar na reentrância da intimidade úmida, deslizando para dentro e para fora, até que Angélica suplicasse para ser possuída.

Wolf estava ciente do desejo urgente daquela mulher e lhe satisfez a vontade, penetrando-a com os dedos.

Os músculos internos de Angel se apertaram em torno deles. Sentindo os tremores que começavam a lhe sacudir o corpo, ele deslizou a outra mão até lhe capturar um dos seios, guiando o mamilo para os lábios e o sugando com avidez ao mesmo tempo em que sentia a resposta do corpo feminino. As costas de Angélica se curvaram e os quadris se moveram no ritmo das investidas cada vez mais rápidas dos dedos ágeis.

Quando se certificou de que ela ultrapassara o ponto do autocontrole e não mais conseguiria evitar o clímax iminente, Wolf deslizou mais para baixo, movendo os lábios para tomar o ponto mais sensível da intimidade feminina. Um pouco mais acima de onde os dedos a estimulavam até que Angélica gritasse, sacudida por convulsões quando alcançou o ápice do prazer por um tempo prolongado.

Muito tempo depois, Angel pareceu recobrar a lucidez e foi capaz de sentir o sal das lágrimas que lhe banhavam a face. Não de tristeza ou arrependimento, mas sim de incomparável prazer.

Estava ciente de que Wolf se focara apenas em lhe proporcionar prazer e ainda estava proporcionando à medida que acalmava os incontroláveis tremores de seu corpo com o carinho relaxante das mãos firmes.

Aquele era Wolf, disse ela a si mesmo. O homem que acusara, não uma vez, mas várias de não passar de um Don Juan.

Porém, havia acabado de constatar, sem sombra de dúvida, que, se aquilo fosse verdade, nenhuma das mulheres de seu passado devia ter se sentido usada. Embora aquele homem não tivesse intenção de entregar o coração a uma mulher. Nem tampouco render-se à maldição Gambrelli de uma vida inteira de amor ardente. Certamente entregava tudo mais que possuía. Sem reservas e de maneira generosa...

Angélica se mexeu e ele a envolveu nos braços, mais uma vez acomodando-se a seu lado e a puxando para si. O coração batendo forte no peito.

— Wolf...

— Não diga nada, Angel — replicou Wolf em tom áspero.

— Mas eu... você não...

— Estou satisfeito — garantiu ele em tom suave. — O que aconteceu há pouco foi a celebração da vida.

Ele estava certo, concordou Angélica em seu íntimo. Aquele homem, após o alívio de saber que a cirurgia de Stephen fora um sucesso, a excitara a ponto de levá-la ao pináculo do prazer. Como ele próprio dissera: a celebração da vida. E ela, pelo mesmo motivo, sentira-se despertar nos braços de Wolf.

Ele se mexeu, impaciente, ao seu lado.

— Não estraguemos esta noite com exames de consciência de minha parte ou recriminações da sua — sugeriu em tom firme.

— Não era isso que pretendia fazer — afirmou ela, ciente de que não tinha do que se queixar. Wolf apenas a beijara, sem esperar ser correspondido. Apenas quando a percebeu desejosa em seus braços levou aquele ato a outro nível.

Um nível que Angélica jamais conhecera. Nem sequer imaginou existir.

Tivera relacionamentos no passado, mas nunca com um homem como Wolf. Nunca experimentara prazer tão avassalador. Os seios ainda só encontravam um tanto sensibilizados, quentes e desejosos. Sentia uma inebriante sensação de satisfação entre as coxas como consequência do até então desconhecido clímax.

Não havia recriminações a fazer. Wolf a satisfizera por completo. Proporcionara-lhe prazer de forma abnegada, sem se preocupar com a própria satisfação.

O mais curioso é que não conseguia perceber nenhum traço da autossatisfação e superioridade masculina que esperara encontrar pelo fato de Wolf ter se certificado da resposta que suscitava nela.

— Vamos encarar isto como de fato é, sim? — sugeriu ele mediante o silêncio prolongado.

Mas o que fora aquilo?

Não havia dúvidas de que Wolf era um amante extraordinário e sabia exatamente como proporcionar prazer a uma mulher. Mas tudo havia se resumido tão somente à "celebração da vida" como ele dissera?

Teria Wolf sido apenas o amante experiente que sempre fora, proporcionando prazer a uma mulher que por acaso se encontrava em seus braços? Ou teria significado mais?

Seria tola se tentasse se iludir, julgando que o que houve entre ambos fora mais que uma troca de prazer físico?

Desejava que tivesse sido mais que isso?

Wolf era muito parecido com Stephen. Um homem que, sem dúvida, apreciava mulheres. Se esperava mais do que ele dera — como talvez todas as outras mulheres que haviam passado pela vida dele — estaria enganando a si mesma.

Não, não faria aquilo. Não cometeria o erro de imaginar que o ato físico entre eles significara alguma coisa para Wolf ou que se diferenciava de qualquer outra mulher com quem ele tivera um relacionamento íntimo.

Wolf lhe proporcionara prazer e, diante de sua desinibida resposta, afirmou estar satisfeito, deixando implícito que não desejava nada da parte dela.

Angélica se aninhou nos braços fortes, encostando o corpo ao dele sob o lençol que Wolf puxara para cobri-los e, em seguida, pousou a cabeça no ombro largo. As batidas

ainda irregulares do coração provavam que, embora ele não tivesse obtido a satisfação total, sentira-se tão excitado quanto ela.

Não tinha idéia de como iria encará-lo após ter sido tocada com tanta intimidade e respondido com tanta ousadia, mas aquilo era algo em que pensaria quando chegasse a hora. No momento, tudo que desejava era adormecer naqueles braços.

— Boa-noite, Wolf— disse com voz sonolenta.

— Durma, Angel — retrucou ele em tom de voz rouco.

Angélica deixou escapar um suspiro de satisfação antes de fechar os olhos, cedendo à exaustão.

Wolf percebeu que ela pegara no sono quando sentiu o corpo feminino relaxar contra o dele e ouviu a respiração cadenciada.

Deixou escapar um suspiro profundo, forçando os próprios músculos a relaxarem, enquanto a amparava contra o próprio corpo. Com a cabeça apoiada no travesseiro, fitou o teto, insone. Sabia que não havia sido honesto com Angélica momentos atrás. Estava mais que satisfeito por ter feito amor com Angel. Tê-la sentido sob seus dedos e lhe testemunhado a resposta eloqüente. Sabia que poderia ter feito amor com ela durante toda a noite e não se cansar de vê-la se entregar tão completamente. Porém, era exatamente o modo como Angel se doava que o assustava.

Conhecera inúmeras mulheres, mais do que podia se lembrar, mas foram relacionamentos baseados em puro desejo físico. Uma mera troca de prazer carnal mútuo sem risco de envolvimento emocional.

Porém, Angel era diferente de todas as outras mulheres que conhecera. Fora aquele o motivo que o levou a impedir que ela o tocasse e que ambos se amassem em plenitude.

Pressentira que com Angel o mero prazer físico não seria suficiente. Tinha de admitir que havia mais entre eles do que desfrutara com qualquer outra mulher.

E não permitiria que aquilo acontecesse...

CAPITULO NOVE

Angélica acordou lentamente, um tanto desorientada, enquanto deslizava o olhar pelo desconhecido cômodo iluminado pela luz solar. O burburinho abafado das vozes de Wolf e Stephen a fez lembrar onde se encontrava e o motivo pelo qual estava ali.

E logo a lembrança da noite anterior em que Wolf a fizera experimentar um prazer avassalador lhe veio à mente.

Oh, Deus!

Na noite passada pusera de lado às conseqüências daquela intimidade para lidar com elas na manhã seguinte. Bem, encontrava-se na manhã seguinte e, portanto, teria de enfrentá-las.

Como?

Deveria apenas fingir que aquilo não acontecera? Esperar que Wolf continuasse considerando o que fizeram como a celebração da vida? Creditar sua reação à euforia de saber que a cirurgia de Stephen havia sido um sucesso?

Permitiria Wolf que ela o fizesse, após conhecer seu corpo, beijá-la e tocá-la com tanta intimidade? Ou o sarcasmo e a ironia com que a tratava iria apenas aumentar?

Ficar deitada ali, debatendo o problema em sua mente não lhe daria as respostas que precisava.

Pensando assim, jogou as cobertas para o lado e se sentou, atirando as pernas para fora da cama. De imediato, deu-se conta de que não estava mais trajando a calça jeans, tampouco a *lingerie*. Um rubor intenso se espalhou pela face alva quando avistou as duas peças do vestuário dobradas com esmero sobre a cadeira ao lado da cama. Um lugar onde, por certo, não estavam na noite anterior, depois que Wolf as retirara de seu corpo em chamuscas e as jogara para o lado.

Angélica sacudiu a cabeça enquanto se vestia, apressada. Não se daria ao luxo de pensar na noite passada naquele momento. Tinha de ver Stephen e se certificar de que ele iria ficar bem. Na verdade, sentia-se um tanto aborrecida com Wolf, por não tê-la acordado mais cedo.

A conversa cessou no momento em que Angélica adentrou o quarto de Stephen, minutos depois. Os dois homens volveram o olhar a ela. Stephen parecia feliz em vê-la, mas a expressão de Wolf era amorfa.

Não obstante a noite anterior, Angélica sabia que não podia esperar que ele se mostrasse amável e feliz em vê-la. O amor, como bem sabia, era um sentimento que não fazia parte das emoções daquele homem.

Na verdade, soube que Wolf não estava satisfeito em vê-la quando o viu se erguer de modo lento com a expressão reservada e a costumeira arrogância distante.

Angélica desviou rapidamente o olhar dos perscrutadores olhos castanhos. O lacrimoso sorriso estampado em sua face se fixou apenas em Stephen enquanto caminhava para segurar a mão que ele mantinha estendida, antes de se inclinar e lhe dar um abraço da melhor maneira que pôde devido à parafernália hospitalar com a qual era monitorado.

Wolf se afastou quando ela se acomodou em uma cadeira ao lado do leito, e pai e filha começaram a conversar em tom suave. Sentia-se como uma espécie de intruso naquele diálogo sentimental. Ao mesmo tempo, tinha ciência de que parte daquela sensação se devia ao fato de, pela primeira vez em sua vida, não saber como lidar com uma situação.

Lembrar como fizera amor com Angel na noite anterior — beijá-la, acariciá-la, conhecer seu corpo mais intimamente do que conhecia o dele, sentir-lhe o calor, a generosidade física que aquela mulher possuía em se entregar sem reservas — embotava-lhe os sentidos e o deixava sem palavras.

Permanecera acordado por horas, tentando decidir qual seria o próximo passo.

Os instintos lhe diziam para se afastar daquela mulher o mais rápido possível. A promessa que fizera a Stephen, de que agiria como protetor de Angel enquanto ele estivesse internado no hospital, tornava aquela decisão impossível.

Lembrava-se também de tê-la em seus braços, a mão delicada pousando, confiante, em seu peito, enquanto permanecia aninhada contra ele durante toda a noite. Não conseguira pegar no sono, tentando descobrir algum modo de escapar daquela situação.

Por fim, chegara à conclusão de que não havia saída a não ser manter Angel a uma distância física segura.

E aquilo, apesar da promessa que fizera a Stephen, era exatamente o que pretendia fazer, porque àquela altura a pessoa da qual Angel mais precisava ser protegida era dele!

— Leve Angel de volta para casa para que ela possa fazer uma refeição decente e descansar. Wolf? — chamou Stephen quando o percebeu distraído.

— Desculpe-me. — Wolf pareceu despertar e sorriu, sacudindo a cabeça. — Estava longe daqui — desculpou-se em tom casual. — Sugeria que a levasse para casa para que ela pudesse se alimentar antes de descansar, não?

Voltar para a casa de Stephen, onde, fora os discretos criados, estariam completamente a sós.

Porém, ficar sozinho com Angel era algo que definitivamente queria evitar.

— Não há necessidade de Wolf me levar a nenhum lugar — interveio Angélica, impaciente quando percebeu a expressão de Wolf. — Sou perfeitamente capaz de voltar para casa sozinha quando achar que devo, o que não é o caso — acrescentou, teimosa, ao perceber que Stephen iria objetar. Ainda não estava preparada para ficar a sós com Wolf. Na verdade, achava que nunca estaria.

O amante da noite anterior — o homem que a acariciara, beijara, excitara de modo tão sensual e a tocara de forma tão íntima — encontrava-se totalmente disperso aquela manhã. Voltara a ser o conde siciliano arrogante que era. Os olhos castanhos, frios e altivos quando a fitou com expressão presunçosa e distante.

O que devia tornar mais fácil enfrentá-lo.

Mas não tornava.

Aquele distanciamento tornava difícil sequer acreditar que a noite anterior havia existido, o que dizer de conseguir lidar com aquilo.

Stephen lhe apertou a mão.

— Quero que volte para casa, pelo menos por algum tempo — encorajou-a o pai. — Vou tirar um cochilo, portanto deve tomar proveito dessa oportunidade e fazer uma refeição decente, tomar um banho e trocar de roupa.

Angel lhe voltou um olhar zombeteiro.

— É uma maneira educada de me dizer que estou com péssima aparência?

— É uma forma polida de dizer que vá para casa e descanse — retrucou Stephen, sorrindo. — Nenhum de vocês dormiu bem, permanecendo aqui a noite toda.

Angélica se viu incapaz de olhar na direção de Wolf quando um rubor intenso se espalhou por sua face. Não tinha idéia se Wolf dormira a noite anterior ou não, embora a julgar pela austeridade da expressão do rosto másculo fosse mais provável a segunda opção. Ela, por sua vez, dormira calma e profundamente após Wolf ter feito amor com ela. Na verdade, não conseguia se lembrar de ter dormido tão bem em muito tempo. Se algum dia...

— Stephen tem razão, Angel — concordou Wolf. Os olhos castanhos encarando-a com facilidade quando ela lhe voltou um olhar afiado. — Não ajudaria em nada você ter um colapso por exaustão e falta de alimentação.

Wolf, melhor do que ninguém, pensou ela, deveria saber que após a noite passada devia estar completamente descansada.

— Por favor, faça isso, Angel. Por mim — pediu Stephen em tom firme.

— Oh, esta bem — concedeu ela, após voltar um rápido olhar à descompromissada expressão do arrogante conde.

— Mas não há necessidade de Wolf me acompanhar — acrescentou deliberadamente.

Os lábios de Wolf se retorceram.

— Preciso tomar um banho e trocar de roupa também. Dormi com esta a noite passada — comentou, baixando o olhar à camisa e à calça amarrotadas.

Um calor intenso assomou à face de Angélica ao se recordar que sua calça jeans se encontrava em perfeito estado. O que denunciava que não havia dormido com ela na noite anterior.

— Vou para casa comer algo, tomar um banho e trocar de roupa, mas depois disso voltarei imediatamente para cá — assegurou ela enquanto se encaminhava para pegar a bolsa. — Não preciso tirar um cochilo.

— Criança teimosa — murmurou Stephen em tom afetuoso enquanto a filha se inclinava para lhe depositar um beijo caloroso na face. — Obrigada por ter ficado aqui, querida — agradeceu ele. — Foi o fato de saber que estaria aqui que me trouxe de volta da cirurgia, sabe disso?

Sim, ela sabia. Assim como sabia que um dia contaria a Stephen que sua mãe estivera ali no dia anterior. Se não por outro motivo, apenas porque ele merecia saber que a sra. Harper ficara preocupada o suficiente — não só pela filha, mas por ele também — para ter dirigido até Londres e ficado até que estivesse certa de que Stephen estava fora de perigo. Quem poderia saber? Talvez um dia, ele, a mãe e Neil pudessem se tornar amigos. Coisas incomuns haviam acontecido.

Tais como Wolf Gambrelli fazer amor com ela...!

Tentou expulsar tais pensamentos da mente quando Wolf lhe segurou firmemente o braço e, juntos, deixaram o quarto de Stephen. Ambos caminharam ao longo do corredor em silêncio constrangedor, em direção à saída, porém repletos de tensão expectante.

Angélica deixou escapar um profundo suspiro, após vários minutos em que quase voara para acompanhar os passos largos de Wolf. Estava ciente de que mesmo que conseguisse afastar todas as lembranças da noite anterior da mente, o que muito duvidada, Wolf obviamente não poderia.

— Wolf...

— Não agora, Angel — disparou ele em tom brusco, sem sequer olhar em sua direção.

Os músculos da mandíbula de Wolf se encontravam contraídos, onde latejava uma veia e a expressão do rosto masculino se tornava cada vez mais remota.

Ela suspirou.

— Queria apenas lhe dizer que seria melhor se ambos esquecêssemos o que aconteceu ontem à noite.

Esquecer? A palavra ecoou na mente de Wolf.

Como diabos poderia esquecer, quando apenas em lhe tocar o braço como estava fazendo no momento, sentir mais uma vez a maciez sedosa da pele de Angel sob seus dedos, enchia-lhe a mente de lembranças eróticas e de como eram sedosas e sensíveis outras partes do corpo que tivera nas mãos a noite anterior?

— Considere esquecido — rebateu ele, mantendo deliberadamente o olhar à frente, pois voltá-lo a Angélica seria sua perdição. Naquele momento tudo que desejava era levá-la de volta para a cama e terminar o que havia começado.

Sentia o corpo não saciado arder de desejo! Ela lhe lançou um olhar cáustico.

— Simples assim? Wolf anuiu, sucinto.

— Simples assim.

Ele percebeu a tensão que a assolava pela repentina rigidez do braço de Angélica sob seus dedos. Poderia estar furiosa ou magoada pela frieza que demonstrava, mas não tinha intenção de descobrir qual dos dois sentimentos a afligia.

Aquela mulher se impregnara nele de uma forma como nunca lhe havia acontecido antes. Angel transpassara a armadura com a qual costumava proteger seus sentimentos e ele não gostava daquela sensação.

Nem um pouco!

Conhecia-a por uma questão de dias e passara um bom tempo daquele curto período desconfiando da repentina aparição de Angélica na vida de Stephen.

Porém, no dia anterior, presenciando o alívio genuíno que ela experimentou quando soube que Stephen havia sobrevivido à cirurgia, percebera sem nenhuma sombra de dúvida que os sentimentos de Angel eram verdadeiros. Assim como os da mãe dela. As suspeitas que lançara sobre as intenções de Angélica em fazer parte vida de Stephen, bem como as da família dela, eram totalmente infundadas.

Aquilo o deixara sem saber o que sentir em relação a Angel e parte dele — a da autopreservação que sempre o distanciara dos envolvimento pessoais e que rejeitava a maldição Gambrelli — não queria saber. Assim poderia se desculpar e partir. Aquela semana parecia não querer passar!

Uma hora depois, Angélica estudava o reflexo de seu corpo despido no espelho que cobria toda uma parede do aposento, após retornar da ducha que tomara no banheiro da suíte. Inclinou a cabeça para o lado enquanto tentava descobrir se algo mudara em sua silhueta desde o momento em que deixara a casa de Stephen no dia anterior.

Haviam se passado 24 horas.

As quais a fizeram se sentir diferente.

Nunca conseguira alcançar o ápice do prazer físico antes. Nunca experimentara tão completa intimidade com alguém antes ou permitira as liberdades que Wolf tomar como se elas lhe pertencessem por direito.

Seu corpo lhe parecera diferente, mais sensível, quando se ensaboou debaixo do chuveiro. Como se estivesse excitado, ansiando por um amante. Por Wolf...

Analizou as curvas do corpo sinuoso no espelho, os seios firmes, o estômago reto, o contorno suave dos quadris e o triângulo escuro entre as pernas.

Não, decidiu por fim. A parte uma certa coloração rósea mais intensa dos mamilos, não havia sinais visíveis do efeito das carícias de Wolf na noite anterior.

Porém, sentia o corpo diferente. Os seios estavam mais pesados, os mamilos mais protrusos e a ânsia contínua e incomum entre as coxas era quase enervante.

E aquilo tudo apenas em lembrar a forma como Wolf fizera amor com ela na noite anterior.

O quê?

Angélica se voltou de modo brusco em direção à porta quando ouviu uma batida.

— Espere um minuto! — gritou impaciente para porta enquanto se apressava em pegar o robe. Porém, deteve-se no meio do caminho e arregalou os olhos quando Wolf adentrou o quarto.

Ele estacou como se todo o ar lhe tivesse sido arrancado dos pulmões ao se descobrir diante de uma Angélica completamente despida.

Acariciara e lhe beijara as curvas do corpo na semiescuridão do quarto do hospital. Descobrira os contornos atraentes apenas pelo toque das mãos e lábios. Porém, no momento, ela se encontrava diante dele parada no meio do quarto, trajando apenas a pele do próprio corpo. Como um cervo surpreendido pelos faróis de um carro, era capaz de testemunhar a estonteante beleza daquela mulher.

Tão extraordinariamente bela que o deixou sem palavras!

Os cabelos caíam em uma cascata escura e revolta sobre os ombros delgados, os seios firmes e empinados com os mamilos róseos salientemente convidativos, a cintura delgada, os quadris suavemente arredondados e o montículo de pelos levemente encaracolados no ápice das coxas que prenunciava um par de pernas longas e torneadas.

Wolf logo percebeu que fitava toda aquela deliciosa e atrativa nudez como um faminto contemplando um banquete.

De imediato, sentiu todo corpo tensionar.

— Pensei ter pedido para que eu entrasse — começou em tom tenso.

Os lábios de Angélica se retorceram

— Claro que não. — Suspirou, exasperada, enquanto esticava a mão para pegar o robe de seda cinza sobre a cama. — Embora não haja nada que não tenha visto antes, não acha? — prosseguiu, ao mesmo tempo em que deslizava os braços pelas mangas do roupão. Os dedos levemente trêmulos quando apertou a faixa em torno da cintura delgada antes de dirigir um olhar desafiador a Wolf. — O que posso fazer por você? — indagou de pronto.

Wolf pôde perceber, pelo erguer das sobrancelhas, que ela não desejava uma resposta sincera.

Embora o inegável estado de excitação de seu corpo pudesse responder sem palavras.

Wolf deu um passo à frente. A julgar pela quantidade de itens pessoais que lá se encontrava, aquele devia ser o aposento destinado ao uso de Angel durante sua estadia na casa de Stephen. Fechou a porta atrás de si, questionando a sensatez daquele ato, porém incapaz de correr o risco de permitir que algum criado escutasse a conversa de ambos.

Sentiu a boca ressecada enquanto observava Angel soltar os cabelos que ficaram contidos dentro do robe. O tecido sedoso se aderiu aos seios com o movimento, deixando à mostra a rigidez dos mamilos que lhe atraíam o olhar.

Aquilo era ridículo, disse Wolf a si mesmo. Presenciara a nudez de um sem-número de mulheres em seus 36 anos. Fizera amor com uma boa parte delas. Porém, nunca se sentira tão excitado à simples visão de um corpo feminino desnudo.

Por certo, o fato de ter tocado e sentido o sabor daquelas curvas graciosas era responsável por aquela sensação na virilha e por seus sentidos estarem em alerta.

Angélica observou a expressão distraída do rosto masculino, sentindo-se um tanto envergonhada por ter sido surpreendida nua, porém determinada a não reagir como uma colegial e fazê-lo ciente do quanto aquela situação a perturbava. Era melhor pensar que estava longe de ser uma colegial tímida do que...

— Vim até aqui porque cheguei à conclusão de que lhe devo um pedido de desculpas depois do que aconteceu ontem.

Um rubor intenso se espalhou pela face de Angélica.

— Pensei termos concordado em esquecer a noite passada...

— Estava me referindo a seus sentimentos em relação a Stephen e não ao que aconteceu entre nós — interrompeu-a Wolf, impaciente. — Percebi após testemunhar seu alívio ao ser informada do sucesso da cirurgia de Stephen que talvez tenha... julgado erroneamente suas intenções para com ele.

Wolf não mais achava que era uma oportunista?

— Talvez? — indagou Angel em tom seco.

Os músculos da mandíbula de Wolf se contraíram.

— Interpretei mal seus sentimentos para com Stephen — corrigiu ele, tenso. As mãos cerradas ao lado do corpo.

Angélica inclinou a cabeça com expressão sarcástica.

— Sem dúvida — confirmou.

Depois das acusações que Wolf lhe fizera, não pretendia mostrar simpatia pelo óbvio embaraço que expressava por tê-la julgado mal.

— E a sua família também — acrescentou Wolf, desconfortável. — Sua mãe estava verdadeiramente preocupada quando chegou à clínica ontem. E não só por sua causa.

Oh, Deus! Aquele homem estava passando por um exame de consciência?

Já não era sem tempo!

A vergonha que afirmou que Wolf sentiria quando descobrisse quem ela realmente era, embora um tanto tardia, ali estava. Wolf mostrava-se bastante desconcertado por tê-la interpretado mal.

O arrogante conde por certo não era o tipo de homem que gostava de admitir que estava errado.

Angel sentou-se na beirada da cama, cruzando as pernas, enquanto o fitava com olhar expectante. O tecido fino do robe deslizou, revelando as pernas longas e torneadas.

Wolf se forçou a não voltar o olhar a elas, tampouco se permitir pensamentos sobre a nudez escondida sob o robe, mantendo-se focado na face feminina.

— E então? — Angélica quebrou o silêncio constrangedor.

Wolf sacudiu a cabeça.

— É óbvio que deseja que eu saia...

— O que desejo é que se desculpe — corrigiu ela, impaciente. — Admitir estar errado não é exatamente pedir desculpas, é?

Angel estava determinada a espezinhá-lo, pensou, frustrado. E por que não deveria estar? Admitira a si mesmo na noite anterior que fora desnecessariamente cruel com ela durante todo o final de semana devido a suas suspeitas errôneas. Dissera-lhe coisas absurdas, fizera-lhe acusações infundadas que o faziam se envergonhar só de lembrar. Um pedido de desculpas era mais do que necessário.

Wolf deixou escapar um profundo suspiro.

— Desculpe-me por todos os insultos que lhe dirigi durante o fim de semana — concedeu por fim. — Stephen estava certo sobre você, e eu errado — acrescentou. — O que mais quer que eu diga? — indagou, mediante o olhar ainda expectante de Angel.

Ela lhe voltou um sorriso misterioso.

— Nada — afirmou. — Estava apenas... saboreando o momento — explicou.

Wolf cerrava e descerrava as mãos enquanto resistia ao impulso de cruzar o quarto e a tomar nos braços.

Aquela diabinha estava se divertindo com seu desconforto e não escondia o fato de estar rindo dele!

Contraíu os músculos da mandíbula enquanto travava uma inglória batalha para não lhe tomar os lábios e apagar aquele sorriso vitorioso deles.

Após a noite insone, fantasiando levar o ato de amor até o fim e enterrar-se na maciez da feminilidade convidativa, sabia que se a tocasse despedaçaria seu autocontrole em milhões de partículas.

Não permitiria que aquilo acontecesse!

Recompondo-se, fitou-a diretamente nos olhos.

— Deixarei você para que termine de se vestir.

— Muito gentil de sua parte — redarguiu Angel, em tom sarcástico.

Ele tentou controlar a própria tempera.

— Acho que a cozinheira preparou-nos uma refeição.

— Eu pedi que ela o fizesse — esclareceu Angel.

Não havia mais nada a dizer. Pedira-lhe desculpas e no momento precisava sair dali.

Porém, suas pernas teimavam em desobedecê-lo!

— Deseja mais alguma coisa...? — inquiriu ela na defensiva, ante a indecisão de Wolf.

— Não!... Não — repetiu em tom menos agressivo. — Nada mais.

Então por que ele não se retirava?

— Não tenho intenção de contar a Stephen o que aconteceu entre nós ontem a noite se é isso que o preocupa — assegurou Angel, com a face em chamas ante à lembrança de como havia se entregado àquele homem na noite anterior.

As narinas de Wolf se dilataram, a face e a mandíbula se contraíram e os lábios se comprimiram em uma linha fina.

— Já lhe disse que isso não se repetirá.

Angélica franziu o cenho, indecisa se poderia afirmar o mesmo.

Naquele exato momento, encontrava-se completamente ciente da musculatura perfeita daquele corpo sobre a camisa pólo branca e calça comprida preta, feita sob medida, que Wolf trajava, dos cabelos dourados ainda úmidos pelo banho e da sensualidade das mãos longas. Mãos que a tocaram tão intimamente na noite anterior...

Angélica volveu o olhar à face máscula, observando o contorno dos lábios atraentes que a haviam beijado e explorado, levando-a a um clímax que ainda tremia de prazer só em recordar.

Mas aquele era Wolf Gambrelli, lembrou a si mesma. Um extraordinário mulherengo. Era óbvio que conseguira obter prazer nos braços daquele homem. Afinal, ele sabia exatamente que comandos pressionar para facilitar que aquilo acontecesse. Era mais provável que Wolf conhecesse melhor os meandros do corpo feminino do que ela na qualidade de mulher!

Os pensamentos a fizeram se empertigar.

— Fico satisfeita em ouvir isso.

As sobrancelhas de Wolf se ergueram.

— Fica?

— Sim — garantiu ela em tom firme. — Agora, se não se importa... Gostaria de voltar ao hospital o mais rápido possível.

Os lábios de Wolf se contraíram.

— Claro. Encontro-a lá embaixo daqui a pouco — retrucou antes de girar nos calcanhares e deixar o quarto.

Angélica o acompanhou com o olhar, ciente de que o pedido de desculpas de Wolf fora uma vitória ilusória. Apesar de tudo, fora ele a ter a última palavra ao assegurá-la de que não tinha intenção de fazer amor com ela outra vez.

Para sua perplexidade, não estava certa se aquilo a fazia sentir-se aliviada ou... desapontada.

CAPITULO DEZ

A recuperação de Stephen, durante a semana que se seguiu à cirurgia, foi um milagre do ponto de vista de Angélica.

O tempo que era obrigada a permanecer em companhia de Wolf passara lentamente. Ambos haviam sido bastante polidos um com o outro sempre que estavam na presença de Stephen, porém quando se encontravam sozinhos, geralmente durante o trajeto entre a clínica e a casa, permaneciam em silêncio. Wolf optara por passar suas noites no escritório de Stephen. Supostamente organizando a papelada relativa aos negócios que o unia a seu pai.

Até então, havia honrado a promessa que fizera ao pai de agir como seu protetor. Encarregara-se de lidar com as perguntas inoportunas dos repórteres que permaneceram do lado de fora da clínica no dia seguinte à cirurgia de Stephen.

Embora tivesse sido um tanto embaraçoso descobrir o próprio nome ligado ao de Wolf em vez de Stephen na manhã seguinte. O consenso geral parecia dar conta de que ela era a atual namorada do Conde Gambrelli.

Wolf não pareceu preocupado com a divulgação da informação equivocada, e Stephen achou bastante divertido quando viu as conjecturas dos repórteres e a foto de ambos nos jornais.

Portanto, Angélica optou por não fazer um alarido sobre o assunto.

Afinal, decidiu ao fitar Wolf sob os longos cílios através da mesa de jantar na noite anterior à alta de Stephen do hospital, o Conde Gambrelli sairia de sua vida para sempre, o que bastaria para dar fim aos fuxicos sobre um possível relacionamento entre os dois.

De qualquer forma, estava em tempo de ela e Stephen divulgarem a verdadeira ligação existente entre ambos.

Enquanto isso, tendo visitado Stephen na clínica mais cedo, decidiu jantar com Wolf naquela noite apenas para passar o tempo e, na manhã seguinte, traria Stephen de volta para casa.

— Gostaria de lhe agradecer por toda a ajuda que nos prestou nesta última semana. — Angélica quebrou o silêncio, ciente de que lhe devia ao menos um agradecimento.

Ela o estava dispensando, pensou Wolf, percebendo-se irritado e impaciente com a descoberta. O que era ridículo quando fizera tudo que estava a seu alcance na última semana para evitar ficar a sós com ela, determinado a não repetir o que fizeram na noite que passara na clínica.

A atração que sentia por aquela mulher colocava em perigo o que lhe era mais caro: a decisão de nunca sucumbir à maldição Gambrelli!

Porém, o fato de ela tê-lo evitado o tirava do sério da mesma forma.

Não era um homem presunçoso — ao menos, não se considerava um — porém, tinha de admitir que a patente indiferença de Angel estava ruindo seu autocontrole.

Não ajudava em nada o fato de, em contraste com a frieza de Angélica, estar alerta para tudo que aquela mulher fizesse e dissesse.

Como naquele momento.

Ela estava radiante aquela noite. O vestido cor bronze que trajava combinava com perfeição com os olhos cinza.

A simplicidade de estilo do corte da roupa realçava os seios fartos e deixava-lhe os braços desnudos, bem como as pernas até a altura dos joelhos. Os cabelos caíam em uma cascata escura sobre os ombros descendo pelas costas e a maquiagem era discreta. Apenas uma camada de *gloss* cor de pêssego lhe cobria os lábios carnudos.

Não tinham adotado o hábito de jantar como naquela noite. Geralmente conseguia que as refeições lhe fossem servidas em uma bandeja no escritório de Stephen. Porém, devido à alta iminente, o sócio decidira examinar a papelada referente aos negócios no hospital, deixando-o sem desculpa para não jantar com Angel quando retornassem da clínica.

Porém, em interesse de sua autodefesa, talvez devesse ter arranjado uma!

— Foi um prazer ser útil — replicou Wolf em tom frio. Os olhos cinza faiscaram, maliciosos.

— É mesmo?

Wolf franziu o cenho quando percebeu o sarcasmo. Por certo, não era o único a sentir um certo alívio pelo fato de o convívio deles naquela casa estar próximo do fim. Sem dúvida, por razões diversas.

Embora o alívio que Angel experimentava não fosse nada lisonjeiro para o ego de um homem, refletiu ele coar sarcasmo.

Não que tivesse esperado algum tipo de lisonja por parte de Angel. A honestidade daquela mulher beirava a rudeza no que concernia à opinião que ela, assim como várias mulheres que haviam passado por sua vida, tinham a seu respeito.

— Claro — afirmou Wolf em tom de voz tenso. Angélica o fitou com olhar zombeteiro.

— Está sendo muito educado — observou ela. — Quando pretende de fato voltar a seus afazeres? — acrescentou, com expressão inquiridora, ciente de que Wolf havia colocado seus interesses de lado na última semana para manter a promessa que fizera a Stephen de permanecer em sua casa e protegê-la. Não havia saído sequer uma noite para encontrar amigos ou mesmo a própria família. Angélica estivera completamente ciente da presença dele durante todo o tempo em que não estavam na clínica, mesmo que não permanecessem juntos. Porém, não tinha dúvidas de que existiria uma mulher em algum lugar, esperando, impaciente, que Wolf retornasse à sua cama. — Suponho que esta semana deve ter sido uma grande provação para você — comentou antes que ele pudesse responder à pergunta que fizera.

— De forma alguma — redarguiu Wolf, fitando-a com olhos sagazes quando se inclinou para trás na cadeira para encará-la. — Serviu para que passássemos algum tempo juntos.

E julgava aquilo agradável? Angélica não conseguia imaginá-lo pensando daquela forma.

Além disso, Wolf tinha se mostrado demasiado indiferente na última semana, o que impediu uma maior proximidade entre ambos.

Sabia que Wolf era um grande amigo de Stephen. Até mesmo a impressão errônea inicial que tivera a seu respeito nascera da preocupação que tinha com o sócio. Também reparara que Wolf prezava a família.

Ainda mais perturbador era o fato de saber que aquele homem era devastadoramente atraente para as mulheres.

Para ela!

Era impossível negar aquilo, após tê-lo correspondido com tanta impetuosidade há apenas uma semana. O simples pensamento daquela noite a fazia tremer de desejo.

Ainda mais quando Wolf parecia tão belo quanto estava naquela noite, trajando um terno feito sob medida, camisa branca e gravata cinza claro com um meticuloso nó. Os cabelos cacheados cor de ouro tocando os ombros.

Talvez tivesse descoberto algo mais, afinal...

Por mais que desejasse o contrário.

Por mais que tentasse negar.

Sentia-se mais atraída por aquele homem do que estivera uma semana atrás.

A julgar pelo modo como o sangue bombeava apressado em suas veias, havia uma grande possibilidade de ser mais do que atração o que sentia por ele. A simples visão dele, o coração saltava dentro do peito, as terminações nervosas tiritavam e uma onda de calor varria-lhe o corpo toda vez que Wolf se aproximava.

Por um homem que descartava as mulheres da própria vida com a mesma causalidade com que outro homem descartaria lâminas de barbear usadas?, indagou a si mesma.

Porém, atraída ou não, não pretendia se tornar mais uma aventura de Wolf Gambrelli, o que significava que qualquer sentimento mais profundo que pudesse nutrir por ele teria de ser suprimido.

— Oh, querido — rebateu, sarcástica. — Pobrezinho!

— De forma alguma — insistiu Wolf em tom suave, estreitando o olhar ao fixar a face feminina de traços perfeitos. A julgar pela provocação explícita e a expressão de desafio estampando nela, Angélica não tinha nenhuma intenção de permitir que lhe lesse os pensamentos.

Ele não podia imaginar por quê.

— Angel... o que há? — indagou Wolf em tom sério. Ela se afastou de modo brusco quando Wolf estendeu a mão para tocar a dela sobre a mesa.

— Nada. — Angélica desviou o olhar, ajeitando o guardanapo de linho sobre o colo.

— Sei que há alguma coisa — insistiu ele, observando a palidez da face delicada. — Angel...

— Poderia, por favor, parar de me chamar assim? — implorou Angélica.

Wolf a observou atentamente. Os olhos cinza tinham uma expressão assustada, um rubor intenso estampava-se na face alva, os lábios estavam contraídos, o queixo, empertigado, os seios, cujo contorno se encontrava realçado pelo tecido fino do vestido, arfavam com a respiração agitada e os mamilos rijos.

Talvez Angel não fosse tão indiferente como quisera que ele acreditasse na última semana...?

Talvez estivesse lutando contra a mesma atração que ele sentia?

— Por quê? — indagou ele em tom gentil.

— Já lhe disse o motivo! — exclamou Angélica, fitando-o com ar severo. — Não tem o direito...

— Sinto em discordar — interrompeu Wolf, deslizando mais uma vez o olhar pelas curvas do corpo gracioso, detendo-o deliberadamente nos mamilos túrgidos e o voltando à face rubra, para surpreendê-la o devorando com os olhos. O que viu neles lhe fez prender a respiração. Angélica Harper correspondia com a mesma intensidade à atração que sentia por ela. Desejava-o de tal forma que estava quase explodindo! Wolf exibiu um sorriso opressivo. — Creio que me deu esse direito quando se entregou sem reservas em meus braços...

— Como ousa mencionar aquela noite? — interrompeu-o Angel, em tom acusatório, enquanto se erguia. — Estava emocionalmente abalada pela cirurgia de Stephen...

— Toda essa indignação não passa de fachada — rebateu Wolf, cada vez mais confiante em suas conclusões ante a reação exacerbada de Angel. — Para esconder o que realmente sente.

A face rubra se contraiu levemente.

— E o que sabe sobre meus sentimentos? — desafiou ela. — Como ousa julgar emoções se foge delas como se fossem doenças contagiosas?

— De algumas, sim — concordou Wolf, anuindo com um gesto de cabeça. — No entanto, não me considero tão hipócrita quando você...

— Como se atreve? — interrompeu-o Angélica. Os punhos cerrados ao lado do corpo enquanto os olhos soltavam faíscas elétricas em direção a ele.

— Como me atrevo? — repetiu ele, pensativo. — Deixe-me ver... — murmurou. — Oh, sim — continuou em tom arrastado, como se acabasse de ter chegado àquela conclusão. — Atrevo-me, Angel... — A voz masculina se tornou mais sombria e os olhos castanhos mais brilhantes. — Porque nesta última semana tratou-me como a doença contagiosa que mencionou, quando o tempo todo desejava desesperadamente repetir o que fizemos naquela noite na clínica!

Angélica ofegou.

— Isso é mentira...

— E? — desafiou Wolf. — Gostaria de testar sua afirmação? — Wolf jogou o guardanapo sobre a mesa e se ergueu.

Ela o fitou, prendendo a respiração. Havia uma tensão perigosa entre ambos. O que ele...?

— Não! — ofegou Angel quando reconheceu o brilho lascivo nos olhos castanhos. — Absolutamente não! — preveniu-o em tom firme enquanto dava alguns passos atrás, afastando-se da mesa. — Não quero testar nada... não o desejo! — insistiu sem fôlego.

— Pequena hipócrita — repetiu Wolf em tom de escárnio enquanto contornava a mesa em direção a ela.

Angélica recusou-se a esperar para ver o que ele faria quando a alcançasse.

Desesperada, correu, cruzando a sala de jantar, atravessando a ampla sala de visitas e o corredor em direção ao próprio quarto.

Porém, quando girou para fechar a porta, percebeu que Wolf a tinha seguido de perto e, naquele momento, segurava a maçaneta. O desejo estampado no olhar faiscante havia se intensificado durante a caçada.

— Não pode fazer isso, Wolf — ofegou Angélica, desesperada, meneando a cabeça em negativa, enquanto se afastava da intensidade daquele olhar.

Wolf adentrou o quarto e fechou a porta suavemente atrás de si antes virar-se para encará-la.

— Não farei nada que não tenhamos desejado na última semana — afirmou ele enquanto fechava a distância entre ambos.

Os olhos cinza estavam dilatados enquanto ela se afastava mais alguns passos para trás até sentir a beirada da cama roçar a parte posterior dos joelhos. Desequilibrando-se, Angélica caiu sobre as cobertas.

— Sim! — exclamou Wolf verbalizando a satisfação que sentiu ao se deitar sobre ela com as mãos pousadas de ambos os lados da face de Angélica e os quadris pressionados contra os dela de modo íntimo. O contato a fez perceber o estado de excitação em que ele se encontrava. O corpo feminino respondeu de pronto com um calor intenso crescendo entre as coxas enquanto ele roçava a rigidez colossal contra sua pélvis.

Wolf estava certo, reconheceu ela, impotente. De fato o desejava. Passara a última semana ansiando por ele. E aquela sensação era tão forte que se desesperaria se Wolf não a possuísse em breve.

Os braços de Angélica deslizaram sobre os ombros largos para lhe circundarem a nuca. Os olhos cinza se fixaram nos dele enquanto o puxava para si.

Wolf emitiu um gemido enquanto seguia o comando das mãos delicadas, sentindo todo o corpo tenso de desejo.

Os lábios quentes e tentadores capturaram os dela, Wolf sustentava o próprio peso sobre os cotovelos e movia as mãos para lhe emoldurar a face e mantê-la imóvel enquanto lhe devorava a boca.

Angel estava quente. A pele queimava. Os mamilos, sem a proteção de um sutiã, se pronunciavam contra o tecido fino do vestido. Porém, até mesmo aquele item da vestimenta era uma barreira demasiadamente indesejada entre ambos.

Ele a levou consigo enquanto rolava na cama para se deitar de costas. Daquela forma, Angélica ficou por cima. O beijo dela era tão fervoroso quanto o que haviam trocado há pouco. Wolf deslizou uma das mãos pelas costas delgadas para lhe abrir o zíper do vestido, vagorosamente, porque desejava saborear cada momento daquela possessão. Seu intuito era fazê-la gemer e se contorcer sob seu corpo, quando um prazer intenso engolfasse a ambos.

Os lábios carnudos, intumescidos e famintos, permaneceram colados aos dele mesmo quando Angel escorregou os braços para fora do vestido. As línguas travando um duelo erótico. As respirações alteradas trincando o silêncio do quarto.

Suas suspeitas estavam erradas, pensou Wolf. Ela não estava completamente desnuda sob o vestido. Usava uma camisola de cetim, constatou, deleitando-se com a sensação maravilhosa dos seios túrgidos sob suas mãos, quando as deslizou pela superfície sedosa do tecido. O polegar encontrando instintivamente a ponta dos mamilos intumescidos.

Com um gemido, Angel interrompeu o beijo, apertando-lhe os ombros, enquanto arqueava as costas e jogava a cabeça para trás.

O olhar de Wolf estava focado na face afogueada enquanto lhe acariciava os seios. Os movimentos eram urgentes quando afastou as alças da camisola, escorregando-as pelos ombros delgados para expor os seios fartos a seu olhar faminto. Cobriu um deles com a mão, levando o mamilo aos lábios e se refestelando. Sentido-lhe o sabor, sugando-o profundamente, enquanto Angélica gritava seu nome e apartava as coxas para aumentar o contato com a rigidez masculina. As mãos ágeis se moveram por baixo da camisola para lhe apertar as nádegas e a manter segura contra a própria ereção antes de começar a se mover lentamente contra o calor da intimidade de Angélica.

Ela mal conseguia respirar enquanto uma miríade de sensações lhe fazia o corpo convulsionar. Os lábios de Wolf descreviam trilhas úmidas em seus seios enquanto ele continuava a friccionar a rigidez contra a sedosidade do tecido da *lingerie*. Podia sentir o fluxo quente entre as pernas enquanto se abria ainda mais para ele. Desejava-o dentro dela.

Naquele momento.

Como em resposta a seus anseios, Wolf rolou mais uma vez para o lado, tomando-lhe os lábios, enquanto deslizava uma das mãos para tocar a umidade quente entre suas pernas, escorregando os dedos para dentro da *lingerie*.

Angélica se colou contra o corpo viril, quando ele encontrou a pele sensível e começou a estimulá-la com carícias eróticas. Os movimentos firmes e lentos. Os quadris curvilíneos se moviam instintivamente contra o toque sensual enquanto um desejo devastador crescia dentro dela. O calor se intensificando a cada toque dos dedos experientes que percebiam os espasmos do clímax iminente se aproximarem.

Os lábios de Wolf não deixaram os dela mesmo quando o corpo feminino convulsionou violentamente de prazer.

Ainda assim, os dedos torturantes continuaram a estimulá-la prolongando indefinidamente aquele clímax.

Angélica deitou-se de costas, ofegante, varrida por um mar de sensações, onde só ela e Wolf existiam. Moveu os braços e os deslizou pelos ombros largos, quando mais uma vez ele rolou sobre seu corpo. De imediato, Angel lhe tomou os lábios num beijo profundo que refletiam o doce prazer que sentira há pouco. Era como se tivesse morrido e chegado ao paraíso.

Um paraíso onde o desejo, a ânsia e eroticidade rapidamente foram reacendidos quando Wolf, com movimentos rápidos e precisos, se livrou das próprias roupas e voltou para seus braços. O corpo masculino era como pele sedosa sobre músculos rígidos. Úmido e poderoso. Os cabelos louros revoltos lhe emprestavam um ar lascivo de pirata quando os olhos castanhos a fitaram com intensidade antes de ele lhe apartar as pernas.

— Não ainda — murmurou Angel, ciente de que aquela era a segunda vez que Wolf a fizera atingir o ápice do prazer sem se importar com a própria satisfação. A necessidade de tê-lo dentro dela foi posta de lado enquanto se ajoelhava na cama e o empurrava para que ele se deitasse.

— Quero-a agora — gemeu Wolf, trêmulo de desejo^—

— Em breve — garantiu ela em tom de voz rouco, ao mesmo tempo em que se inclinava para traçar uma trilha de beijos suaves como o toque de uma pena por toda a extensão do peito musculoso. Os cabelos longos roçando de leve a superfície da pele masculina em chamas. O corpo de Wolf tensionou quando ela se demorou a lhe explorar o umbigo. Os lábios e a língua brincando preguiçosamente no local. Aquela mulher estava

tentando levá-lo à loucura, concluiu Wolf, ofegante, enquanto arqueava as costas e fechava os dedos em torno das cobertas, à medida que ela dava continuidade ao passeio erótico, escorregando a língua por sua pélvis até alcançar a imponente ereção.

A loucura total, confirmou Wolf para si mesmo, enquanto sentia a maciez inebriante dos lábios carnudos contra a pele retesada da masculinidade. A língua quente e macia deslizando da base à extremidade do membro rijo, onde se fecharam, fazendo com que leves tremores de prazer lhe sacudissem o corpo. Os dedos delicados o acariciavam pela trilha úmida deixada pela língua, que o provava cada vez mais.

— Não mais, Angel! — suplicou ele, enquanto as mãos fortes se fechavam contra os punhos dela e a puxavam pela extensão do corpo viril até que Angélica ficasse deitada sobre ele. Em seguida, lhe tomou a face nas mãos e a fitou nos olhos. — Quero estar dentro de você. Penetrar fundo em você — acrescentou ao mesmo tempo em que rolava para inverter a posição de ambos antes de a penetrar lentamente. — Muito fundo — gemeu enquanto deslizava para dentro da reentrância úmida e quente.

Angel o engolfou. Os músculos internos se fechando contra a rigidez invasora, antes de começar a se mover no ritmo que Wolf impunha.

Custou todo o autocontrole de Wolf para manter os movimentos lentos e suaves, permitindo assim que o corpo feminino se moldasse e adaptasse ao tamanho e à rigidez dele. Trincou os dentes e gotículas de suor lhe brotaram na testa enquanto investia lentamente contra a maciez convidativa, quase perdendo o controle daqueles movimentos quando ouviu o ofegar de Angélica. Os gritos roucos que se formavam na garganta enquanto as mãos delicadas se cravavam em seus ombros, quando ela começou a se mover, frenética, contra o corpo musculoso.

Wolf a acalmou, roçando os quadris contra os dela. As investidas mais curtas. Deslizando contra o interior sensível, fixou o olhar no de Angel ao mesmo tempo em que a empurrava cada vez mais para o limite do clímax, apenas para mantê-la lá até que os espasmos se abrandassem e começasse a investir outra vez.

Minutos depois, Angélica lhe envolvia o corpo com as pernas puxando-o para dentro dela. Era o sinal de que não podia mais esperar.

Os olhos cinza se dilataram e a respiração foi suspensa quando Wolf se enterrou na maciez quente do corpo feminino como uma espada na carne do inimigo. Quase que instantaneamente ela cedeu ao clímax alucinante. Uma satisfação profunda e intensa se apossou dele quando sentiu os músculos internos de Angel tensionarem e relaxarem, os olhos se fecharem e a face enrubescer quando ela colapsou sobre o lençol, exaurida.

— Olhe para mim, Angélica — encorajou-a Wolf em tom gentil, colocando a mão em concha sobre a face afogueada. — Quero que fique olhando para mim como fiz com você — pediu em tom rouco.

Angélica descerrou as pálpebras. Os belos olhos escurecidos e enevoados pelo torpor quando o fitou.

O olhar de Wolf faiscava de desejo. A face masculina, rubra, quando inclinou a cabeça e fechou os lábios em to»» de um dos mamilos rígidos. Mais uma vez, os quadris de Wolf começaram a se mover para a frente e para trás dentro dela, enquanto as mãos delicadas acariciavam-lhe as costas e, em seguida, apertavam-lhe os cabelos da nuca.

Minutos mais tarde, Angélica o sentiu explodir de prazer dentro dela. Era como se tivesse crescido ainda mais preenchendo-a por inteiro. Ele jogou o pescoço para trás com

os olhos fechados. O autocontrole totalmente perdido enquanto a levava junto com ele naquele vórtice, onde o fogo os consumia e os fundia em um só.

CAPÍTULO ONZE

Wolf abriu os olhos em meio à escuridão, percebendo que havia dormido. Que ambos haviam caído no sono, corrigiu-se, sentindo um aperto na garganta quando ouviu o ritmo cadenciado da respiração de Angel a seu lado.

Na cama do quarto dela.

Para onde a havia seguido.

Local onde fizeram amor. A experiência mais completa e instigante que Wolf jamais experimentara.

Nunca antes compartilhara tal impetuosidade seguida de uma inigualável ternura. O dar seguido do receber, à medida que ambos se entregaram à liberdade dos sentidos. Ao prazer que transcendia as palavras e a razão.

Ia além da racionalização de Wolf.

Volveu o olhar à mulher adormecida ao lado, com a cabeça apoiada em seu ombro e uma das mãos espalmada sobre o peito largo. Os cabelos macios formavam uma nuvem escura contra a alvura do travesseiro. A face, repleta de sombras refletidas pela luz da lua que incidia pela janela.

O que aquela mulher fizera com ele?

Que particularidade possuía que o fazia querer permanecer ao lado dela? Esperar, ansioso, que ela acordasse para que fizessem amor outra vez e a mantivesse cativa ali enquanto mais uma vez levava a ambos ao limite da insanidade?

Limite da insanidade?

Haviam ultrapassado as barreiras de qualquer sensação que um ser humano poderia experimentar. Um *plateau*, que nunca antes alcançara com mulher alguma.

E aquilo o apavorava!

Moveu-se com cuidado, deslizando o braço para retirá-lo de baixo da cabeça de Angel. Afastou-se para se sentar na beirada da cama e enterrar a cabeça entre as mãos antes de se erguer, decidido, e vestir as roupas que havia descartado.

Angélica sentiu o momento em que foi privada do calor do corpo viril, descerrando as pálpebras pesadas e permitindo que os olhos se acostumassem à escuridão. Em seguida, virou na cama e o viu parado no meio do quarto, de costas para ela, quase totalmente vestido.

Pensou em dizer algo sonolento e convidativo, porém, Wolf se voltou, permitindo que divisasse a expressão do rosto másculo. Um semblante austero, os lábios contraídos, os músculos da mandíbula tensos e os olhos faiscando à luz da lua.

Aquela não era a face de um amante desejoso e indulgente, mas sim de um homem que queria sair dali o mais rápido possível. Afastar-se dela!

As palavras lhe ficaram presas na garganta, que queimava com as lágrimas não derramadas, quando percebeu que a noite anterior tivera um significado completamente diferente para ambos.

Para ela, fora uma revelação, uma descoberta! Havia se apaixonado por aquele homem. Profunda e irremediavelmente.

Para Wolf, obviamente não representara mais do que uma conquista, ainda mais valorosa por se tratar de uma mulher que não escondera o escárnio em relação ao modo de vida que ele levava.

Sim, fora mais valorosa, pois conseguiu excitá-la a ponto de ela se entregar sem reservas. Sem dúvida, aquilo o fizera experimentar o sabor da vitória.

Continuou a observá-lo sob os cílios abaixados, para que, caso Wolf se voltasse de repente, presumisse que ainda estava dormindo.

Ele não olhou em sua direção. Nenhuma vez.

Em vez disso, abaixou-se para pegar a jaqueta que se encontrava no chão, antes de se mover fortuitamente em direção à porta, tomando cuidado para não acordá-la, enquanto saía do quarto e fechava a porta atrás de si.

Angélica prendeu a respiração.

Amava Wolf.

Não tinha a menor dúvida e não havia motivo para se enganar. Amava aquele homem. Entregara-se a ele da mesma forma que o tivera. Oh, Wolf tinha se dado também, mas não pelas mesmas razões.

Ele não a amava.

E nunca amaria.

Rolou na cama, encolhendo-se de tristeza sob os lençóis, enquanto dava vazão às lágrimas.

Wolf fitou Angel sob os cílios enquanto se acomodavam no carro dirigido pelo chofer que os levaria à clínica para buscar Stephen.

Estava pálida e reservada, sentada a seu lado, parecendo friamente bela em uma blusa cor de creme e calça comprida preta. Os cabelos — os longos e exuberantes cachos nos quais Wolf enterrara a face na noite anterior — encontravam-se contidos por um laço de veludo preto na altura do pescoço.

Angélica não lhe fizera companhia no café da manhã. O primeiro vislumbre que tivera dela aquela manhã foi quando desceu a escada para encontrá-lo no corredor, antes de se dirigirem ao carro.

O silêncio entre ambos era tenso como cordas retesadas de um instrumento, prestes a arrebentarem. Pela primeira vez, Wolf não estava certo do que dizer ou fazer.

Obrigada pela noite anterior. Foi muito prazerosa.

Você é a melhor que conheci.

Talvez possamos repetir qualquer dia — como daqui a mil anos!

Não havia nada em que pudesse pensar que não soasse como um insulto ou grosseria.

Insultara Angel. Estava ciente de que fora ele a instigar o que havia acontecido na noite anterior. Ela se negara antes que se decidisse a persuadi-la ao contrário.

Maldição! Aquele silêncio era insuportável!

Angel tinha 26 anos e ele não fora seu primeiro amante. Então, qual era o problema?

Não havia nenhum, decidiu, impaciente. Ambos eram adultos e teria parado a qualquer momento durante o ato de amor se Angélica tivesse se mostrado relutante.

Mas na verdade, não havia se mostrado nem um pouco indecisa. De forma alguma.

Então por que se sentia tão desconfortável?

Ambos teriam de quebrar aquela atmosfera de tensão antes de chegar à clínica, reconheceu Angélica, irritada. Antes que Stephen, um dos homens mais astutos que jamais conheceu, percebesse algo seriamente errado entre sua filha e o homem que considerava o amigo mais chegado, desde a última vez que os vira.

A língua de Angel se moveu nervosamente contra os lábios antes que pudesse articular uma palavra.

— O trânsito não parece muito congestionado esta manhã — comentou em tom casual, ao mesmo tempo em que voltava o olhar à janela do carro.

— Não — concordou ele, sucinto.

— Chegaremos a tempo.

— Sim.

— Espero que não haja muitos repórteres esperando do lado de fora da clínica.

— Sim.

— Talvez...

— Pelo amor de Deus, Angel, em seguida estará discutindo sobre o tempo! — disparou Wolf enquanto se virava no banco de couro do veículo para encará-la. — Deveríamos estar conversando sobre ontem à noite...

— Não, não deveríamos — interrompeu-o Angélica com firmeza, lançando um olhar significativo em direção ao chofer. O criado podia ser discreto, mas não surdo!

Os olhos castanhos faiscaram de raiva por um breve instante, antes de Wolf se inclinar para a frente e murmurar algo para o chofer.

Angélica engoliu em seco quando viu a divisão de vidro que separava o motorista dos passageiros se erguer, isolando-os na parte de trás da limusine.

Não que desejasse aquilo. O ar parecia estalar entre ela e Wolf.

— Isto era completamente desnecessário — afirmou Angel um tanto irritada. — Não tenho nada a lhe dizer que Derek não pudesse escutar.

— Talvez eu tenha algo a dizer — rebateu ele. Angélica comprimiu os lábios. Estava certa de que — depois do modo como Wolf havia partido do quarto horas atrás, rastejando-se para fora da cama — o que quer que tivesse a dizer não seria algo que ela quisesse escutar.

Voltou-se para encará-lo com um sorriso deliberada-mente gracioso nos lábios.

— Tem por costume discutir a relação com suas amantes no dia seguinte? — Pelo fato de ter tido apenas um amante em toda sua vida, um caso desajeitado e pontuado pela inexperiência de ambos, enquanto estava na faculdade que durara apenas uma noite e nunca se repetira, não se sentia nem um pouco inclinada a ter aquela discussão! — Talvez deseje que eu lhe dê uma nota de zero a dez. — Apesar da inexperiência, sabia que Wolf tirara nota doze! — Ou aproveitar a oportunidade para me assegurar de que aquilo não voltará a se repetir? — indagou, lembrando-o abertamente da afirmação que ele fizera há uma semana.

Wolf deixou escapar um suspiro exasperado.

— E não irá acontecer — afirmou ele. Angel exibiu um sorriso malicioso.

— Acho que falou isso antes.

Mas, daquela vez, Wolf estava certo do que queria. Não poderia permitir que a noite anterior se repetisse se quisesse controlar a própria sanidade. E liberdade!

Irritado, contraiu os lábios.

— A noite passada não se repetirá pelo simples motivo de que vou partir esta tarde.

Tomara aquela decisão quando voltou ao próprio quarto às duas horas da manhã. Não conseguindo conciliar o sono, caminhou de um lado para outro do aposento, forçando as lembranças sensuais para o fundo da mente, enquanto fria e cinicamente planejava sua partida.

Stephen estava fora de qualquer perigo e retornaria a casa naquela manhã. Por certo iria entender e aceitar que ele tinha seus próprios negócios a tratar após uma semana de ausência.

E Angel, racionalizou, ficaria mais do que satisfeita em vê-lo partir.

— Foi uma decisão repentina, não? — inquiriu Angélica, enquanto a mente rodopiava.

Wolf estava partindo?

Aquela tarde?

Daqui a algumas horas?

Não precisava ouvi-lo dizer que nunca mais o veria. Que no futuro, iria certificar-se de que suas visitas a Stephen não coincidissem com as dela. Aquilo se encontrava estampado na expressão indiferente que adotara aquela manhã.

Wolf faria questão de nunca mais voltar a vê-la...

— Não exatamente — retrucou ele, dando de ombros. — Já cumpri com minhas obrigações para com Stephen e já é tempo de retornar à minha própria vida.

Para aquela mulher que Angélica presumia estar à espera dele. Fosse em Londres ou em qualquer outra metrópole do mundo.

Agora que cumprira com suas obrigações...

Angel engoliu em seco, tentando dissipar o nó na garganta, embora o vazio que lhe oprimia o peito parecesse sufocá-la.

— Estou certa de que será o melhor para todos nós — concordou ela de improviso.

— Sim — replicou Wolf, conciso. — Acredito que me avisará se alguma novidade resultar da noite anterior.

— Não haverá nenhuma. — Angélica se apressou em responder, empalidecendo ante a frieza do tom de voz masculino ao se referir à possibilidade de uma gravidez.

Os lábios de Wolf se contraíram em uma linha tênue.

— Claro que não — concordou. — Então não há mais nada a ser dito — acrescentou, voltando o olhar à janela do carro.

Angélica continuou a encará-lo por alguns torturantes segundos, antes de desviar o olhar bruscamente para a janela a seu lado.

Aquilo era terrível. Pior do que terrível. O modo como partira de seu quarto naquela madrugada, não lhe deixara esperanças de que Wolf agiria como um amante apaixonado quando se encontrassem outra vez, mas não esperava a notícia de sua partida em questão de horas.

Teria seu desempenho na cama sido tão ruim?

Era uma mulher inexperiente e por certo não se comparava às que Wolf estava acostumado. Mas não teriam sua resposta e entusiasmo compensando um pouco daquela inexperiência?

Obviamente não o suficiente para manter o interesse de um homem como Wolf.

Como diabos iriam enfrentar as poucas horas que tinham pela frente? Especialmente diante do olhar perscrutador de Stephen?

Por sorte foi a presença de Stephen que tornou as duas horas seguintes suportáveis. O prazer que sentia em estar de volta a casa, no centro de seu próprio mundo, suplantou em muito a falta de comunicação entre Angélica e Wolf.

E de fato ambos não dirigiram a palavra um ao outro após a conversa que tiveram no carro. Os dois se dirigiam apenas a Stephen durante a conversação.

— Muito bem, algum de vocês se importa em me dizer o que há de errado? — inquiriu Stephen, acomodando-se no sofá da sala de visitas após o almoço, antes de tirar um cochilo, observando-os atentamente.

Angélica fitou Wolf de soslaio antes de desviar o olhar de modo brusco, nem um pouco gratificada com a indiferença que viu estampada no rosto másculo. Uma expressão que estava se tornando irritantemente familiar.

— Errado? — repetiu ela em tom suave, enquanto ajeitava os travesseiros atrás das costas de Stephen.

— Errado — confirmou o pai, determinado, dirigindo-lhe um olhar de reprovação, envolvendo-o, em seguida, a Wolf que se encontrava parado em frente à janela.

Parecendo um deus siciliano, constatou Angélica, pesarosa. Os cabelos tinham reflexos dourados produzidos pelos raios de sol que penetravam pela janela atrás dele. Os ombros largos, o abdome musculoso evidenciado pela camisa pólo verde clara. A calça jeans, baixa nos quadris, enfatizava as longas e musculosas pernas.

Não ajudava em nada o fato de Angélica saber como ele ficava sem aquela indumentária!

Ela meneou a cabeça.

— Não tenho idéia do que...

— Acredito que o que percebeu em meu comportamento reservado e até mesmo no de Angélica esta manhã — explicou Wolf, cauteloso. — Tem a ver com o fato de que ela está ciente de minha decisão de partir esta tarde e saber que estou tentando encontrar a melhor forma de lhe dar a notícia.

Wolf se referira a ela como Angélica, notou desanimada, enquanto caminhava para se postar ao lado da lareira apagada com expressão vigilante.

Após ela tanto insistir para que não a chamasse pela abreviação de seu nome, Wolf decidira optar pela formalidade entre ambos.

Afinal, a caçada estava terminada, já que na noite anterior havia sucumbido por completo ao charme Gambrelli. Não havia necessidade de tentar provocá-la constantemente.

— E por que tanta dificuldade em me comunicar sua decisão? — indagou Stephen, confuso. — Não tenho nenhum problema quanto à sua partida. Estou mais que agradecido pelo tempo que nos concedeu.

Wolf reconhecia que a explicação dada a Stephen fora pouco convincente, porém fora a melhor que pôde encontrar ante a pergunta repentina do amigo que pegara a ambos de surpresa.

Percebera claramente que, com o passar da manhã, a tensão entre ele e Angélica se tornou ainda mais insuportável. Diria mesmo impossível! A tal ponto que nenhum dos dois foi capaz de esconder o sentimento da sagacidade de Stephen.

— Fico muito feliz por ter sido útil — garantiu Wolf.

— Porém, Cesare e eu estamos entrando em um negócio para o qual terei de voltar minha atenção.

Stephen lhe volveu um olhar vivaz.

— Algo em que deva me envolver?

Considerando o fato de que não existia nenhum negócio a ser iniciado com Cesare, seria um pouco difícil!

— Não no ponto em que estamos — assegurou Wolf. — Porém, irei mantê-lo informado.

— Que pena! — exclamou Stephen. — Bem, compreendo perfeitamente que tenha seus próprios afazeres, mas Angel e eu ficaremos tristes com sua partida — acrescentou em tom caloroso.

Wolf arriscou um rápido olhar a Angélica, certo de que ela ficaria tão triste com sua falta quanto a de uma dor de dente!

A impassividade da expressão do rosto feminino e a frieza estampada nos olhos cinza quando ela lhe sustentou o olhar pareciam confirmar aquela impressão.

Porém, uma vez fitando-a atentamente, o que não fizera nas últimas horas, Wolf viu-se incapaz de desviar o olhar. Reparou que a blusa cor de creme era confeccionada em um tecido diáfano que se movia tentadoramente sobre o sutiã de renda, inundando-lhe a mente e os sentidos com visões de Angélica sentada sobre seu corpo na noite anterior, despida daquela indumentária, enquanto o montava até se perder no esquecimento do prazer.

Desejava tê-la outra vez.

Naquele momento.

Imediatamente.

Erguê-la nos braços e carregá-la escada acima até sua cama. Arrancar-lhe cada peça de roupa do corpo e se despír antes de imergir no calor úmido da feminilidade aconchegante e levar ambos ao êxtase.

O desejo era tão intenso que o queimava, fazendo com que faíscas de fogo emanassem dos olhos castanhos enquanto a fitava. As mãos tremiam antes de cerrar os punhos ao lado do corpo e contrair os músculos da mandíbula até sentir dor.

— Sabe de uma coisa...? — Stephen se deteve no meio da sentença para volver o olhar ao mordomo que se encontrava na soleira da porta. — Sim, Holmes?

— O sr. e a sra. Gambrelli vieram até aqui na esperança de visitá-lo — informou o mordomo.

Cesare e Robin estavam ali para ver Stephen?

Aquela era a última coisa que Wolf esperava quando acabara de inventar uma mentira envolvendo o nome do primo para justificar sua partida súbita!

Uma invenção que Cesare poderia facilmente deitar por terra com apenas um inocente erguer de sobrelhas!

CAPÍTULO DOZE

Angélica sabia, pelas fotos que vira nos jornais, que Cesare Gambrelli era alto, tinha cabelos pretos, pele morena e olhos tão escuros quanto os de Wolf. Porém, o que mais a surpreendera foi a semelhança facial e física entre os dois homens. Pareciam mais irmãos do que primos.

O pequeno menino de mais ou menos um ano que Cesare carregava, confiante, tinha a mesma cor de cabelos que ele. A semelhança entre os três homens Gambrelli era inconfundível.

A mulher ao lado do primo de Wolf, que carregava um bebê em seus braços, era obviamente Robin Gambrelli. Alta, beleza estonteante, cabelos cor de mel e os mais fascinantes olhos cor de violeta que Angélica jamais vira. A compleição esbelta, embora tivesse dado à luz havia pouco mais de uma semana. O calor do sorriso que exibia enquanto adentrava o quarto para cumprimentar Stephen contribuía para acentuar a esplendorosa beleza.

— Wolf — saudou o primo, apertando-lhe a mão. — Seu afilhado quer que o pegue no colo — acrescentou, indulgente, quando a criança esticou os braços em direção a Wolf. — Não esperava encontrá-lo aqui hoje — comentou Cesare franzindo o cenho com expressão inquiridora.

A proximidade dos dois homens fez realçar as semelhanças. Ambos tinham mais de 1,85m e eram letalmente atraentes com os olhos escuros e as feições aristocráticas.

Na verdade, Angélica começava a imaginar se dois homens Gambrelli no mesmo quarto não seria um tanto opressivo.

— Cesare, Robin! — cumprimentou Stephen, esticando a mão para Angel, enquanto a puxava para seu lado. — Gostaria de lhes apresentar minha filha Angélica — anunciou, orgulhoso, segurando a mão da jovem.

Ambos haviam discutido aquele assunto entre outros

— inclusive a breve visita da mãe de Angélica no dia da cirurgia de Stephen — em uma tarde, quando se encontravam sozinhos na clínica e decidiram que, tão logo Stephen voltasse para casa, colocariam um fim naquela farsa e esclareceriam o tipo de relação existente entre eles.

Angélica só não esperava que a primeira apresentação fosse justamente para o primo de Wolf e a esposa.

— Muito prazer em conhecê-la, srta. Foxwood. — Cesare foi o primeiro a se recuperar do choque da revelação, caminhando com sorriso acolhedor em direção a ela, tomando-lhe a mão e lhe depositando um beijo suave.

— É Harper — corrigiu ela de maneira polida, quando Cesare lhe soltou a mão. — Mas, por favor, chame-me de Angélica — sugeriu.

— Angélica! — Foi a vez de Robin Gambrelli a cumprimentar com o mesmo calor que o marido. — Espero que nos desculpe pela aparição repentina — prosseguiu.

— Queríamos visitar Stephen enquanto ele estava na clínica, mas não permitiram a entrada das crianças e Marco não aceitaria que visitássemos o tio Stephen sem levá-lo junto.

Tio Stephen, repetiu Angélica mentalmente. Ficara surpresa com a quantidade de visitas que o pai recebeu na clínica depois que sua cirurgia veio a conhecimento público. Ao testemunhar quantas pessoas se preocupavam com ele. E, pelo que parecia, o filho de Cesare e Robin Gambrelli o chamavam de tio.

Pela primeira vez, Angélica percebeu o quanto havia restringido a vida social de Stephen no último ano, recusando-se a conhecer qualquer um de seus amigos ou permitir que a apresentasse como filha. Também se deu conta de que Wolf fora a única pessoa que Stephen, deliberadamente, manteve a distância sempre que ela estava presente.

Aquilo serviu apenas para amar ainda mais Stephen pelos sacrifícios que fizera em seu nome.

— Como todos podem ver, estou perfeitamente bem — Stephen afirmou para Robin. — Mais do que bem — acrescentou, dirigindo o olhar orgulhoso à filha.

Todos estavam sorrindo, notou Angélica.

Menos Wolf.

Apesar do gracioso menino que segurava nos braços, seu afilhado, parecia tão austero quanto de costume.

Murmurava palavras suaves para Marco, embora mantivesse a atenção focada na conversa de Angélica com a mulher do primo.

A surpresa de Cesare e da esposa ao saberem que Angélica era filha de Stephen fora óbvia, mas, depois da reação inicial, lidaram com a revelação com a graça e confiança de sempre.

Totalmente diferente da própria reação que tivera quando soube a verdadeira identidade de Angélica há uma semana.

Na verdade, teria sido melhor para ele se Angel fosse a atual amante de Stephen!

Observou Angélica se voltar para Robin e a criança que segurava nos braços.

— Posso? — indagou em tom suave, inclinando a cabeça para a frente, quando a esposa de Cesare anuiu sorridente e cuidadosamente ergueu a manta de tecido fino enrolada em volta do bebê. — Ela é linda! — murmurou claramente encantada com a compleição alva do bebê. Os lábios da menininha formavam um perfeito botão de rosa. O nariz era minúsculo e os cílios claros como a penugem dourada em sua cabeça.

Wolf emitiu um gemido abafado diante da reação de Angel à criança. A maioria das mulheres — Angélica por certo — parecia achar os bebês, mesmo os que não fossem seus, totalmente fascinantes.

— Posso segurá-la? — arriscou Angélica.

— Claro — concordou Robin de pronto, antes de colocar o pequeno embrulho nos braços expectantes de Angel.

Wolf emitiu outro gemido abafado. O olhar escurecendo enquanto se descobria incapaz de desviá-lo da imagem de Angel segurando um bebê. Como parecia à vontade com a criança em seus braços!

— Disse alguma coisa? — murmurou Cesare, zombeteiro, erguendo uma das sobrancelhas quando o primo lhe lançou um olhar severo.

— Não, nada — redarguiu Wolf, contraindo os músculos da mandíbula ao mesmo tempo em que se esquivava do olhar perscrutador que podia ver claramente refletido na face do primo.

— Desculpe, pensei que tivesse dito alguma coisa — prosseguiu Cesare. O sarcasmo do tom de voz ainda mais acentuado.

— Sei muito bem o que está pensando — resmungou Wolf apenas para os ouvidos do primo.

— Sabe? — indagou Cesare no mesmo tom.

— Sim — disparou Wolf. — E está errado. Completamente enganado.

— Estou? Mas Angélica é uma linda mulher, não concorda? — comentou Cesare, embora o olhar indulgente se focasse mais em Robin do que na outra.

— Muito — concordou Wolf com certa dificuldade.

— E? — desafiou-o o primo.

— E nada — afirmou Wolf.

— Nada? — Cesare se virou para ele com as sobrancelhas erguidas. — Então sinto muito por você.

— O que quer dizer com isso? — Quis saber Wolf, irritado.

Cesare deu de ombros.

— Que obviamente esta perdendo seu charme, primo. Os lábios de Wolf se contraíram em uma linha fina. Sabia que Cesare estava se divertindo às suas custas.

— Esqueçamos meu charme, sim? — sugeriu Wolf. — E se alguém perguntar, estamos em vias de iniciar um negócio juntos.

As sobrancelhas do primo arquearam ainda mais.

— Estamos?

— Sim, estamos — confirmou Wolf.

— E quem irá perguntar? — questionou Cesare, com falsa brandura.

— Apenas faça o que estou pedindo — ordenou Wolf.

— Se faz questão — concordou o primo. — Acho que vou me juntar às damas — informou Cesare, deixando Wolf sem opção, senão permanecer onde estava a observá-lo caminhar em direção às mulheres com uma desconfortável sensação de que o primo sabia exatamente o que havia se passado entre ele e Angel na semana anterior.

Angélica não prestara atenção à conversa que Cesare e Wolf tiveram ao lado da lareira. Focava-se apenas no lindo bebê que segurava nos braços.

Como se ciente da atenção de Angélica, a criança descerrou as pálpebras e os olhos ainda um tanto desfocados pareceram se fixar nela. Olhos de um azul quase marinho que provavelmente se tornaria o mesmo tom violeta incomum dos da mãe.

— Acho que a estou entediando — disse Angélica quando bebê bocejou antes de voltar a dormir.

— Nada disso — contrapôs Robin, rindo e acariciando a mãozinha da filha. — É porque você não é Cesare. Mesmo com apenas dez dias, Carla Stephanie sabe como encantar o pai e já consegue manipulá-lo — confidenciou ante ao olhar questionador de Angélica.

Carla Stephanie, percebeu Angel. Carla devia ser em homenagem ao verdadeiro nome de Wolf— Carlo — e Stephanie seria uma deferência a Stephen? Era provável que sim, dada a proximidade do casal com aqueles dois homens.

— Está exagerando — interrompeu Cesare quando se aproximou delas. A expressão de pronto se suavizando em uma total adoração quando o bebê abriu os olhos ao simples som da voz do pai.

— Viu? — indagou Robin.

Sim, parecia que a esposa de Cesare tinha razão. Ficou ainda mais patente durante os minutos que ficaram conversando que Cesare Gambrelli era hipnotizado pela filha, mas tinha verdadeira adoração pela esposa. Aquele homem não considerava como maldição de família ter se apaixonado profundamente por Robin.

Ao contrário de Wolf, que deixara claro que não tinha intenção de se apaixonar por ninguém. Muito menos por ela.

— Robin, acho que está na hora de deixarmos Stephen descansar — disse Cesare à esposa minutos mais tarde. — Voltaremos no final de semana — prometeu ao amigo, enquanto se inclinava para retirar o bebê dos braços de Angélica. — Esperamos encontrá-lo mais tarde lá em casa — acrescentou, referindo-se a Wolf.

Angélica concluiu que ele não havia inventado a desculpa de ter de tratar de negócios com o primo para se afastar dali. Afastar-se dela. Algo que havia suspeitado mais cedo.

Mas por que Wolf necessitaria inventar uma desculpa para partir?

Havia cumprido suas obrigações, não? Tanto com Stephen quanto com ela.

— Acho que vou descansar agora... se não se importa? — anunciou Stephen logo que o casal se retirou com os dois filhos. — Terá partido quando eu acordar, Wolf? — questionou, erguendo-se.

— Provavelmente — confirmou ele em tom brusco.

Definitivamente, pensou Angélica consigo mesma, ciente desde aquela manhã que Wolf não pretendia ficar a sós com ela. Esperou, afastada de ambos, enquanto Stephen expressava mais uma vez sua gratidão a Wolf.

O arrogante conde permanecia parado ao lado da lareira com expressão impenetrável quando Angélica retornou depois de ajudar Stephen a se acomodar na cama.

A atmosfera amigável que se instalara no quarto com a presença de Cesare, Robin e as crianças havia congelado, embora os raios de sol ainda se infiltrassem pelas janelas.

Angélica ergueu o queixo, determinada.

— Por favor, não se prenda por minha causa se quiser subir para fazer as malas.

Ela o estava dispensando outra vez, percebeu Wolf, irritado. Deixava claro que não havia nada que restasse ser dito entre eles.

Wolf contraiu os lábios.

— Não tenho muito para colocar na mala.

Angélica deu de ombros.

— De qualquer forma, deve estar ansioso por partir. Desesperado sim, ansioso não.

A visita de Robin e Cesare servira apenas para lembrá-lo o que já sabia. Quando um homem Gambrelli se apaixonava, entregava a própria alma e não apenas o coração.

Não que o primo não parecesse radiante de felicidade com a vida que levava agora. Porém, não era o mesmo homem que Wolf conhecera antes de ele encontrar Robin.

Até então, Cesare havia sido um homem livre e despreocupado como ele e o irmão Luc eram. Os três costumavam viajar juntos e debochar da idéia de se apaixonarem.

Porém, Cesare estava mais feliz agora do que jamais estivera, uma voz traiçoeira lhe assoprou ao ouvido.

Feliz, sim. Livre, não.

Mas seria a liberdade tão importante?

Sim, maldição!

Wolf inclinou a cabeça para o lado, tenso.

— Sim, estou — confirmou. — Deve, claro, contatar-me se houver algum problema em relação à saúde de Stephen...

— Não haverá — afirmou Angel, determinada. Wolf franziu o cenho.

— Não pode ter tanta certeza.

Talvez não, pensou ela, mas tinha certeza absoluta de que Wolf seria a última pessoa a quem iria contatar se surgisse algum contratempo no estado de saúde de Stephen.

— Peter Soames está bastante confiante de que não haverá complicações — insistiu ela, desejando que Wolf partisse antes que desmoronasse e fizesse papel de idiota!

Era sacrificante estar ali conversando com Wolf de forma tão fria, aparentando indiferença, após as intimidades que trocaram na noite anterior. Depois de ter chegado à conclusão de que estava perdidamente apaixonada por ele.

Não ajudava em nada o fato de ele ter se mostrado tão afável, segurando Marco nos braços. Ambos eram tão parecidos que — com exceção da cor de cabelos — o menino poderia se passar facilmente por seu filho.

Um filho com cabelos negros e a mesma aparência deslumbrante de Wolf...

Algo que nunca iria acontecer.

Não obstante a conversa que haviam tido pela manhã, seria muito esperar que tivesse concebido um filho de Wolf na noite anterior.

Esperar? A palavra fez eco em sua mente, tomando-a de assalto.

Seria um desastre se Wolf se visse obrigado a voltar a sua vida apenas por ela estar esperando um bebê.

Não, afirmou, confiante de que aquilo jamais aconteceria. Não importava que a velha lenda dissesse que bastava uma vez. Em seu íntimo estava certa de que não acontecera.

Aquele era um adeus definitivo entre ambos.

Engoliu em seco.

— Irei deixá-lo para que fique à vontade — declarou, antes de girar nos calcanhares.

Porém, não tinha dado dois passos em direção à porta e Wolf lhe segurou o braço, girando-a e a obrigando a encará-lo. A expressão do rosto másculo era sombria. Os olhos castanhos, estreitados, a fitavam. Os lábios e os músculos da mandíbula contraídos.

— Sim? — indagou Angel questionando-o com o olhar.

Um nervo pulsava no queixo largo e faíscas brilhavam nos olhos escuros.

— Será melhor assim... tem noção disso? — indagou em tom áspero.

Os olhos cinza se dilataram.

— Não tenho idéia a que está se referindo — retrucou Angélica, meneando a cabeça.

— Não jogue comigo, Angel — ordenou Wolf, impaciente. A pressão dos dedos queimava contra o tecido fino da blusa de Angélica. — Não posso permanecer aqui e dar continuidade ao nosso caso agora que Stephen voltou para casa...

— Como se atreve? — ofegou Angélica, irada. — Solte-me! — ordenou, furiosa, enquanto tentava desvencilhar o braço.

Caso!

Wolf denominara o que aconteceu entre eles de *caso*!

Como todos os outros que ele tivera com as mulheres que haviam passado em sua vida.

Angélica sacudiu a cabeça outra vez.

Não era exatamente aquilo que significava para ele? Oh, talvez fosse um pouco mais complicado por ela ser a filha de um grande amigo, mas, fora isso, nada a diferenciava das mulheres que Wolf conhecera.

— Eu... disse... para... me... largar! — repetiu entre dentes, enterrando as unhas nos dedos de Wolf. Ele relaxou a pressão com que a segurava quando sentiu o sangue escorrer pela mão.

— Eu a feri...

— Não! — gritou ela. — Eu o feri — afirmou, apontando para o filete de sangue que lhe escorria pelos dedos. — Sugiro que suba e arranje algo para colocar no ferimento — continuou, sucinta. — Detestaria deixar qualquer marca em você.

Wolf a fitou, silente, por alguns longos segundos.

— *Eu a feri* — repetiu ele por fim, ciente de que Angel não agiria daquela forma se não tivesse sido emocionalmente ferida. Até mesmo durante o afã da paixão na noite anterior ela não lhe arrancara sangue.

Angel fixou o olhar nele.

— Eu teria de lhe dedicar algum sentimento para que isso tivesse sido possível — afirmou ela em tom frio. — A verdade é que você não passa de um amante muito talentoso.

Wolf deixou escapar um profundo suspiro em resposta ao tom deliberadamente agressivo.

— Foi isso que signifiquei para você? Um amante talentoso? — repetiu em tom metálico.

— Claro — retrucou Angel no mesmo tom.

Não era exatamente aquilo que esperara ouvir? O que desejou que acontecesse? O que precisava escutar para que pudesse partir com a consciência limpa no que dizia respeito a ela?

Uma coisa era querer que aquilo acontecesse, outra era ouvir Angel confirmar friamente que ele não passava de um amante talentoso.

Wolf se empertigou e, do alto de seu mais de 1,85m, se inclinou em uma mesura.

— Espero que Stephen se recupere bem.

— Obrigada — agradeceu ela, polida.

— Então... é adeus — despediu-se Wolf em tom suave.

— Sim... adeus — repetiu ela com voz gélida. Angélica agradeceu o fato de ele não olhar para trás ao fechar a porta atrás de si. Seria o cúmulo da humilhação se Wolf tivesse virado e visto as grossas lágrimas que não fora capaz de deter enquanto observava o homem que amava sair de sua vida. Para sempre.

CAPÍTULO TREZE

— Se vai começar a atirar coisas, poderia fazer o favor de escolher objetos menos valiosos do que o vaso Ming que está segurando no momento? — sugeriu Stephen, provocador.

Angélica baixou o olhar às próprias mãos, dando-se conta de que estivera segurando o vaso até aquele instante.

Um vaso Ming.

Pousou-o cuidadosamente sobre o pedestal de onde devia tê-lo tirado, antes de se voltar para encarar Stephen que se encontrava deitado no sofá próximo à janela, aproveitando os últimos raios de sol. Ambos haviam jantado juntos um pouco antes, retirando-se, em seguida, para a sala de estar.

— Estava apenas o admirando — disfarçou ela, antes de cruzar as mãos atrás das costas.

Wolf havia deixado a casa no meio da tarde. Não estava certa do exato momento. Descobrira que ele havia partido quando desceu para jantar com Stephen.

Um jantar leve — salmão grelhado e salada de batatas ao forno —, mas que Angélica não fora capaz de comer por absoluta falta de apetite. Na verdade, parecia ter um nó lhe apertando a garganta durante toda a tarde.

Porém, sabia não se tratar de uma doença física e sim de uma sensação produzida pela partida de Wolf.

— De onde tirou a idéia de que estou com vontade de atirar coisas? — inquiriu Angel.

Stephen fez uma careta.

— Talvez porque durante o tempo em que está vagueando pela sala, pegou um jarro de porcelana, um peso de papel de vidro, um abridor de cartas e, por fim, esse vaso Ming. — Teria feito aquilo?, indagou-se Angélica. Não se dera conta de nada. — Na verdade — prosseguiu Stephen no mesmo tom preguiçoso —, fiquei um tanto apreensivo quando pegou o abridor de cartas! Diga-me, Angel — continuou ele. — Nas costas de quem pensou enfiá-lo quando o pegou? — Angel piscou várias vezes ainda sem se lembrar que tivesse feito aquilo tudo. — Espero sinceramente que não tenha cometido o erro de tirar conclusões precipitadas no que diz respeito a um amigo meu...?

— Não tenho a menor idéia do que você está falando — afirmou, embora sentisse um rubor intenso se espalhar pela face.

Stephen estava se referindo a Wolf, claro. Até aquele dia não havia conhecido nenhum outro amigo do pai.

Não havia tirado conclusões a respeito de Wolf que não tivessem sido devidamente confirmadas pelas próprias ações e palavras do amigo dele.

— Não? — indagou Stephen em tom compassivo. — Venha cá e sente-se por alguns minutos — convidou, batendo de leve no lugar vago ao lado dele no sofá. Angélica cruzou a sala um tanto relutante. Não desejava ter aquela conversa. Não queria falar sobre Wolf. Era devastador o suficiente não parar de pensar naquele homem. — Assim está melhor. — Stephen anuiu com um gesto de cabeça, quando ela se acomodou a seu lado. — Agora...

— Não quero falar sobre Wolf! — disparou Angélica, ansiosa.

Stephen ergueu as sobrancelhas.

— Não me lembro de ter mencionado Wolf...

Ela engoliu em seco, piscando várias vezes para dispersar as lágrimas.

— Ambos sabemos que está se referindo a ele — retrucou, baixando a cabeça.

Stephen lhe tomou uma das mãos.

— Querida, na noite que se seguiu à minha cirurgia, embora zozinho pelo efeito da anestesia e os analgésicos que me deram, não estava surdo — informou em tom gentil.

Angélica sentiu a face queimar ao recordar que se encontrava no quarto contíguo naquela noite, envolta nos braços de Wolf, gemendo e gritando enquanto ele lhe proporcionava prazer.

— Oh! — Angel nem sequer conseguia encarar o pai ao se recordar do que fizeram.

— Também não sou cego nem insensível — continuou Stephen. — Foram tão educados um com o outro na semana que se passou, tão contidos sempre que estavam juntos, mas até mesmo isso mudou hoje. Algo aconteceu entre vocês na noite passada... não! Não quero saber o que foi — assegurou ele quando Angélica ofegou. — Não é da minha conta. — Embora o tom áspero denotasse o oposto. — É uma mulher adulta e Wolf certamente um homem maduro. O que estou tentando dizer... — A voz de Stephen se suavizou. — É que não cometa o erro de pensar que Wolf é igual a mim.

Angel lhe voltou um olhar aguçado.

— Não acho...

— Que Wolf é como eu — enfatizou Stephen. — Casei-me com Grace porque a amava e era correspondido. Porém, após todos aqueles abortos, ela rejeitou uma relação física. Ofereci-me para fazer uma vasectomia, mas então não era mais o risco de uma gravidez que temia e sim todo o ato sexual — contou, pesaroso. — Poderíamos ter nos divorciado, claro. — Stephen suspirou, pensativo. — Mas, apesar de tudo, embora não tivéssemos mais nenhuma relação física ou qualquer que fosse a impressão que nosso casamento causasse aos outros, Grace e eu ainda nos amávamos. Ainda a amo — finalizou em tom suave. Angélica engoliu em seco, incapaz de compreender o tipo de relação que Stephen acabara de descrever, mas ciente de que não cabia a ela julgar a atitude do casal. O fato de ter se apaixonado por Wolf era a prova daquilo. — Evidentemente acabei arranjando amantes — admitiu Stephen. — Sua mãe tem a distinção de ter sido a primeira delas. Talvez as coisas fossem diferentes se Kathleen tivesse me dito que estava grávida. Talvez tivesse...

— Não! — interrompeu-o Angélica, apertando-lhe a mão de leve. — Minha mãe e Neil são muito felizes juntos. Tenho duas irmãs gêmeas. Nada disso teria acontecido se ela lhe tivesse revelado a gravidez.

— Não — concordou ele. — E não teria diminuído meu amor por Grace.

— Ainda não entendo o que isso tudo tem a ver com Wolf — arriscou Angélica.

Stephen lhe voltou um sorriso afetuoso.

— Tem haver porque está apaixonada por ele.

— Não...

— Sim, está — continuou Stephen, confiante. — E ele está apaixonado por você.

— Definitivamente não — rebateu Angélica. — Ele tem um estranho pensamento de que os homens Gambrelli são amaldiçoados quando se apaixonam...

— Cesare lhe parece amaldiçoado? — indagou Stephen, rindo.

— Claro que não! — exclamou ela, ciente de que o primo de Wolf estava adorando cada momento de sua vida com Robin. — Mas não sou eu quem deve ser convencida. Além do mais, não sei por que estamos tendo esta conversa. — Angel se ergueu, impaciente. — Não deve querer que me envolva com um homem como Wolf Gambrelli!

— Disse-lhe para não comparar o comportamento dele ao meu nos últimos 30 anos...

— E o que acha do comportamento dele...?

— Não, Angel, nem mesmo assim — insistiu Stephen em tom firme. — Wolf não é casado. Tem sido livre para agir conforme lhe apetece. No entanto, acho que isso tudo mudará quando ele conhecer a mulher certa.

— Ele não está interessado em conhecer o amor da vida dele — garantiu Angélica, cética.

— Querida, por que acha que os aproximei um do outro?

Angélica volveu a cabeça de modo brusco para encará-lo, ao mesmo tempo em que franzia a testa ao deparar com a expressão de pretensa inocência estampada na face do pai.

— Não pode estar falando sério! — Stephen *não* poderia ter planejado aquilo tudo. Não poderia ter desejado que ela e Wolf se apaixonassem. Poderia?

— Oh, mas estou — confirmou Stephen, satisfeito. — Considero Wolf como um filho. Conheço a retidão de caráter que possui. É um homem que respeito. Não há outro na Terra a quem confiaria meu tesouro.

— Mas como pode pensar assim? — ofegou Angélica. — Ele muda de mulher como troca de meias!

— Ou os lençóis de seda — brincou Stephen. — Não acredite em tudo que lê nos jornais — aconselhou o pai, meneando a cabeça. Certo dia, Wolf lhe dissera a mesma coisa. — Houve várias mulheres na vida dele — continuou. — Mas não tantas quantas quer lhe imputar a imprensa. E por que não deveria ter havido mulheres? — racionalizou ele. — É um homem de 36 anos e, ao contrário de mim, nunca se casou. Nem sequer chegou perto desse compromisso.

— Exatamente...

— Mas isso não significa que não o fará — insistiu Stephen.

— O fato de Wolf ter partido daqui na primeira oportunidade não é prova suficiente de que não está apaixonado por mim? — contra-argumentou Angélica com a mesma insistência.

Stephen meneou a cabeça em negativa.

— Prova apenas que, como a maioria dos homens, Wolf está fugindo assustado ante ao pensamento de entregar o coração a você. Dê-lhe tempo, Angel — aconselhou o pai. — Deixe que ele se vá e pense sobre tudo que aconteceu. Acha que é capaz de fazer isso?

— Não penso dessa forma. — Angélica ainda se encontrava um tanto chocada com as maquinções do pai. — E duvido muito que seu amigo irá lhe agradecer... assim como eu, devo acrescentar... quando souber que se investiu do papel de cupido nas últimas semanas.

Stephen soltou uma gargalhada espontânea.

— Não estou pedindo o agradecimento de nenhum dos dois. Tudo que desejo é uma dúzia de netos que eu possa balançar nos joelhos.

— Desde que não seja eu a mãe e Wolf o pai... — retrucou Angélica, certa do que estava falando.

— Veremos — rebateu Stephen, enigmático. — Enquanto isso, acho que é melhor eu voltar para a cama. — Stephen se ergueu com a ajuda da filha. — Acho que não adiantaria nada desejar-lhe uma boa-noite?

Não, não adiantaria. Além do fato de sentir pungentemente a falta de Wolf para sequer pensar em dormir, a conversa com Stephen lhe proporcionara muito o que pensar para ser capaz de relaxar e considerar a possibilidade de ir para a cama naquele momento.

Wolf não tinha idéia do que estava fazendo, tocando a campainha da casa de Stephen a uma hora da manhã.

Mas, enfim, não tivera noção de seus atos durante todo aquele dia. Então por que deveria ser diferente naquele momento?

Estar ali àquela hora da madrugada era parte da loucura que o governara durante todo o dia.

E provavelmente o governaria pelo resto da vida!

Esperava apenas que Holmes ainda estivesse acordado para atender à porta e que Angel não o expulsasse no momento em que fosse acordada com a notícia de que ele viera procurá-la.

Não que pretendesse se deixar expulsar. Quer ela quisesse escutá-lo ou não, tinha muita coisa a lhe dizer e não conseguiria esperar até que nascesse o dia.

Todas as desculpas que planejava dar a Holmes para justificar a visita inoportuna caíram por terra quando a porta se abriu e deparou com Angel em vez do mordomo. A única iluminação era a luz frouxa do corredor atrás dela.

Ela o fitou, calada por alguns longos segundos antes de conseguir articular palavra.

— O que está fazendo aqui? — indagou, boquiaberta.

Angel era como a luz da lua e as sombras. Os cabelos lhe caíam em cascata sobre os ombros e sobre um vestido preto. Os braços desnudos e as pernas revelavam a pele alva e brilhante.

Wolf inspirou fundo.

— Sei que é tarde...

— Sabe? — indagou ela na defensiva.

Claro que sabia, maldição! Acharia Angel que ele estava se divertindo com aquilo? Acalme-se, Wolf, aconselhou a si mesmo. Uma vez tomada a decisão de vir até ali conversar com ela, ou melhor, ter sido atraído até ali, não tinha intenção de virar as costas sem sequer chegar à soleira da porta.

— Posso entrar? — indagou com voz rouca.

Angélica estava sentada na sala de estar com as luzes apagadas, pensando, quando ouviu a campainha tocar e se adiantou em atendê-la antes que todos acordassem. Fora tomada de assalto quando olhou pelo olho mágico e divisou Wolf parado do lado de fora.

E ainda se encontrava atordoada. Não tinha idéia do que o trazia ali a uma hora da manhã, horário em que todos costumavam estar dormindo.

O fato de estar acordada se devia aos pensamentos perturbadores que a assolavam por causa daquele homem.

— Angel? — pressionou ele. Ela piscou várias vezes.

— Não está um tanto tarde para uma visita social? — indagou em tom seco, ainda de pé na soleira da porta.

Os lábios de Wolf se contraíram.

— Estou me sentindo totalmente antissocial neste momento.

Wolf não parecia estar em seu melhor estado de humor, percebeu ela. Os cabelos em desalinho como se tivesse corrido os dedos por eles. A camisa e a calça jeans encontravam-se amarfanhadas e a expressão do rosto másculo, severa.

— Ah, para o diabo com isso! — resmungou Wolf, antes de passar por ela como uma bala e adentrar o corredor.

Lentamente, Angélica fechou a porta atrás de si e girou para observá-lo entrar na sala de visitas. Em seguida, o acompanhou, insegura sobre os motivos da visita tardia de Wolf, porém, ciente de que uma pequena fagulha de esperança se acendera em seu íntimo.

— Não — pediu ele, quando Angel ameaçou acender a luz, antes de se postar em frente à janela com as mãos cruzadas nas costas.

Angélica deu de ombros enquanto se encaminhava ao outro lado da sala.

— O que está fazendo aqui? — repetiu ela.

Boa pergunta, pensou Wolf. A verdade era que estava ali pelo simples fato de ela se encontrar ali também e não queria estar em nenhum lugar em que Angel não estivesse.

Wolf deixou escapar um profundo suspiro.

— Está absolutamente segura de que não pode ter engravidado na noite passada?

Angel piscou para dispersar o choque.

— Veio até aqui a uma hora da manhã para me perguntar isso? — indagou, incrédula.

Claro que não voltara para lhe fazer aquela pergunta, porém, parecia-lhe uma forma adequada de dar início à conversa.

— Tem certeza? — insistiu ele.

— Não. Claro que não, mas...

— Gostaria de estar? Angélica se agitou, impaciente.

— Wolf...

— Quer ter filhos, Angel? — pressionou ele. — Sei que se recusou a abrir mão de sua carreira e apartamento para vir morar com Stephen, então talvez...

— Wolf, Stephen é meu pai, não meu marido — observou com sensatez.

— Então quer ter filhos? — pressionou Wolf.

— Bem, claro que quero — confirmou ela. — Algum dia. Com um homem que eu ame e com quem queira partilhar o resto da minha vida. — Angel parecia atordoadada. — Mas não vejo...

— Já o encontrou? — interrompeu-a Wolf. — Nunca lhe perguntei isso. — Simplesmente porque não quisera saber!

— Há alguém em sua vida no momento, Angel?

Aquela era a mais estranha conversa que tivera em toda a sua vida, decidiu Angélica, um tanto zozna. O fato de ser Wolf, entre todas as pessoas, fazia a situação ainda mais estapafúrdia...

E como poderia responder àquela pergunta? Com a verdade, claro. *Você está em minha vida neste momento.* E sempre estaria. Dizer que o amava além dos limites da razão?

Porque aquela fora a conclusão a que chegara mais uma vez quando se encontrava sentada, sozinha, naquela sala de visitas em meio à crescente escuridão, após Stephen ter se recolhido. O que devotava a Wolf não era um sentimento vazio, baseado em compatibilidade física. Amava-o profundamente e irrevogavelmente e sempre o amaria.

— Sim, há alguém — afirmou Wolf ante ao silêncio de Angel. — Você o ama?

— Sim — admitiu ela. — Muito.

Foi como se tivessem lhe roubado todo o ar dos pulmões. Como se Angel lhe tivesse transpassado o coração com uma adaga.

Ele franziu o cenho com expressão fechada.

— Como pode dizer isso após o que aconteceu entre nós na noite passada?

— Apenas metade da noite — corrigiu ela. — Você partiu antes do amanhecer. E, para piorar a situação, agiu como um estranho comigo durante o dia todo.

— Você não está entendendo — rebateu Wolf, impaciente. — Como foi capaz de dividir sua cama comigo, fazer amor, entregar-se como fez, quando está apaixonada por outro homem? — desafiou-a Wolf com uma expressão arrogante.

Era ele que não estava entendendo se não conseguia responder àquelas perguntas.

Angélica o fitou nos olhos, ciente de que poderia fingir... mentir para ele. Poderia optar por se agarrar ao próprio orgulho e deixá-lo sair dali sem lhe dizer que era *ele* o homem que amava. Aquele com quem desejava passar o resto de sua vida, ter filhos — lindas crianças Gambrelli como Marco e Carla.

Sim, poderia.

Mas era o que desejava?

Wolf não teria vindo até ali a uma hora da manhã apenas para lhe indagar sobre a possibilidade de ter engravidado na noite anterior. Se, em nome da dignidade pessoal, não lhe desse uma resposta sincera, talvez nunca descobrisse por que ele voltara.

Umedeceu os lábios, surpreendendo-se ao ver faíscas saírem dos olhos castanhos, enquanto Wolf acompanhava o movimento. Os músculos da mandíbula se contraíram enquanto Angel prolongava deliberadamente o movimento, deslizando, vagarosa, a língua pela superfície carnuda dos lábios.

Escutou a respiração pesada de Wolf, observando a luz da lua lançar sombras sobre o contorno do corpo musculoso. Os ombros estavam tensos, os punhos cerrados ao lado do corpo e a musculatura das pernas contraída.

Sim, Wolf não voltara apenas para lhe fazer aquela pergunta ridícula. Desejava-a. Não importava o quanto tentasse manter o controle sobre suas emoções, fisicamente ansiava por tê-la outra vez.

Era um começo, não?

Se o fato de admitir que era ele o homem que amava não o afugentasse!

Não usaria de artifícios. Nem sequer poderia fingir que era capaz de encarar uma relação física sem se envolver se já o amava.

— Não fui capaz — afirmou Angel, fitando-o diretamente nos olhos.

Wolf piscou várias vezes, exibindo uma carranca.

— Mas foi exatamente o que fez...

— Não — contrapôs Angélica, sustentando-lhe o olhar. — Você tem razão. Não poderia ter feito amor com você e entregar-me sem reservas se estivesse apaixonada por outro homem.

Wolf continuou a encará-la, estupefato, por alguns segundos. E então a realidade do que ela dissera o atingiu no peito com a força de uma flecha, roubando-lhe a ar dos pulmões e o deixando sem palavras.

Era ele o homem que Angel amava e com quem desejava passar o resto da vida...?

Wolf cruzou o aposento com três largas passadas, antes de segurá-la pelos braços e a fitar com olhar intenso. Em seguida, envolveu a cintura delgada com as mãos e inclinou a cabeça, arrebatando-lhe os lábios em um beijo gentil e explorador. Ávido por amor...

E logo o encontrou na resposta abandonada de Angélica ao beijo. Na carícia suave das mãos delicadas em suas costas, antes de deslizarem para os ombros largos, enquanto ela pressionava o corpo ao dele. No contorno firme dos seios, cujos mamilos de pronto enrijeceram. Na curva quente dos quadris, à medida que se moldava a rigidez de Wolf.

Ele interrompeu o beijo, movendo os lábios sobre a linha delicada do queixo, passando pela suavidade da face afogueada e, em seguida, pelo pescoço alvo. A língua explorando as depressões na base dele.

— Eu a amo, Angélica — ofegou ele contra a pele quente. — Amo-a tanto que chega a doer! Quer se casar comigo?

Wolf a sentiu tensionar em seus braços, antes de ela se inclinar para trás para encará-lo. Os olhos cinza nebulosos fitando-o, confusos.

— Você me ama e quer se casar comigo? — indagou ofegante.

Wolf exibiu um sorriso.

— Esqueceu-se de dizer "tanto que chega a doer" — murmurou ele. — Parti daqui mais cedo com a intenção de me afastar o máximo que pudesse de você.

— Percebi.

— Humm... — Wolf anuiu, desgostoso. — Mas só consegui ir até a casa de Cesare e Robin — informou, deixando escapar um suspiro, resignado. — Passei duas horas em companhia deles, porém, totalmente excluído do amor que compartilham. Estavam dando banho nas crianças e colocando-as para dormir e durante aquele tempo, percebi que quero meus próprios filhos. Seus filhos. *Nossos* filhos — enfatizou ele. — Deus, Angel! Fui um tolo durante todos esses anos. Um completo idiota. Amar alguém... amar você não me tira nada e nem me faz menor. Lutar contra esse sentimento, recusar-me a reconhecê-lo e até mesmo tentar fugir dele é que me torna vazio. Por favor, diga que se casará comigo e me salve de voltar à vida solitária e sem amor em que vivia até agora.

Angélica mal podia acreditar que Wolf, dentre todas as pessoas no mundo, estava lhe dizendo aquilo!

Que a amava, queria casar-se com ela e ser pai de seus filhos.

Esticou a mão para lhe tocar a face enquanto fitava os olhos castanhos — escuros, hipnotizadores, faiscando de amor. Por ela.

Engoliu em seco.

— Antes de responder, seria melhor saber que Stephen disse-me há pouco que era isso que planejou, de maneira deliberada e calculista, quando nos aproximou — revelou Angélica.

— Serei eternamente grato a ele por reconhecê-la como filha e a entregar a mim até o último dia de minha vida — prometeu Wolf em tom solene. — Agora diga que se casará comigo antes que eu enlouqueça! — pressionou ele.

— Oh, sim — concordou ela com expressão radiante.

— Sim, sim, sim!

Os lábios de Wolf tomaram os dela em um beijo devorador que deixou a ambos ofegantes e trêmulos. Foi ele a interromper o beijo.

— Tenho de ir agora — começou Wolf. — Esta não é a maneira adequada de começarmos nosso noivado — acrescentou, radiante. — Sendo surpreendidos por Stephen em sua cama pela manhã!

Angélica riu. Sentia-se tão feliz que tinha a impressão de que iria explodir em milhões de pedaços. Wolf a amava! Desejava se casar com ela. Passaria o resto da vida ao lado daquele homem extraordinário. Não com o playboy mulherengo do qual o acusara, mas com um adorável amaldiçoado Gambrelli. Um homem que amava total e incondicionalmente para o resto da vida...

— Acho que ele não se importaria — garantiu Angel.

— Na verdade, deu-me a impressão de quanto mais cedo começarmos a produzir seus netos mais ele vai gostar!

Os olhos castanhos se tornaram ainda mais escuros quando lhe voltou o olhar, ciente de que a amaria com a mesma intensidade e desejo quando aquele corpo de curvas perfeitas estivesse pleno dos filhos que teriam.

Havia lutado contra o amor que sentia por aquela estonteante mulher. Contra o simples pensamento de amar qualquer mulher. Considerara o amor uma maldição.

Em vez disso, descobriu ser uma bênção.

O amor que os unia era uma bênção que iria desejar e valorizar pelo o resto da vida.

Os braços fortes se apertaram em torno do corpo de Angel.

— Não tenho idéia do que fiz para merecê-la — sussurrou com a voz rouca. — Mas quero que saiba que a amarei para o resto de nossas vidas.

Angélica sabia que aquilo era verdade. Não tinha dúvidas de que o que Wolf sempre considerara a maldição Gambrelli na verdade era a constância e a profundidade de um amor que estruturava toda a vida deles e, uma vez comprometidos com aquele sentimento, os homens Gambrelli iriam nutri-lo e protegê-lo acima de qualquer coisa.

Era o tipo de amor que sempre desejara e estava certa de que com Wolf seria um amor eterno.

CAPITULO CATORZE

— Acha que eu deveria preveni-lo? — Wolf perguntou a Angélica seis semanas mais tarde, enquanto se moviam ao som da música da festa de casamento de ambos.

— Prevenir a quem? — inquiriu ela, emitindo uma risada suave, quando girou a cabeça e seguiu o olhar do marido até se deparar com o irmão dele, Luc, que dançava com a mãe.

Aos 34 anos, com os cabelos conde mel e os olhos muito escuros, Luc era outro homem Gambrelli letalmente atraente. Nada adiantava o fato de cada uma das mulheres solteiras presentes — e várias casadas — não conseguirem desviar os olhos dele.

Estavam todos ali. Os Gambrelli, os Harper e Stephen.

O sonho que acalentara de Stephen, a mãe e Neil se encontrarem como amigos se tornara realidade.

Na verdade, aquele era o dia mais feliz de sua vida.

A família — a mãe, Neil e suas irmãs gêmeas — havia se hospedado na casa de Stephen na noite anterior, de modo que a mãe e as irmãs, suas duas damas de honra, pudessem ajudá-la a se vestir para o casamento pela manhã.

Caminhara pela nave decorada com guirlandas de braços dados com Stephen e Neil para ser entregue ao homem que a esperava no altar. Wolf, a quem amava com toda a força de seu ser.

Aquele sentimento se aprofundara entre ambos nas últimas seis semanas. Wolf demonstrava abertamente o quanto a amava e ela correspondia na mesma intensidade.

— Não, acho que não deve prevenir Luc — redarguiu ela.

Wolf fitou o irmão mais novo, ciente de que nem mesmo Kathleen, uma mulher feliz no casamento por mais de 20 anos estava imune ao charme inato de Luc.

Nenhuma mulher estava a salvo da letal sedução do irmão.

— Não. Talvez seja melhor deixá-lo descobrir sozinho o destino de todos os homens Gambrelli. A alegria e a satisfação de um amor, decidiu Wolf, voltando a atenção à esposa.

Sua esposa!

Mal conseguia acreditar que aquela mulher deslumbrante lhe pertencia. Acordara a cada manhã daquelas seis semanas beliscando-se para se certificar de que não estava sonhando e de que aquele dia ela havia se tornado sua esposa.

Amava-a mais que a própria vida. Nunca se sentira tão feliz e toda aquela felicidade estava contida no coração generoso de Angel.

Pretendia amar e cuidar de Angélica por toda a eternidade.

— Tenho um presente de casamento para você — anunciou Angel em tom tímido.

— Mas já estou usando as abotoaduras que me deu — afirmou Wolf, franzindo o cenho.

E Angélica usava o belo pingente de diamantes com o qual a presenteara na noite anterior. A jóia em forma de gota repousava suave entre o sulco dos seios.

— Tenho outro presente para lhe dar — sussurrou Angel em tom rouco, antes de se inclinar para lhe falar ao ouvido.

O braço de Wolf se apertou em torno da cintura delgada. Os olhos castanhos faiscando quando os volveu a ela.

— Tem certeza? — inquiriu, prevendo o que poderia ser.

— Absoluta — assegurou Angélica, sorrindo.

— Eu... você... Deus, Angel! Você tira meu fôlego! — exclamou Wolf, lançando-lhe um olhar de adoração. — Nunca imaginei que amar alguém... amar você me faria tão completo — confessou, antes de inclinar a cabeça e lhe tomar os lábios em um beijo apaixonado. — Teremos de dar a notícia a Stephen! — dizendo isso, puxou-a pela mão, abrindo caminho entre a multidão que se movia na pista de dança até o lugar, onde Stephen e Neil se encontravam sentados conversando.

Angélica riu, divertida e exultante, amando Wolf com a mesma intensidade com que já amava a filha ou filho que estava certa de carregar em seu ventre.

A primeira da dúzia de filhos que, como lhe dissera Wolf, seriam a prova maior do amor daquele homem Gambrelli...